

COBERTURA DA CRISE DE REFUGIADOS SÍRIOS NA ERA DIGITAL

PÚBLICO, THE GUARDIAN e THE NEW YORK TIMES

Inês Cereja

Dissertação de Mestrado em Ciências da Comunicação –
Especialização em Média e Jornalismo

Março de 2017

Dissertação apresentada para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Ciências da Comunicação – Especialização em Média e Jornalismo, realizada sob a orientação científica da Professora Doutora Carla Baptista.

Nota: Versão corrigida e melhorada após defesa pública.

Resumo

Cobertura da Crise de Refugiados Sírios na Era Digital

Público, The Guardian e The New York Times

A presente dissertação analisa a cobertura da crise de refugiados sírios realizada por três jornais - *Público, The Guardian e The New York Times* –, nas suas edições *online*, entre 2013 e 2016.

Pretendemos enquadrar e contextualizar a temática das migrações e em particular da *Primavera Árabe* e da crise de refugiados sírios, e debater os impactos da comunicação digital e dos novos média na eclosão e disseminação dos movimentos sociais e das migrações. A principal proposta deste trabalho é questionar criticamente o papel do jornalismo na representação desta crise e dos seus protagonistas, bem como o seu potencial cívico e político no contexto mais geral do tema dos refugiados.

Palavras-chave:

Primavera Árabe; Síria; Refugiados; Migrações; Média Tradicionais; Novos Média; Digital; Público; The Guardian; The NYT.

Nota: Esta dissertação foi escrita ao abrigo do acordo ortográfico de 1945.

Índice

Capítulo I: Contextualização	2
I. 1. O Caso da <i>Primavera Árabe</i>	2
I. 2. O Caso Particular da Síria.....	4
I. 3. O Estatuto de Refugiado e a União Europeia	6
I. 4. Os Média e o Tema da Migração	10
I. 5. Os Novos Média na Divulgação de Informação.....	16
I. 6. Novos Média e Média Tradicionais na Cobertura da <i>Primavera Árabe</i>	20
I. 7. Os Novos Média na <i>Primavera Árabe</i>	22
I. 8. Os Novos Média no Enquadramento Concreto da Síria.....	26
Capítulo II: Estudo Empírico	32
II. 1. Metodologias	33
II. 1.1. Os Jornais em Análise	33
II. 1.2. Delimitação Temporal do Corpus Empírico	35
II. 1.3. Critérios na Recolha de Dados	36
II. 2. Recolha e Análise dos Dados.....	38
Capítulo III: Resultados e Discussão	51
Conclusões	60
Referências Bibliográficas	67
Publicações Consultadas	71
Anexos: Gráficos e Tabelas	123

CAPÍTULO I

CONTEXTUALIZAÇÃO

I.1. O Caso da *Primavera Árabe*

A chamada *Primavera Árabe* teve início na Tunísia, a 18 de Dezembro de 2010 e consistiu numa onda revolucionária de demonstrações e protestos (tanto violentos como não-violentos), motins e guerras civis que alastraram pelos países do norte de África e Médio Oriente.

Os protestos de carácter social, mais tarde apelidados de *Primavera Árabe*, surgem por factores demográficos estruturais e duras condições de vida promovidas pelo desemprego, ligados aos regimes corruptos e autoritários. Estes regimes nascem dos nacionalismos árabes nas décadas de 1950 a 1979, convertendo-se eventualmente em governos repressores que impediam a oposição política e a formação de regimes democráticos.

A 17 de Dezembro de 2010, Mohamed Bouazizi, um vendedor de rua tunisino, ateou fogo a si mesmo como protesto contra o abuso de força por parte da polícia. Este acto chocou o país e desencadeou uma série de acontecimentos que mudaria de forma definitiva o panorama político da região. Primeiro na Tunísia, levando o presidente Zine el-Abdine Ben Ali a fugir para a Arábia Saudita em apenas dez dias; seguido pelo Egípto onde o presidente Hosni Mubarak, no poder há 30 anos, renuncia ao fim de dezoito dias. Foram ambos às urnas ainda em 2011.

Durante 40 anos, ou mais, antes da auto-imolação de Mohamed Bouazizi na cidade tunisina de Sidi Bouzid simbolicamente despoletar uma onda de revoltas que atravessaram o mundo árabe, havia poucas indicações de que o panorama político da região pudesse ser abalado de forma tão drástica pelas inquietações políticas que vimos despoletar nestes países (Ozekin, 2014).

Na Tunísia, as manifestações não foram inicialmente cobertas pela televisão local em consequência do uso de força por parte da polícia, que tentou prender todos aqueles que filmavam os eventos que decorriam. O ditador Zine el-Abdine Ben Ali bloqueou a maior parte dos *sites* de índole política, negligenciando, no entanto, o

Facebook, caracterizando-o como uma plataforma recreativa. É nesta plataforma, no entanto, que os vídeos produzidos pelos manifestantes e activistas se tornam virais. A televisão nacional tunisina transmite mais tarde os mesmos, fazendo-os chegar a grande parte dos habitantes do país, impulsionando manifestações nas cidades vizinhas, que levam à fuga do presidente numa questão de dias e à queda do governo a 14 de Janeiro de 2011.

Seis meses antes dos acontecimentos na Tunísia, o Egipto teve o seu próprio mártir, Khaled Mohamed Saeed, um jovem programador informático que tentou expôr *online* a corrupção do governo e que foi torturado e morto pela polícia. O presidente Hosni Mubarak não bloqueava frequentemente plataformas *online*, utilizando-as no entanto para localizar e prender activistas. Incentivados pela rapidez com que os tunisinos conseguiram depor o seu presidente, os egípcios planearam nessas mesmas plataformas protestos na praça Tahrir, na cidade do Cairo – o primeiro a 25 de Janeiro de 2011. A 28 de Janeiro o governo bloqueou todas as redes de telecomunicação, bloqueando o uso dos telemóveis e *internet*, o que leva a população à rua, despoletando protestos de maior dimensão. O governo caiu ao fim de duas semanas.

Na Tunísia e no Egipto as revoltas sociais levaram à queda dos líderes autoritários, Zine El Abidine Ben Ali e Hosni Mubarak, mas as incertezas e desafios na sua transição para a democracia continuam, dadas as complexas dificuldades económicas e sociais desses países (Ozekin, 2014).

No caso da Líbia, as manifestações começam a 15 de Fevereiro de 2011, em Bengazi e resultaram, em última instância, numa guerra civil. O que começou como uma manifestação pacífica na cidade de Bengazi, transformou-se num confronto de cariz militar. No dia 17 de Fevereiro, num segundo protesto, as forças militares dispararam sobre os manifestantes. No dia 18 de Fevereiro, essas mesmas forças retiraram-se da cidade por se sentirem dominadas pelos manifestantes.

Os rebeldes avançaram lentamente sobre as cidades controladas pelo regime do ditador Gaddafi – no poder há 42 anos. A capital caiu em Agosto e o ditador seria capturado e morto dois meses depois. As forças anti-Gaddafi estabeleceram um governo provisório em Bengazi, chamado Conselho Nacional de Transição, que não consegue no entanto construir um governo central e pôr fim à desordem e à violência

no país, onde várias facções ainda se encontram em conflito armado. O país acaba por cair novamente em guerra civil, após as eleições falhadas a 7 de Julho de 2012.

O último ditador a cair foi Ali Abdullah Saleh, presidente do Iémen, que assinou um acordo no final de Novembro de 2011 – que entrou em vigor em Fevereiro de 2012 – onde transferia os seus poderes para o vice-presidente Adb Rabbuh Mansur Hadi. Este acordo não foi aceite por todas as facções e embora tenham sido realizadas eleições presidenciais em Fevereiro de 2012, a situação política manteve-se instável, com confrontos sangrentos e disputas que deixaram o país à beira de uma guerra civil. Hadi, eleito sem oposição nas presidenciais de Fevereiro de 2012 é deposto pelos rebeldes a 22 de Janeiro de 2015, intensificando a guerra civil.

I.2. O Caso Particular da Síria

Embora a *Primavera Árabe* se trate de uma revolução de cariz social em que todos os países envolvidos atravessaram as suas dificuldades no caminho para a democracia – e até guerras civis –, o caso mais complexo e sangrento é o sírio, espoletando uma crise de refugiados que abala a região e o mundo, nos anos seguintes.

Os protestos na Síria começaram a 26 de Janeiro de 2011, quando um polícia agrediu e prendeu um homem, em Damascus, levando a população para a rua, exigindo a sua libertação. Os protestos intensificaram-se, passando a conflito armado a 6 de Março de 2011, na cidade de Deraa, depois da prisão e tortura de alguns adolescentes que pintaram *slogans* revolucionários na parede de uma escola. Após as forças de segurança dispararem sobre os manifestantes, matando grande parte dos mesmos, mais pessoas saíram à rua.

Estes factos originaram protestos a nível nacional, exigindo que o presidente Bashar al-Assad se demitisse. O uso da força sobre os manifestantes, por parte do governo, apenas fortaleceu a determinação dos mesmos. Em Julho de 2011, centenas de milhartinham saído à rua, um pouco por todo o país. Apoiantes da oposição começaram eventualmente a pegar em armas, inicialmente para se defenderem e depois para levarem as forças de segurança a regressarem à sua base.

A violência aumentou e o país caiu em guerra civil quando as forças rebeldes se

formaram para combater as forças governamentais pelo controlo das cidades e das regiões rurais. Os combates chegaram à capital, Damasco, e à segunda maior cidade, Aleppo, em 2012. Em Junho de 2013, as Nações Unidas estimavam que mais de noventa mil pessoas tinham sido mortas no conflito. Em Agosto de 2015 essa estimativa subia para duzentas e cinquenta mil.

O conflito é neste momento mais do que um confronto entre as forças pró e contra o presidente Assad. Formou facções lançando a maioria Sunita contra a minoria Alauita à qual o presidente pertence, atraindo forças locais e internacionais – incluindo forças do grupo jihadista que se intitula *Estado Islâmico*.

A comissão de inquérito das Nações Unidas tem provas de que todas as partes envolvidas no conflito terão cometido crimes de guerra – incluindo homicídio, tortura, violação e desaparecimentos forçados. As forças envolvidas foram acusadas também de ‘sofrimento civil’ – como o bloqueio de acesso a comida, água e serviços de saúde, através de cercos – como método de guerra.

Centenas de pessoas foram mortas em Agosto de 2013, quando foguetes cheios do agente nervoso *Sarin* foram disparados nos subúrbios de Damasco. Forças governamentais ocidentais argumentaram que um ataque desse tipo só poderia ter sido levado a cabo pelo governo sírio; no entanto o governo culpou as forças rebeldes. Confrontado com a possibilidade da intervenção do exército norte-americano, o presidente Assad concorda remover e destruir todo o arsenal de armas químicas sírias. Esta operação foi oficialmente completada no ano seguinte, sendo ainda, no entanto, documentado o uso de armas químicas no conflito, após esta data.

Mais de 11 milhões de sírios foram deslocados das suas casas desde o início do conflito. Cerca de 13.5 milhões necessitam de assistência humanitária e 4.8 milhões de pessoas fugiram do país, sendo que 6.6 milhões se encontram deslocadas internamente. Os países vizinhos como o Líbano, Jordânia e Turquia, têm tido dificuldades em lidar com aquele que foi um dos maiores êxodos de refugiados da história moderna. Cerca de 10% dos refugiados sírios procuraram segurança na Europa, onde os vários países discutiram sobre a divisão do fardo.

Tendo em conta que nenhuma das facções foi capaz de derrotar a outra a nível

militar, a comunidade internacional concluiu que apenas uma solução política levaria ao fim do conflito na Síria. O Conselho de Segurança das Nações Unidas pediu a implementação das decisões tomadas em Genebra em 2012, naquele que ficou conhecido como o *Comunicado de Genebra*, e que visa a implementação de um governo de transição, com plenos poderes executivos, formado na base do consentimento mútuo.

A discussão, no início de 2014, conhecida como Genebra II, terminou ao final de apenas duas rondas, com o então enviado especial das Nações Unidas, Lakhdar Brahimi, a culpar o governo sírio pela recusa de ouvir as exigências da oposição. O sucessor de Brahimi, Staffan de Mistura, concentrou-se em estabelecer uma série de cessar – fogos locais. O seu plano para uma ‘zona neutra’ em Aleppo foi rejeitado; no entanto conseguiu acabar com o cerco de 3 anos em Homs, no final de 2015.

Em simultâneo, o envolvimento das forças do *Estado Islâmico* proporciona um novo impulso à procura da solução política na Síria. Os Estados Unidos da América e a Rússia comandaram esforços para conseguir que representantes do governo e da oposição se juntassem em Janeiro de 2016 para ‘conversas de aproximação’ em Genebra, com o intuito de discutir trajectos para a paz apoiados pelo conselho de segurança, incluindo cessar-fogo e um período de transição que acabaria em eleições.

O Irão, a Rússia e o *Hezbollah* (grupo Xiita e paramilitar fundamentalista) dão nesta altura apoio ao governo Alauita do presidente Assad, enquanto a Turquia, Arábia Saudita, Qatar, Jordânia e coligação dos Estados Unidos, Reino Unido e França dão apoio à oposição.

O caso sírio é único dentro do desenrolar da *Primavera Árabe*, pela guerra civil que se desencadeou no país, com influência de actores internacionais, e pela enorme crise de refugiados que gerou, com consequências para a política global europeia. A guerra da Síria afecta toda a região e também a Europa, tornando-se num caso de estudo incontornável, extensivamente coberto pelos média nos anos seguintes e até ao presente.

I.3. O Estatuto de Refugiado e a União Europeia

A situação de migração forçada (ou involuntária) inclui vários tipos de categorias legais e políticas. Todas envolvem pessoas que foram forçadas a fugir das suas casas e a procurar asilo noutra local. A maior parte dos migrantes forçados foge por motivos não reconhecidos pelo regime internacional de refugiados e alguns estão deslocados dentro do seu próprio país.

De acordo com a convenção de 1951, das Nações Unidas, um 'Refugiado' é uma pessoa a residir fora do seu país de nacionalidade e que é incapaz ou relutante em regressar por motivos de um 'medo bem fundado de perseguição, por razões de raça, religião, racionalidade, pertença a um grupo social específico, ou opinião política'; 145 dos 191 países pertencentes às Nações Unidas, nessa data, assinaram a convenção de 1951 ou o seu protocolo de 1967 (Castles, 2004).

Os Estados Membros comprometeram-se a proteger os refugiados e a respeitar o princípio de não repulsão (ao não os deportar para os países onde são perseguidos). O que, na prática, significa a entrada no país de acolhimento, onde lhes será concedido o estatuto de residência (temporário ou permanente). Refugiados, oficialmente reconhecidos como tal, estão, em grande parte, em melhores condições que outros migrantes forçados, possuindo um estatuto legal claro e usufruindo, portanto, da protecção de uma instituição poderosa: o Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados(ACNUR). Os refugiados vêm de países atingidos pela guerra, pela violência e pelo caos.

Os 'Requerentes de Asilo' são pessoas que se movem através de fronteiras internacionais, à procura de protecção, mas cujo pedido sobre a obtenção do estatuto de 'Refugiado' ainda não foi concedido. Alguns membros da imprensa e partidos políticos, normalmente de direita, alegam que os 'Requerentes de Asilo' não são vítimas reais de perseguição, mas simplesmente migrantes por motivos económicos, sob disfarce.

Em grande parte das situações de conflito, é difícil distinguir entre uma fuga por motivos de perseguição e uma partida provocada pela destruição da economia e das infra – estruturas sociais necessárias à sobrevivência, no entanto, a necessidade de fugir é incontestável. Os requerentes de asilo vivem em circunstâncias incertas e por vezes deprimentes, já que a decisão sobre o seu pedido de estatuto oficial de

‘Refugiado’ pode demorar vários anos (Castles, 2004).

Ainda sobre o estatuto de refugiado e sobre a acção do ACNUR (Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados), é importante referir que quando o estatuto surgiu, era dada ao refugiado a decisão de quando e sob que condições regressaria ao seu país. Com o final da guerra fria o repatriamento começou a ser visto como a única solução eficaz para o problema dos refugiados. Nesta altura os governos começaram a exercer pressão sobre o Alto Comissariado para devolver os refugiados aos seus países de origem (Loescher, 2001).

Nos anos 90, tendo em conta este novo clima político, o Alto Comissariado começa a defender que o repatriamento e a reintegração são uma questão de segurança internacional. O gabinete começa a usar novas terminologias como ‘regresso seguro’ e a argumentar que será melhor regressar ao país com o seu apoio, do que permanecer num campo de refugiados, sem apoio. Os refugiados deixam assim de poder decidir quando regressar (ou quando é seguro fazê-lo) para deixar essa decisão nas mãos do ACNUR.

O regime de refugiado tem um número importante de lacunas institucionais que tem resultado em grupos totalmente desprotegidos e sem assistência, ou seja, negligenciados. A resposta internacional continua a ser compartimentada, com questões políticas, de desenvolvimento, segurança e humanitarismo, a ser discutidas em fóruns diferentes, cada um com diferentes tipos de acções políticas e abordagens (Loescher, 2001).

A população síria, que foge da guerra civil no seu país é considerada, nos parâmetros acima, como refugiada. No entanto, o estatuto pode – como vimos – não ser atribuído de imediato, pelo que estas pessoas podem passar meses ou até anos enquanto requerentes de asilo, dependendo do país que as acolhe.

A União Europeia e os seus estados membros olharam para as mudanças monumentais que ocorriam no Mundo Árabe como uma oportunidade política única, não só para o povo árabe mas também para a região mediterrânea e para as ligações entre a Europa e esses povos. Como resposta ao que ocorria, a União Europeia estendeu o seu foco à promoção da democracia na região do Médio Oriente. No

entanto, embora a U.E. tenha colocado o ênfase em construir uma base democrática nestes países, não criou novas respostas em relação à migração e, posteriormente, aos refugiados. As políticas europeias foram, aliás, numa fase inicial da *Primavera Árabe*, simplesmente reafirmadas, com os países da zona mediterrânea a apertarem o controlo nas respectivas fronteiras (Fargues et al., 2012).

A intensificação da crise de refugiados na Síria, em conjunto com as tragédias humanas no Mar Mediterrâneo, desviaram a atenção do público assim como de políticos e legisladores para o assunto em causa. Particularmente, de políticos cujo foco central havia sido o do impacto dos refugiados nos seus próprios países, e que começam nesta altura a apreciar a questão com um olhar mais humanitário, dando ênfase à importância da responsabilidade colectiva de ajuda no terreno (Yazgan et al., 2015).

Em 2011, a Comissão Europeia criou um ‘Programa de Protecção Regional’ no Norte de África – em particular no Egipto, Tunísia e, quando possível, na Líbia. Estes programas surgem nesta altura para gerir a crise de refugiados fora das fronteiras da Europa, perto dos países de origem dos mesmos. No entanto, foi recomendado pela Comissão Europeia que os próprios estados membros aceitassem ‘o restabelecimento’ de algumas dessas pessoas dentro dos seus próprios países – embora, na realidade, no final de 2011 a Europa tivesse recebido apenas 700 refugiados.

Cecília Malmström - Comissária Europeia da Política Interna -, numa reflexão sobre a resposta europeia à problemática em causa, na Universidade de Harvard, em Abril de 2012, afirmou: “Nenhum dos estados europeus tomou uma iniciativa séria para providenciar abrigo no seu próprio solo àqueles que necessitam de protecção internacional... Em vez de solidariedade entre os estados membros, França e Itália discutiram sobre os possíveis riscos na sua segurança interna, com a França a reforçar, até, as suas fronteiras internas com a Itália. Portanto em vez de estenderem uma mão e protegerem, os estados membros da União Europeia olhavam para si mesmos e para a sua segurança”.

No final de Dezembro de 2016¹, a Alemanha fez o compromisso de

¹ Fontes: Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados (ACNUR), Escritório das Nações Unidas para a Coordenação de Assuntos Humanitários (OCHA), Organização Internacional Para as Migrações

alocar 43,431 lugares a refugiados sírios no seu país, através de diversos planos de alojamento – cerca de 46% do total da União Europeia.

Excluindo a Alemanha, os outros 27 países da U.E. tinham feito o compromisso de alocar (combinadamente) 51,205 lugares a refugiados sírios no seu país, através de diversos planos de alojamento.

A Alemanha e a Suécia, juntas, receberam 64% das aplicações de requerentes de asilo sírios na Europa, entre Abril de 2014 e Outubro de 2016.

I.4. Os Média e o Tema da Migração

O que lemos e vemos molda-nos enquanto indivíduos e enquanto sociedade, sendo a opinião pública extremamente influenciada pelos média, nas suas mais variadas plataformas. Estas mensagens têm um grande impacto em nós, enquanto audiência; no entanto podem ter sido condicionadas, interpretadas e relatadas da forma que mais interessa a uma caso específico, que pode servir um propósito político, económico ou social. São inúmeros os factores que movem os média e que se tornam decisivos na forma como as mensagens chegam até nós.

A imprensa pode, pela forma como retrata os eventos, moldar as linhas de pensamento consideradas aceitáveis sobre um determinado tópico. Tem assim o poder de estabelecer a agenda para o que é politicamente e socialmente importante no que diz respeito ao assunto da imigração (Caviedes, 2015), ou no caso presente, dos refugiados e requerentes de asilo. Isto significa que os média podem responder a este tipo de situações de várias formas.

Numa sociedade severamente estratificada entre ricos e pobres, a chegada de novos grupos – sejam eles migrantes de cariz económico ou refugiados –, pode colocar uma grande pressão sobre as áreas mais pobres dessa mesma sociedade, enquanto estas lutam pelos já escassos recursos em termos de saúde, alojamento e educação. Eventos deste tipo podem levar ao medo nas populações e criar situações graves de xenofobia e racismo, agravadas pela falta de soluções por parte dos próprios governos (Philo et al., 2013).

O medo político em relação à migração – particularmente referente às ondas de refugiados – não é nada de novo. Historiadores recordam campanhas contra os imigrantes Judeus, na Grã - Bretanha, em 1880; ou o movimento reactivista nos EUA nos anos 20, que se opunha à entrada de todos aqueles que não tivessem ascendência britânica ou da Europa Ocidental; assim como a política da ‘Austrália Branca’, criada para manter os asiáticos fora do país e que foi mantida e apoiada pelos vários partidos até aos anos 60. Com o final da guerra fria, a migração voltou a ser um tópico comum com o medo da chegada de dezenas de milhar de migrantes. Nesta altura, mais uma vez partidos da extrema-direita, mobilizaram a opinião pública e a violência de carácter racista intensificou-se na Europa Ocidental. Vários Estados aumentaram o controlo nas suas fronteiras e reforçaram as regras em relação aos refugiados (Castles, 2004).

Jornais sensacionalistas e políticos de extrema-direita associam frequentemente consequências negativas, tais como o aumento da taxa da criminalidade, terrorismo fundamentalista, o colapso do sistema social e o aumento do desemprego à entrada de imigrantes ilegais, refugiados e requerentes de asilo. Estes pedem controlos mais rigorosos na entrada de pessoas no país, detenção e deportação de pessoas ilegais (Castles, 2004). Fazem-no para aumentar o apoio popular aos partidos de direita, populistas ou nacionalistas; enquanto este tipo de retórica funciona também para reduzir a discussão pública sobre o impacto de outros factores no país, tal como crises financeiras ou económicas, recensões e respostas políticas inadequadas a estes mesmos problemas (Philo et al., 2013).

Paralelamente, existiu também o aumento de um discurso global de compaixão que se desenvolve no cruzamento entre política, organizações humanitárias, média e audiências/cidadãos. Este tem a capacidade de moldar o nosso pensamento – a nível político, jornalístico e do quotidiano – em questões de violência e conflitos no mundo (Hojjer, 2004). Uma das tendências na política ocidental, assim como nos média e entre o público, é o foco no sofrimento humano em conflitos e guerras distantes. A compaixão global é vista como moralmente correcta na luta pela democracia e os ‘crimes contra a humanidade’ são condenados pela comunidade internacional.

Os médiapodem então focar-se na situação difícil dos recém chegados e

pressionar líderes políticos e legisladores a responder às necessidades dos refugiados e outros grupos em necessidade ao direccionar os recursos apropriados e ao tentar reduzir a tensão em áreas locais. Podem também apontar para o papel do Ocidente na contribuição do nível económico nos países menos desenvolvidos e nas zonas onde o conflito tem criado movimentos populacionais em grande escala. Ou podem tirar partido das potenciais tensões criadas por estes movimentos para a sua própria vantagem comercial, na tentativa de aumentar o número de leitores, ouvintes ou telespectadores (Philo et al., 2013).

Segundo Martin Bell, repórter da BBC, a reportagem de crises e conflitos tem mudado fundamentalmente, afastando-se do relato dos aspectos militares, tais como estratégias e sistemas de armamento, para se focar nas pessoas. O repórter acredita num conceito de jornalismo de apego: “um jornalismo que se interessa, ao mesmo tempo que possui informação; que está ciente das suas responsabilidades; que não se manterá neutro entre o bem e o mal, certo e errado, a vítima e o opressor” (Hoijer, 2004). No entanto, a reportagem jornalística sobre o sofrimento distante pode também fazer parte de interesses comerciais, nos quais os média vendem tragédias humanas num mercado global. Em busca de audiências e leitores; alguns produtores de notícias seguem a lógica de uma cobertura cada vez mais dramática, e os jornalistas perdem alguma da sua sensibilidade. Em ambas as perspectivas, no entanto, e independentemente da agenda, existe uma maior cobertura da pessoa, do refugiado.

Simultaneamente, as redes sociais estão a mudar fundamentalmente o panorama do jornalismo: os voluntários nas linhas da frente, a trabalhar com os refugiados na Europa, têm desafiado tanto as agências de ajuda tradicionais como organizações de média, ao mostrarem-se flexíveis e adaptáveis, assim como na forma como arrecadam fundos. Eles também nos desafiam a pensar de forma diferente em relação à própria prática jornalística e aos caminhos para a mudança. As histórias contadas pelos voluntários tendem a apelar directamente aos sentimentos ou a advogar o apoio aos refugiados ou a certa instituição; e os jornalistas não devem abandonar princípios fundamentais de equilíbrio e objectividade para seguirem essa tendência. No entanto, as organizações de média podem dar um passo para além do relato objectivo ao adicionarem recursos a cada artigo, de forma a que os seus leitores

possam aprender mais sobre as questões e organizações envolvidas.

A linha entre jornalismo profissional e jornalismo cidadão é cada vez mais ténue e a necessidade para que as plataformas *online* sejam transparentes em relação às suas fontes e sobre quem fala com o público através das suas páginas, será cada vez maior. Em relação ao público, a necessidade de investigação própria e de confirmação da veracidade de uma história ou qual a sua fonte, será também cada vez maior.

Se feito correctamente, o jornalismo pode ser uma força democrática que deve representar um diálogo entre aqueles que sabem e aqueles que querem saber, com os jornalistas nos seus novos papéis como curadores, facilitadores, organizadores e educadores – ajudando os cidadãos que agora fornecem também informação, naquilo que podem. Os membros da antiga audiência podem agora falar uns com os outros, o que significará ‘o maior aumento em capacidade expressiva na história humana’ (Newman, 2009). A imprensa tem portanto um papel decisivo na formação do discurso político europeu no que diz respeito, também, à migração.

Examinar a forma como a imprensa relata este tema pressupõe identificar que tipo de problemáticas recebe mais atenção e também a forma como estas são tratadas (Caviedes, 2015). É importante perceber que tipo de cobertura está a ser feita na imprensa europeia ocidental aquando da *Primavera Árabe* e Guerra Civil Síria e o que mudou, quando confrontado com os resultados recolhidos nos jornais aqui em análise.

Em ‘An Emerging European News Portrayal of Immigration?’, Caviedes (2015) analisa de forma quantitativa como jornais no Reino Unido, França e Itália - numa análise compreendida entre 2008 e 2012 - mais frequentemente enquadram o tema da migração e imigração. O autor explica que as duas grandes narrativas na cobertura do tema envolvem tanto o enquadramento económico como o da segurança.

Grande parte da investigação da cobertura de jornais sobre a imigração em países individuais sugere que os migrantes são cada vez mais ligados à criminalidade e a problemas de segurança, enquanto o enquadramento no sentido económico tem diminuído. Em particular, o autor cita Sciortiono e Colombo (2004) e Benson (2013), estudos que traçam a cobertura da problemática nos anos 70 e 90, salientando que tem vindo a existir uma mudança gradual entre um enquadramento primeiramente

económico e um de falta de segurança, tanto em Itália (primeiro estudo mencionado), como em França (segundo).

Caviedes aponta ainda para o facto de estudiosos da linha de pensamento da Escola de Copenhaga, na questão das relações internacionais, terem vindo a sublinhar como o discurso - e até mesmo as políticas relativas à imigração - se focarem na segurança e ameaças físicas. Embora, tradicionalmente, a imigração tenha sido relatada em função da sua componente económica, o argumento é que esta narrativa tem sido ultrapassada por aquela de segurança, com um discurso que associa os migrantes à criminalidade e até ao terrorismo. Dois dos estudiosos mais relevantes nesta linha de pensamento, Didier Bigo (2002) e Jef Huysmans (2006), fazem duas argumentações relevantes nos seus trabalhos: a primeira – que está a emergir no enquadramento comum que diz respeito à temática, centrado nas questões de segurança e – a segunda – que os média são protagonistas no que diz respeito a formar um tom de discurso público à volta do tema das migrações.

Caviedes (2015) demonstra que as duas grandes narrativas na cobertura do tema, que envolvem tanto o enquadramento económico como o de segurança, se mantêm em pé de igualdade e nenhuma delas demonstra ser prevalente. Problemas com implicações económicas, tais como o mercado de trabalho ou os custos fiscais, continuam a ser tão relevantes na imprensa como as questões relacionadas com a criminalidade e a ameaça física. A caracterização do enquadramento dos média que se vem a afastar das questões económicas e a aproximar das questões de segurança, já não é, segundo o autor, correcta. Cita mais uma vez, Sciortino e Colombo (2004): “pesquisas que examinam tendências ao longo de décadas têm encontrado que as narrativas chave de enquadramento das notícias não estão fixas mas oscilam ao longo do tempo”.

O artigo ‘The Role of the Press in the War on Asylum (Philo et al., 2013), examina 69 artigos de jornais nacionais Ingleses em Junho de 2011 e procura perceber, também, a forma como os média europeus ocidentais, aqui representados por jornais ingleses – Daily Express, Daily Mail, Sun, Telegraph – cobrem a temática, nesta altura. Este trabalho de investigação determina que, no caso dos artigos analisados, as vozes que ocupavam mais espaço eram as dos políticos. De 146 declarações, nestes 69

artigos, apenas 5 pertenciam a refugiados (3,4% do total).

Embora alguns artigos mencionem que estas pessoas vêm de países da *Primavera Árabe* e apontem até certas regras referentes ao asilo ou aos refugiados, continuam a retratá-los como imigrantes ilegais ou a cobrir a sua entrada no país como se se tratasse de mais um caso de imigração económica. Um dos artigos continha, até, uma declaração feita por Cecília Malmstron - Comissária Europeia da Política Interna –, onde esta utiliza a palavra ‘refugiados’ e acusa “os governos da União Europeia de permitirem que sentimentos xenófobos na Europa guiassem as políticas de imigração, falhando assim na protecção dos refugiados vindos do Norte de África”. Nesse mesmo artigo, depois desta citação, o jornalista voltava a usar a palavra ‘imigrantes’ para descrever os refugiados dizendo “acredita-se que cerca de 1,500 imigrantes possam ter morrido a tentar chegar aos países do sul da Europa, este ano”.

São importantes os conceitos de migrante, requerente de asilo e refugiado acima sublinhados, compreendendo que diferentes plataformas e tipos de média e imprensa poderão usá-los de forma diferente ao descrever a mesma pessoa, sendo isto uma estratégia de *framing* (enquadramento) da notícia em causa, dependendo dos interesses que o próprio jornal tem. Cecília Malmstron – Comissária Europeia da Política Interna – especifica que estas pessoas são refugiados; no entanto, a imprensa inglesa, aqui representada por jornais alinhados à direita política, identifica-os como imigrantes, enquadrando a notícia com uma conotação negativa. O estatuto de refugiado acarreta problemas complexos que têm vindo a agravar-se ao longo do tempo e é importante que os média o usem quando apropriado.

O conteúdo noticioso não se reduz a meras combinações de palavras, carrega consigo significados sociais e reflecte os princípios organizacionais prevalentes na sociedade, através da selecção de palavras, fontes e metáforas seleccionadas pelo jornalista. Este processo delimita um assunto, reduz uma situação complexa a uma mais simples e mais fácil de compreender, forma a interpretação do público ao salientar alguns elementos e ignorar ou reduzir outros (Baresch et al., 2011).

Segundo a definição clássica de Entman, “enquadrar é seleccionar alguns aspectos de uma realidade interpretada e fazer deles mais salientes, num texto comunicativo, de forma a promover uma definição particular do problema,

interpretação causal avaliação moral e/ou recomendação de forma a tratá-lo". O enquadramento é uma forma necessária de organização da informação, de forma a torná-la mais coerente e interessante e também para a pôr em perspectiva. O que merece aqui reflexão é tentar perceber se o enquadramento é equilibrado.

Em *'The Role of the Press in the War on Asylum'* (Philo et al., 2013), não só os jornais analisados (*Daily Express, Daily Mail, Sun e Telegraph*) retratam estes refugiados como imigrantes económicos e imigrantes ilegais fraudulentos, usando casos em que os pedidos de asilo foram negados pelo governo inglês, entre outros; como recorrem ao uso de linguagem que os caracteriza como 'ilegais', 'fraudes', 'falsos', para fazerem pressão para a deportação destes refugiados. Um dos artigos menciona ainda como algumas das leis da União Europeia serão demasiado "descontraídas para lidar com a onda de imigrantes" provenientes dos países da *Primavera Árabe*.

A linguagem foi também aqui usada para justificar um controlo mais forte nas fronteiras, atacando a política de amnistia que permite a requerentes de asilo permanecer no país enquanto o seu estatuto não é ainda oficial, em consequência da sua ligação a membros de família e ao tempo em que estão no país. Um dos jornais, o *Daily Express*, reporta que "450,000 casos de requerentes de asilo foram encontrados em caixas abandonadas no Ministério da Administração Interna há cinco anos", enquanto o *Daily Mail* faz uma comparação de escala, dizendo que "uma cidade de ilegais do tamanho de Brighton é autorizada a ficar".

Para além da questão económica, a imprensa, aqui representada pelos jornais acima mencionados, faz também uma segunda associação - a de ameaça à segurança. Nos artigos referentes a refugiados e requerentes de asilo, o tema de 'ameaça' é desenvolvido através de um debate sobre a deportação de criminosos e terroristas. A associação é, também, feita através da descrição de crimes ou outros danos cometidos por requerentes de asilo, criando um sentimento de 'ameaça pública' e consequentemente, falta de segurança. Todos estes são exemplos de um enquadramento negativo em torno do tema dos refugiados. No entanto, existem diferentes tipos de sistemas e organizações de média, com diferentes políticas noticiosas e diferentes jornalistas; alguns empenhar-se-ão pela objectividade, outros

terão os seus próprios *bias*.

I.5. Os Novos Média na Divulgação de Informação

Os novos média representam variadíssimas potencialidades no meio jornalístico, já que nos mesmos é possível não só a propagação de notícias de forma imediata, como a possibilidade do leitor participar activamente no processo de produção de informação. Isto cria uma nova dinâmica de produção de notícias que pode ser muito vantajosa tanto para a audiência como para o próprio jornalista. Surge então um tipo de jornalismo participativo, no qual o cidadão ou grupo de cidadãos desempenha um papel activo no processo de produção, análise e disseminação de notícias e informação.

O formato digital aliado às redes sociais como ferramentas dos novos média, possibilitam ao profissional novas oportunidades de interagir com o público. Depende dos próprios jornalistas tomarem ou não partido desta vantagem, estando no entanto preparados para sentir, no imediato, as repercussões e diferentes reacções do público com o qual os conteúdos são partilhados.

João Canavilhas caracteriza esta relação entre as redes sociais e os média afirmando que “as redes sociais facilitam uma mudança na forma como os utilizadores se relacionam com os meios de comunicação, fortalecendo assim os vínculos. Este enfoque melhora a transformação das audiências em comunidades, situação que tende a gerar lealdade dos consumidores pelo sentimento de pertença a uma comunidade informativa.” (Canavilhas, 2011).

Os novos média permitem aos consumidores participar no processo de filtragem e publicação de notícias – fazendo, eles mesmos, parte do processo de *gatewatching*. Um papel que era, inicialmente, exclusivo aos jornalistas profissionais, editores de jornais e outras autoridades consideradas oficiais – é hoje também uma tarefa da audiência que selecciona a informação e que a dissemina nas plataformas a que tem acesso, *online*.

Alguns dos factores relevantes no jornalismo são não só o que é coberto, mas a forma como é e quais as fontes utilizadas. As fontes ajudam a dar contornos a como um evento é reportado, influenciando a forma como o público vê e interpreta um

certo tema. Alguns estudos têm apontado para uma fraca diversidade no que diz respeito às fontes tradicionais – com dependência do poder institucional, oficiais do governo, líderes políticos e de negócios – uma tendência que tem vindo a mudar, com os novos média (Hermida, 2012).

A natureza mais aberta dos novos média e das redes sociais permitem-lhe, em teoria, abranger uma grande panóplia de fontes e uma maior pluralidade. Isto permite que se formem novas relações que vêm, potencialmente, quebrar as estruturas hierárquicas tradicionais, no que diz respeito às fontes, e que se ultratasse a distinção tradicional entre produtores e consumidores de notícias e informação.

Devido ao papel das redes sociais e do jornalismo cidadão em casos como o das eleições iranianas, em 2009, ou dos ataques em Mumbai, em 2008, começou a ser possível, nesta altura, para cidadãos comuns começarem a controlar as notícias, presenciando uma mudança histórica no controlo das notícias, das organizações tradicionais para a audiência em si, que se vem a consolidar com o caso da *Primavera Árabe*, em 2011 (Newman, 2009).

Desde *bloggers* influentes, a redes comunitárias e a activistas, esta nova esfera de actividade representa uma séria competição para os média tradicionais. Estas plataformas estão a tornar-se tanto fontes de notícias alternativas, como numa alternativa para políticos, homens de negócios e outras figuras públicas entregarem as suas mensagens ao público, sem que estas sejam mediadas pelos média tradicionais (Newman, 2009). Simultaneamente, pelas suas próprias características, estas plataformas em cooperação com a audiência, estão a tornar-se verificadores dos média tradicionais, questionando a sua precisão, critérios e qualidade, forçando-os a ser transparentes.

Notícias são agora entendidas num sentido mais amplo, envolvendo não apenas os média noticiosos ou o jornalismo profissional mas também plataformas alternativas para a distribuição de notícias, tal como as redes sociais, *websites*, *blogs*, *Youtube* e outras plataformas de partilha de vídeo e imagens, assim como outros actores, que não os jornalistas profissionais, que fazem parte da produção e disseminação de notícias e imagens, como cidadãos, activistas, celebridades e actores políticos.

Um exemplo são as imagens frequentemente referidas como ícones e que estão ligadas aos principais eventos de notícias e têm o poder de representar um conflito ou crise em curso na sociedade de uma forma simples e unívoca. No panorama actual, estas imagens rapidamente se tornam padrões de referência nas notícias e na cultura popular. Imagens seleccionadas de eventos actuais são agora anunciadas como icónicas imediatamente após a sua publicação, devido à imensa atenção gerada à sua volta e a sua dispersa e rápida circulação – nos novos média. Os ícones tradicionais surgem da interacção entre actores políticos, média noticiosos e cultura popular; enquanto a construção de ícones, *online*, é menos previsível e mais difícil de controlar porque envolve mais actores, mais plataformas de média e uma maior propagação geográfica (Mortensen, 2016).

Embora o consumo dos média, *online*, tenda a ser mais fragmentado e personalizado do que em tempos pré-digitais, a mobilização é ainda acelerada e intensificada pelo que Zizi Papacharissi chama de ‘públicos afectos’ (Papacharissi, 2015). A actividade *online* pode energizar grupos desorganizados e/ou facilitar a formação de públicos em rede à volta de comunidades, existentes ou imaginadas. Estes públicos são activados e sustentados por sentimentos de pertença e solidariedade, por muito fugazes ou permanentes que esses sentimentos sejam. As possibilidades conectivas das redes sociais ajudam a activar o vínculo entre os públicos, assim como permitem a expressão e a partilha de informação que libertam a imaginação individual e colectiva (Mortensen, 2016).

O conceito de ‘públicos afectos’ é bastante elucidativo no que diz respeito à explicação da corrente que mobiliza os ‘ícones de notícia instantâneos’ – conceito que Mortensen descreve no seu artigo – que incitam reações emocionais fortes, diversas e muitas vezes fugazes. A interacção entre as redes sociais e os *mass media* tradicionais é central para os públicos improvisados que surgem à volta de um ‘ícone de notícia instantâneo’ e que são mais inclusivos do que a conceitualização de públicos por, por exemplo, Bennet e Segerberg ou Papacharissi, que se focam apenas nas redes sociais, continua Mortensen.

Os média noticiosos alimentam-se, relatam, e fazem por si mesmos parte dos públicos afectivos que evoluem em volta dos ‘ícones de notícia instantâneos’. No

entanto, os utilizadores das redes sociais criticam também em grande medida o seu próprio enquadramento, da mesma forma que geram debates em torno das explicações e significados criados pelos outros utilizadores. Isto significa que os públicos improvisados que surgem à volta de um ‘ícone de notícia instantâneo’ são caracterizados não só pela inclusão de várias plataformas de média e pela convergência e cruzamento de informação nessas mesmas plataformas, como também pela fomentação de um envolvimento crítico e auto-reflexivo dentro do próprio público (Mortensen, 2016).

Em suma, os novos média conectivos transformaram o relato jornalístico, nas variáveis relacionadas com a velocidade com que surge, duração durante a qual se mantém relevante e quão longe e dispersamente se propaga e é partilhado, criando inúmeras oportunidades para a própria profissão.

I.6. Novos Média e Média Tradicionais na Cobertura da *Primavera Árabe*

A *Primavera Árabe* forneceu-nos uma oportunidade única para olhar para a interacção entre os novos média e os média tradicionais já que a informação flui entre ambos. Segundo *‘Watching from afar: consumption Patterns Around the Arab Spring’* (Aday et al., 2013), que estuda os padrões de disseminação de informação no *Twitter*, os resultados apontam para quão entrelaçados os novos média e os média tradicionais estão. Em qualquer um dos casos específicos da *Primavera Árabe*, os *links* mais visitados, são formas de novos média associados aos tradicionais – como é o exemplo de *blogs*, *websites*, *versões online* de jornais tradicionais de vários países, ou *links* associados a cadeias de televisão. Os canais de média tradicionais continuaram a desempenhar um forte papel de mediação na transmissão de informação a públicos mais abrangentes (Aday et al., 2013).

Mais pesquisa emergente e estudos realizados recentemente sugerem que as redes sociais criam uma plataforma de co-construção de informação, entre jornalistas e activistas. Num estudo de *tweets* durante as revoltas Tunisina e Egípcia é comprovado que ambos jornalistas e activistas foram fontes relevantes (Hermida et al., 2012). Os activistas são a fonte mais citada no caso da Tunísia, enquanto os jornalistas

sobressaem no Egito. Os resultados sugerem que os activistas preencheram o vazio jornalístico na Tunísia, um país tradicionalmente não noticiado; é apenas quando os protestos começaram a ocorrer e com os activistas a chamar alguma atenção nas redes sociais, que os média internacionais começam a prestar alguma atenção ao que se passa na região. No Egito, por outro lado, existiu uma cobertura muito mais densa dos média tradicionais, também pelo facto de os protestos neste país se terem seguido aos da Tunísia, mas principalmente por já existir uma cobertura mediática no país antes das revoluções.

No seu estudo de *tweets* usando a *hashtag* 'Egypt', Papacherissi e Fátima Oliveira (2012), comprovam que as vozes mais proeminentes nas revoltas egípcias pertenceram a organizações noticiosas de elite e indivíduos específicos. No entanto, existe um paralelo e significativo conjunto de vozes 'financiado' por mecanismos das redes sociais, que recompensam aqueles mais envolvidos na mobilização, na reportagem e curadoria de informação, tanto *online* como *offline*. Os autores preconizam que o fluxo de informação no *twitter*, combinado com a reportagem de notícias pelas grandes cadeias noticiosas, sugere uma constante interacção entre média tradicionais e novos média (Hermida et al., 2012).

O canal Al-Jazeera, como jornais ou televisão norte-americanos, dependeram bastante das redes sociais e novos média na sua reportagem do tema em questão, evidenciando a cooperação e importância dos dois média (novos e tradicionais) na disseminação da informação (Aday et al.). No caso da Líbia e da Síria, quase todas as filmagens usadas vieram de utilizadores de redes sociais, que as enviaram para as estações de televisão ou fizeram, eles mesmos, *upload* dos vídeos para diversos *websites*.

As novas plataformas foram uma ligação entre a população e os média tradicionais. Muitos destes média tradicionais preferiram frequentemente usar vídeos encontrados *online* e providenciados por 'jornalistas cidadãos', do que aqueles oriundos dos seus correspondentes no terreno, no que diz respeito aos protestos na Tunísia e no Egito. No *twitter*, a discussão sobre as revoluções tunisina e egípcia influenciou a forma como os média tradicionais cobriram os eventos, especialmente no caso da Al-Jazeera; mas foram eles mesmos motivo de reflexão sobre a forma

como os média tradicionais estavam a cobrir a *Primavera Árabe* (Aday et al., 2012).

Os média *mainstream* também usavam o *twitter* como uma forma de contactarem os activistas. O activista Amr Gharbia descreve como “durante a manifestação pacífica em Tahrir, pessoas ligadas aos média internacionais frequentemente procuravam as *hashtags* nas mensagens de grupo e contactavam-nos através do *twitter*. Foi desta forma que nós acabámos por falar dos seus programas de televisão. Portanto alguma da comunicação com os média internacionais começou nas redes sociais.” (Aday et al., 2013).

Embora se possa defender que os conteúdos dos média tradicionais estejam a diminuir em relação àqueles providenciados pelos novos média e pelos médias activistas, as grandes corporações mantêm ainda uma capacidade significativa de enquadrar conflitos políticos. Parte dos grandes fluxos de informação a serem consumidos nos novos média, poderão partir, na realidade, e como já acima demonstrado, das plataformas *online* das grandes organizações de média, que possuem os seus próprios enquadramentos e *bias*. Isto poderá então significar que os média tradicionais desenvolvidos *offline* – por meio da imprensa, televisão e/ou rádio possuem grande parte da audiência *online* (Aday et al., 2013).

I.7. Os Novos Média na *Primavera Árabe*

Existe, sem dúvida, um maior fluxo de informação que surge através dos novos média e nas ferramentas dos mesmos – que incluem as redes sociais. Mas de que mãos surge este fluxo de informação? Poderemos formar uma correlação entre a proliferação dos novos média e da produção de informação pelos ‘cidadãos jornalistas’ e activistas, ou serão as fontes deste fluxo ainda, maioritariamente, os média tradicionais e/ou até os governos envolvidos no conflito? E até que ponto as numerosas interações nestas plataformas terão significado mais acção por parte dos manifestantes ou terão tido um peso relevante no desenrolar desta narrativa?

É frequentemente assumido que a *internet* e os novos média representam uma variável decisiva que espoleta os protestos na região. No entanto, embora o número de utilizadores nas redes sociais, como é o caso do *Facebook* e *Twitter*, tenha

umentado, é ainda difícil perceber até que ponto este facto colocará mais poder nas mãos dos cidadãos e activistas, ou se, ao invés, a informação é ainda controlada por uma elite jornalística ou até pelo governo (Salem et al., 2011).

Embora grande parte dos artigos e estudos realizados tentem comprovar que os novos média terão levado os indivíduos a sair à rua ou, pelo menos, facilitado a comunicação nesse sentido, mesmo admitindo a existência de outros factores, Aday et al. (2012) defendem a existência de uma segunda hipótese que prevê que os utilizadores na região terão tido em atenção as revoluções nos países vizinhos – e as publicações referentes às mesmas – usando-as como inspiração para as suas próprias revoluções e manifestações. Uma terceira hipótese, será aquela de que os novos média poderão ter ampliado a atenção em relação à *Primavera Árabe*, entre o público internacional - que por não ser afectado directamente pelas consequências do conflito, de outra forma não seria confrontado com a situação. Isto poderá ter tido um impacto político relevante, por ter ajudado governos exteriores a pressionarem governos envolvidos a não retaliar contra os manifestantes.

Num esforço para tentar compreender exactamente qual o impacto dos novos média e da produção, disseminação e consumo de informação na era digital da *Primavera Árabe*, o estudo *Watching from afar: consumption Patterns Around the Arab Spring* (Aday et al., 2013), analisa os padrões de disseminação de informação no *Twitter* e explica como o fluxo de informação, dentro ou fora destes países, pode afectar acções políticas. Explica, também, como percebendo não propriamente quem produz e distribui informação, mas sim quem a consome, podemos entender quão importante essa informação foi para o desenrolar de acção e em que sentido ela guiou os vários actores envolvidos na mesma.

Os resultados dessa leitura permitem, depois, formular hipóteses. Os autores explicam que se, por exemplo, existirem provas de alto nível de fluxo de informação e de consumo dessa mesma informação dentro destes países, poderemos concluir que os novos média terão, de facto, despoletado a mobilização das massas, mesmo que não seja possível comprovar uma ligação directa entre o consumo de uma informação específica e a participação nas demonstrações.

Por outro lado, se este fluxo se projecta maioritariamente fora destes países,

então isso fortalece o argumento de que os novos média poderão ter sido mais valiosos na distribuição de informação a actores externos do que propriamente nas demonstrações em si.

O estudo de caso em questão conclui que não só a atenção vem de fora destes países, como acontece em picos e em pequenos episódios, sendo que a atenção internacional será muita, mas apenas em relação a acontecimentos específicos e mais relevantes. Isto levará a crer, então, que a disseminação da informação via *Twitter*, terá representado uma maior relevância ao captar atenção internacional, do que a chamar a população para a rua.

Isto significa que as redes sociais terão um papel de megafone, mais do que de grito de guerra. Esta disseminação de informação poderá funcionar com efeito *boomerang*, fazendo com que os governos internacionais exerçam pressão sobre os governos da região, para que estes não retaliem contra os manifestantes. Se a audiência que consome os conteúdos das redes sociais, e dos novos média de modo geral, é maioritariamente local, então é mais provável que esse consumo tenha um impacto directo na mobilização das massas e protestos e que afecte as dinâmicas no terreno. Se a audiência é regional, ou até global, então os novos média poderão estar a funcionar como um megafone, gerando atenção externa dos cidadãos, média noticiosos e até governos fora dos países afectados. Este mecanismo pode ser chamado de *bridging* (Aday et al. 2012).

Este mecanismo é particularmente valioso quando o país não possui média tradicionais ou quando estes são regulados pelo governo, ou quando a violência e a repressão dificultam a cobertura directa dos eventos aos média *mainstream*.

Uma massa crucial de jovens no mundo árabe usa as redes sociais hoje em dia; no entanto, durante décadas, grande parte dos governos árabes controlou o fluxo de informação que emergia na sociedade. Com este *boom* do uso da *internet* e das redes sociais, alguns desses governos tentaram resistir à mudança, estrangulando o fluxo de informação e bloqueando os *websites* de redes sociais, a *internet* e as redes móveis, por completo. Outros foram mais responsáveis e começaram a adaptar-se à mudança. Estes tentavam usar o crescimento do uso das redes sociais para o seu benefício, ao criarem novas políticas e directrizes. O governo Barenita, por exemplo, facilitou o uso

do *Twitter*, forúns *online* e páginas de *Facebook* que tivessem vozes pró – regime, entre outros, para quebrar a formação de uma narrativa unificada. Espalhou também histórias sobre a oposição e como esta estaria associada aos iranianos. Este tipo de rumores, verdadeiros ou não, danificavam a reputação e popularidade da oposição. Outros regimes foram ainda mais longe e usaram a *internet* e as redes sociais para encontrar activistas e fazer deles alvos de captura e homicídio (Aday et al., 2012).

Neste panorama é extremamente importante que exista o mecanismo de *bridging* nos novos média, funcionando estes como um megafone que permite que a informação chegue, também, aos governos e audiências internacionais. No entanto, embora os novos média tenham esta funcionalidade, a reportagem de informação a uma audiência mais extensa – como a internacional - também significa que este tipo de audiência tem uma menor capacidade de se manter atenta a um tema que pouco lhe diz. Existe uma tendência para acentuados picos de atenção com eventos dramáticos – como a saída de Ben Ali na Tunísia, o ataque da ‘Pearl Rourdabou’ no Bahrein e diversos eventos – chave no Egipto, tal como a ‘sexta – feira de saída’, quando Mubarak se demitiu.

De onde surge, então, esta informação que flui nos novos média? Como acima descrito, existe uma forte influência dos próprios governos na produção de informação (por vezes falsa) que circula dentro de alguns países da *Primavera Árabe*, como é o caso do Bahrein. No entanto, quais são as fontes que chegam às audiências que acima vimos consomem os grandes fluxos de informação fora da área da *Primavera Árabe*? Embora, de modo geral, os *links* mais visitados no *Twitter* tenham sido os associados aos média tradicionais (Aday et al., 2013), e exista uma forte interação entre novos média e média tradicionais (Hermida et al., 2012), existem ainda outros actores importantes na disseminação de informação referente à *Primavera Árabe* que contrastam com essa tendência, dentro dos novos média e das suas ferramentas.

Este é o caso de Andy Carvin – um estrategista dos novos média e redes sociais, na *National Public Radio*, nos Estados Unidos da América. Carvin foi um dos actores essenciais no *Twitter*, no que diz respeito a publicações referentes ao desenrolar da acção da *Primavera Árabe*, e é um bom exemplo das oportunidades que as plataformas dos novos média providenciam a *outsiders* que não representam uma das

fontes tradicionais ou os próprios governos. Em *'Sourcing the Arab Spring: A Case Study of Andy Carvin's Sources During the Tunisian and Egyptian Revolutions'* (Hermida et al., 2012), os autores explicam como resultados obtidos revelam que fontes não elitistas tiveram uma maior influência sobre o conteúdo da informação no *Twitter* de Carvin, do que jornalistas ou outras fontes de elite. Embora este seja um caso específico, ajuda a compreender uma mudança no paradigma das fontes (*sourcing*), para alguns dos actores essenciais na disseminação de informação do tema. Estes estão a dar voz àqueles que, normalmente, não conseguiriam chegar a um público mais abrangente, aliando-se às fontes mais tradicionais e que, regra geral, teriam mais audiência.

O estudo explica que, por exemplo no caso do Egipto, embora os jornalistas e as suas organizações representem mais de 30% das fontes de Carvin, as fontes 'não – elite' representam quase 50% de todas as mensagens publicadas por Carvin. Ainda no caso do Egipto, mais de 70% dos *retweets* mais proeminentes surgem de vozes alternativas; enquanto que as vozes provenientes do *mainstream media* representam, muitas vezes, jornalistas no terreno. Embora a literatura tradicional defenda que os jornalistas preferem fontes de elite e que depreciam e desacreditam vozes independentes, as redes sociais (aqui representadas por Carvin) parecem revelar uma nova tendência.

I.8. Os Novos Média no Enquadramento Concreto da Síria

O movimento de refugiados e o alegado uso de armas químicas pelo governo sírio destacaram o facto desta crise ser um 'problema mundial'. A indignação provocada pelos vídeos publicados *online* ilustra a importância das imagens visuais não-profissionais na formação do que John Thompson chama 'nova visibilidade' e na inseparabilidade dos média tradicionais e dos média activistas na constituição dos conflitos e protestos contemporâneos, afectando a forma como os eventos são entendidos por políticos e audiências mais abrangentes (Pantti, 2013).

As novas tecnologias de comunicação – e a incorporação dos novos média nos tradicionais – trouxe a esperança de que aqueles que previamente haviam sido

invisíveis nos média, “passariam agora a ser visíveis para todos”. Esta nova visibilidade, que é “mais intensiva, mais extensiva e menos controlável”, tornou-se um elemento chave dos conflitos políticos actuais. (Pantti, 2013). No entanto, mantêm-se a questão de quem, quando e como humanizar um objecto ou história particular; como lidar com experiências emocionais (em oposição a factos verificados e contextos interpretativos); e que posição tomar em relação a apelos morais, sejam eles baseados em indignação ou empatia, ou em sofrimento universal ou particular (Vandevoordt, 2015).

Na Síria, estes desafios surgem através das narrativas ubíquas, intensamente emocionais e de fácil acesso, mais visivelmente no caso dos maiores campos de refugiados que o mundo havia visto; surgem também pelo facto das partes envolvidas no conflito parecerem mais sofisticadas, do que em conflitos anteriores, ao fazer uso de emoções como empatia, indignação e culpa, para o seu próprio benefício - variando entre ciber-activistas que publicam vídeos de crianças a ser resgatadas de escombros de casas bombardeadas pelo exército sírio; aos convites do regime a jornalistas para testemunharem o regresso de sírios comuns às suas casas destruídas após grupos de rebeldes armados serem expulsos da área; ou às fotos de refugiados no mar mediterrâneo (Vandevoordt, 2015). Os desafios com os quais os média se debatiam são exacerbados pelo acesso à rapidez e facilidade de propagar informação nas plataformas *online*.

Desde os primeiros protestos em Março de 2011, os activistas sírios anti-governo dentro e fora do país, têm estado determinados, de uma forma organizada, em alcançar visibilidade através dos média, ao produzirem, reunirem e disseminarem vídeos e fotos testemunhais nas diferentes plataformas de média e redes sociais de diferentes grupos da oposição, assim como nas plataformas de conteúdo gerado pelos utilizadores (*UGC – User Generated Content*) associadas às grandes cadeias de notícias. Na narrativa da oposição, o povo sírio insurgiu-se contra um regime autoritário e tornou-se uma vítima do crescente terror por parte do regime. Do outro lado da narrativa, o governo culpa ‘terroristas’ pelos protestos e violência e defende que as revoltas são conspirações de governos estrangeiros imperialistas, contra a Síria (Pantti, 2013). Os novos média têm sido a plataforma onde as várias facções batalham por visibilidade e legitimidade perante as audiências locais e internacionais.

Antes do início das revoltas, na Síria, era necessário tempo e esforço para conseguir aceder à *internet*. Isto significa que *Cyber Cafés* foram muito importantes no acesso a esta ferramenta e na organização de actividades políticas. No entanto, o próprio acesso à *internet* era controlado, sendo a identidade dos utilizadores registada pelos funcionários dos cafés, através do uso do cartão de identificação. Mais tarde, o governo de Assad viria a responsabilizar os donos destes cafés pela utilização da sua rede na organização de manifestações e protestos (Rohde et al., 2016).

‘*Out of Syria: Mobile Media in Use at the Time of Civil War*’ (Rohde et al., 2016), recolhe informação e entrevista activistas e refugiados sírios em vários países europeus, entre Dezembro de 2012 e Março de 2014. O estudo descreve o importante papel do facebook no desenrolar da acção, para aqueles que conseguem ter acesso ao mesmo, particularmente nos centros urbanos. Foi uma ferramenta importante para organizar greves e demonstrações, assim como trocar informação, vídeos e fotografias do que acontecia no dia-a-dia dos protestos. É também importante para os refugiados que chegam à Europa e o usam para se manter informados sobre os eventos do seu país.

Mas não pode, por outro lado, ser considerado representativo pois em muitas regiões sírias controladas pelos rebeldes não existia, nesta altura, acesso à *internet*. Assim como alguns dos requerentes de asilo, já nos países de acolhimento, mas ainda sem estatuto oficial de refugiado, que não possuem acesso à mesma.

De acordo com a recolha de informação e entrevistas realizadas pelos autores, o acesso limitado à *internet* nas regiões do país controladas pelos rebeldes, deu mais relevância aos telemóveis enquanto ferramenta de produção e partilha de vídeos, através do *Bluetooth*. Os vídeos partilhados eram, em grande parte, criados pelos próprios utilizadores. No entanto, estes vídeos podem ser manipulados e a informação que os acompanha deturpada; por vezes, várias facções reivindicam o mesmo vídeo, defendendo que a sua oposição cometeu as atrocidades ali registadas.

Estes vídeos providenciam narrativas que representam, acima de tudo, as vítimas do conflito sírio e a sua distribuição é – em primeiro plano – local. A distribuição destes vídeos entre os telemóveis dos combatentes ou através de plataformas digitais dos novos média, contorna os mecanismos tradicionais da estética

dos *mass media* – particularmente canais de televisão. No entanto, estes vídeos são, muitas vezes, usados como uma arma de propaganda pelas várias facções envolvidas no conflito sírio (Rohde et al., 2016 e Seo et al., 2016).

As câmaras dos activistas têm sido testemunhas e fornecido provas empíricas da violência do regime de Assad e, dessa forma, assegurado que o conflito continua a ter visibilidade nas plataformas *online* dos média *mainstream*, tendo sido dado crédito à campanha da oposição por ter criado empatia em relação à sua causa nos média Ocidentais, até na medida em que levou os média tradicionais a serem acusados de olhar para o conflito Sírio “em termos de preto e branco, quando a situação é de facto bastante cinzenta”.

As imagens visuais de um conflito possuem a capacidade de reunir de forma ampla tanto atenção, como compaixão, ultraje e até mesmo aplicar pressão; não devemos pensar no visual apenas pelo seu ‘valor de choque intrínseco’. As imagens são ambíguas até identificadas, explicadas e certificadas pelo texto que as acompanha, assim como pelo contexto mais amplo da sua circulação e consumo. O significado das imagens nos média noticiosos depende da forma como estas são definidas pelos jornalistas, pelos títulos e narrativas (Pantti, 2013).

O facto das imagens de um conflito viajarem de cenas locais para um espaço de média globais, à velocidade que as plataformas *online* permitem, fornece uma nova visibilidade a esses mesmos conflitos. As imagens são produzidas por activistas e cidadãos que representam um papel essencial na produção desta nova visibilidade; no entanto, as imagens só ganham ímpeto pelo acesso às plataformas digitais e à facilidade de disseminação das mesmas.

Estes testemunhos de cidadãos permitem também que novas vozes entrem numa esfera de informação dominada pelos média *mainstream*, o que tem o potencial de democratizar o espaço mediado e fortalecer as responsabilidades sociais dos jornalistas (Pantti, 2013).

A produção de informação e imagens surge não só de uma maior panóplia de fontes, como também de uma forma mais rápida. Mortensen (2016) propõe o termo ‘íconede notícias instântaneo’ para definir e melhor compreender o papel

desempenhado pelas imagens icônicas na mídia conectiva de hoje, caracterizada pela convergência entre várias plataformas e fronteiras pouco definidas entre produção e consumo. O termo 'ícone de notícias instantâneo' diz respeito a continuidade e mudança. Embora estas imagens mantenham algumas das características tradicionalmente atribuídas aos ícones, como um apelo amplo, uma iconografia simples e uma rica simbologia, elas diferem da definição convencional de ícones por emergirem tão rápido, por se espalharem muito mais longe e também por incluírem utilizadores das redes sociais e de outras plataformas de média no seu processo de distribuição e mobilização. Os 'ícones de notícias instantâneos' são mais passageiros do que os ícones tradicionais e são mobilizados por públicos improvisados que usam a afectividade como força motriz.

Um exemplo são as fotos do refugiado sírio de três anos, Alan Kurdi, encontrado afogado ao largo da costa da Turquia, que foram relatadas como tendo chocado e comovido o mundo. Mesmo que estas imagens tenham sido declaradas como ícones, elas não vão ao encontro, de forma literal, da definição de ícones formulada na era dos *massmedia* (Vandevooordt, 2015).

Em termos de conteúdos visuais, estudos prévios mostram que as cadeias noticiosas nacionais dependem profundamente de materiais provenientes das agências de notícias internacionais, como é o caso da AFP (Agence France-Presse), AP (Associated Press) e Reuters. Já que o avanço nas comunicações abriu novas possibilidades para 'vozes visuais', é importante perceber se as cadeias noticiosas nacionais, inclusivamente nas suas plataformas *online*, ainda dependem do mesmo conjunto de recursos. No que diz respeito à cobertura visual do conflito sírio, mantêm-se alguns aspectos tradicionais, enquanto surgem outros novos. Os tradicionais estão ligados com a dependência nas histórias e visuais pré-seleccionados das agências de notícias internacionais na definição do enquadramento do relato das notícias internacionais pelas organizações de média nacionais, enquanto a novidade surge na variedade de imagens no conjunto de recursos das agências de notícias. Actualmente, estas não só providenciam materiais produzidos pelos seus fotógrafos oficiais e *freelancers*, mas também imagens provenientes das redes sociais e outras fontes alternativas (Pantti, 2013).

As novas tecnologias, associadas aos média digitais, têm mudado as infraestruturas de produção e circulação de materiais visuais, sendo as possibilidades morais desta transformação evidentes no fluxo de imagens a nível transnacional, com a tentativa de expor acções repressivas de estados autoritários, enquanto elas acontecem.

Embora um grande grupo de fotojornalistas profissionais tenha trabalhado no terreno, até de forma clandestina, para conseguir reportar o que se passa na Síria, filmagens testemunhais não-profissionais também têm tido um papel extremamente importante na reconstituição visual do conflito. No entanto, isto não significa necessariamente uma nova era de cooperação entre cadeias noticiosas nacionais e fornecedores alternativos de imagens, mas sim uma adaptação das agências de notícias internacionais à nova 'ordem visual mundial' caracterizada pela capacidade de acesso aos meios de produção e circulação de imagens visuais dos criadores de imagens amadoras, através das plataformas dos novos média(Pantti, 2013).

CAPÍTULO II

ESTUDO EMPÍRICO

No contexto actual, em que os novos média desempenham um papel tão relevante na produção, disseminação e consumo de informação, será relevante estudar e analisar as versões *online* das plataformas de média seleccionadas, com o intuito de compreender com que rapidez se produzem conteúdos, que tipo de conteúdos têm mais peso para cada jornal – se artigos curtos em constante actualização, se artigos de investigação, se conteúdos de multimédia ou testemunhos dos próprios refugiados, que tipo de fontes são utilizadas, entre outros factores.

É importante perceber se as plataformas dos novos média estão a tirar partido das potencialidades que a era digital apresenta, particularmente nos conteúdos de cariz multimédia como os *live updates*, vídeos, fotos, entre outros, que permitem ao leitor estar actualizado a todo o momento, ao mesmo tempo que permitem a inclusão de ferramentas das redes sociais, tais como a compilação de publicações feitas no *Twitter* (muitas vezes de activistas, ou personalidades conhecidas, actores políticos ou até de cidadãos jornalistas).

É nesta vertente digital e multimédia que existe um espaço para a voz de actores menos tradicionais, como activistas, cidadãos jornalistas ou até membros da

população de refugiados sírios, que contribuí tanto directa como indirectamente, ao providenciar fotos ou desenhos alusivos à crise de refugiados ou ao verem os seus *tweets* republicados em secções digitais dos jornais em causa. Estes novos *inputs* podem ser enriquecedores e até dinamizar a produção de conteúdos.

A guerra civil síria é, pelas características que apresenta e ao ser o conflito mais longo e sangrento que surge das revoltas da *Primavera Árabe*, aquele que mais tenta usar as plataformas dos novos média como campo de batalha. As várias facções produzem e disseminam informação e imagens gráficas, fazendo uso de emoções como empatia, indignação e culpa, para o seu próprio benefício, ao fim de obterem visibilidade e legitimidade perante as audiências locais e internacionais. Ao serem um veículo para estes novos protagonistas e interações, faz parte do trabalho dos novos média medirem até que ponto esta informação e imagens – algumas delas ícones de notícia instantâneos – podem ser benéficas ou prejudiciais, ou que tipo de enquadramento estas devem ter para que se mantenham os princípios básicos de ética e objectividade.

Tem relevância compreender que papel os média numa era digital – aqui representados por três jornais de referência – têm ao informar a opinião pública e ao pressionar (ou não) os governos ocidentais e/ou envolvidos no conflito, assim como governos vizinhos, à acção. Aquando de uma migração em massa deste tipo, existe uma tendência recorrente dos média sensacionalistas ou associados à extrema direita, assim como dos próprios partidos políticos – para incitar o medo sobre a população, levando a comportamentos de xenofobia e racismo e até à violência (Philo e outros, 2013). Estas plataformas têm também o poder de fazer o oposto, levando aqueles que se encontram no poder à acção e à tomada de medidas que possam vir a dar termino à própria guerra, assim como medidas de ajuda e integração dos refugiados.

II.1. Metodologias

O estudo empírico assenta na uma análise às plataformas digitais de três jornais diários de referência da mesma tradição jornalística anglo-americana, ocidental e em países democráticos, com liberdade de expressão, cujo conteúdo poderá,

portanto, ser comparado – são estes o jornal *Público*, o *The Guardian* e o *The New York Times (The NYT)*. Estes são diários reconhecidos por se regerem pelas normas de ética e objectividade jornalística, que procuram cobrir o maior número de temas possível, sem enquadramentos óbvios à esquerda ou direita política, com vastos trabalhos de investigação e preocupação na verificação da veracidade dos conteúdos que publicam, tendo ganho – no caso do *The Guardian* e *The NYT* – prémios *Pulitzer*.

II.1.1 Os Jornais em Análise

O jornal *Público* é um diário português, fundado em 1990, que cresce e se mantém uma publicação de referência pela capacidade de produzir conteúdos, apostando em informação diversificada e abrangendo vários campos de actividade e interesse público, recorrendo a peças de investigação e explorando também as potencialidades das plataformas digitais e multimédia. O jornal registou o seu *website* em Maio de 1995 e em Setembro desse ano surge o *Público Online* (actualmente designado como *Público.pt*).

O jornal *The Guardian* é um diário britânico, fundado em 1821 e conhecido até 1959 por *The Manchester Guardian*. Tem como um objectivo próprio garantir a independência financeira e editorial através do The Scott Trust Limited, uma fundação criada em 1936 com esse mesmo propósito, salvaguardando a liberdade jornalística e os valores liberais, mantendo o jornal livre de interferência comercial ou política. O diário começou a desenvolver a sua versão *online* em 1994, sendo oficialmente lançada no final de 1995 e continuando a ser desenvolvida até 1999. Em 2011, o *The Guardian* anuncia ter como objectivo tornar-se numa organização que prioriza o digital, colocando o jornalismo aberto e as relações com o jornalista cidadão no centro da sua estratégia. O jornal integra ferramentas das redes sociais, tais como o *Twitter*, no próprio fluxo de trabalho jornalístico, foi um dos primeiros jornais a publicar um directório de correspondentes no *Twitter* e treinou 200 jornalistas na melhor forma como utilizar estas ferramentas da forma mais eficiente, como parte do processo de produção. Ficou recentemente conhecido pela publicações de alguns dos documentos fornecidos por Edward Snowden, denunciando a existência do programa de vigilância PRISM. O editor, Alan Rusbridger, foi questionado pelo parlamento inglês e alguns dos

jornalistas ameaçados pelo GCHQ, um dos serviços de inteligência britânicos, comprovando a determinação do jornal em manter os valores de democracia e liberdade de expressão. Interessa perceber se os seus valores, aliados à grande aposta no digital, se traduzem na cobertura que fazem, neste caso, da crise de refugiados Sírios.

O jornal *The New York Times* (*The NYT*) é um diário norte americano fundado em 1851, em Nova York. Ganhou 117 prémios *Pulitzer*, mais do que qualquer outra organização noticiosa, e é considerado uma referência na imprensa a nível mundial. O *The NYT* foi criado com um público alvo intelectual e instruído, mantendo valores de integridade, ética e liberdade de expressão. A sua versão digital surge em 1996, tornando-se também esta num ponto de referência, pelos seus conteúdos – que não se limitam à mera reprodução dos textos impressos, mas que dá proveito às potencialidades do digital. Preocupa-se em ter extensas e duradouras directrizes no que diz respeito à ética e às políticas adoptadas e que estas sejam aplicáveis tanto na sua edição impressa como *online* (incluindo o uso de ferramentas das redes sociais). O mesmo tipo de filtragem e selecção de conteúdos é aplicada tanto ao seu tipo de reportagem mais tradicional, como aos conteúdos criados pelos cidadãos através das redes sociais – tudo no jornal é verificado e moderado (Newman, 2009). O *The NYT* foi, tal como o *The Guardian*, rápido ao compreender as vantagens das ferramentas das redes sociais, sendo uma das principais fontes em *blogs*, no *Twitter*, *Facebook* e *Youtube* (Newman, 2009); no entanto, em 2014, o jornal admite num documento interno estar a avançar demasiado lentamente na tentativa de se posicionar enquanto líder nesta era digital, algo no qual o *The Guardian* terá sido mais bem sucedido, pelo menos inicialmente, dando às novas plataformas o peso que considera que merecem.

II.1.2 Delimitação Temporal do Corpus Empírico

As quatro semanas de análise escolhidas (quatro momentos) centram-se em torno de quatro decisões/momentos de ajuda internacional na crise de refugiados sírios, escolhidas por serem fulcrais no desenrolar dos acontecimentos e retiradas do cronograma oficial do *Migration Policy Centre* da crise de refugiados (syrianrefugees.eu/timeline). Foram retirados e analisados os artigos dos dias

anteriores e posteriores à decisão/momento em causa, colocando o dia do acontecimento a meio da semana de análise (cada semana/momento representa sete dias de análise).

São estes: 1) o primeiro grande plano europeu de acolhimento de refugiados sírios: a Alemanha concorda em acolher 3000 refugiados sírios (o maior programa até à data) – dia 11 de Setembro de 2013. 2) a comissão europeia apresenta uma proposta de realocação de refugiados nos estados membros da União Europeia– dia 9 de Setembro de 2015. 3) Acordo entre a União Europeia e a Turquia: os países balcãs decidem fechar as suas fronteiras e milhares de refugiados poderão ficar presos na Grécia; a União Europeia chega a um acordo com a Turquia que inclui a possibilidade da Grécia enviar de volta para a Turquia aqueles que sejam considerados ‘migrantes irregulares’ e que cheguem após o dia 20 de Março de 2016; em troca, os Estados Membros concordam em aumentar o acolhimento de refugiados residentes na Turquia, assim como acelerar o processo de liberalização de vistos para nacionais turcos e aumentar o já existente apoio financeiro à população de refugiados na Turquia – dia 18 de Março de 2016. 4) Mais de 70 grupos de ajuda internacional decidem suspender a sua cooperação com as Nações Unidas na Síria (que inclui apoio aos refugiados), defendendo que Bashad al-Assad detém demasiada influência sobre essa mesma ajuda – dia 8 de Setembro de 2016.

II.1.3 Critérios na Recolha de Dados

Para efeitos deste estudo, e com o objectivo analisar de forma quantitativa e qualitativa a cobertura que as versões *online* dos três jornais acima mencionados fazem à crise de refugiados sírios, que me levaram depois aos resultados apontados, fiz um levantamento de todas as publicações feitas sobre a Síria, nas suas páginas *online* oficiais, em quatro semanas distintas (quatro momentos). Foi feito o levantamento de todas as publicações relativas à Síria para que fosse possível compreender o peso que a cobertura da crise de refugiados sírios tinha, especificamente, dentro do tema geral da guerra civil Síria.

As publicações retiradas e seleccionadas enquanto tema ‘Síria’ incluem,

portanto publicações sobre a Guerra Civil, assim como as posições de governos e ‘protagonistas’ internacionais, desenvolvimentos a nível de forças no terreno, os acordos internacionais (de notar os acordos e conversações entre os EUA e a Rússia, que têm aqui grande peso numérico), ou qualquer outro assunto que, nestas semanas de análise, digam respeito à Síria, mas não à crise de refugiados em si. As publicações retiradas e seleccionadas enquanto tema ‘Refugiados’ são, por defeito, todas aquelas acerca dos refugiados (e apenas sobre os refugiados). As publicações que fazem parte desta última categoria são aquelas que analisarei qualitativamente.

A análise quantitativa foi feita por Tipos de Publicação (análise semanal), Por Tema (diária e semanal) e por Fontes (semanal), sendo feita uma análise tanto por jornal, como comparativa entre os três.

No que diz respeito ao Tipo de Publicação, os ‘Artigos Curtos’ correspondem àqueles com 600 ou menos palavras, enquanto os ‘Artigos Longos’ correspondem àqueles com mais de 600 palavras. Os ‘Artigos de Opinião do Próprio Jornal’ dizem respeito, como o próprio nome indica, aos elaborados por membros da redacção (colunistas, entre outros), enquanto os ‘Artigos de Opinião Exterior ao Jornal’, também como o nome indica, referem-se àqueles escritos por pessoas sem associação directa ao diário (e que por isso trazem um olhar diferente ao tema). As ‘Entrevistas’ dizem respeito às publicações que transcrevem a entrevista em si, sem um trabalho adicional de investigação sobre o tema; enquanto as ‘Citações&Discursos’ correspondem às Publicações com citações ou discursos que, mais uma vez, não incluam trabalho investigativo adicional. Os ‘Live Updates’ referem-se às publicações de Multimédia que estão em constante actualização, durante a semana de análise, funcionando como uma espécie de *blog* do jornal ou de um jornalista em particular, sobre a temática em causa. Os ‘Vídeos’ e ‘Fotos’ dizem respeito a publicações de Multimédia que possuam apenas esse conteúdo, com a devida legenda, mas sem um artigo que os acompanhe.

Em relação às Fontes, para efeitos de análise quantitativa, estas foram divididas entre a Redacção do jornal, os Correspondentes no estrangeiro, as Agências Noticiosas (incluindo no caso do *The Guardian* e do *The NYT* o recurso às agências *Reuters*, *Associated Press* (AP) e *Agence France-Presse* (AFP); e no caso do *Público*, as anteriores

e a agência *Lusa*) e Outros (incluindo o recurso a outras plataformas de média, tais como Canais de Televisão, *Freelancers*, *Twitter*, entre outros).

Para a recolha das publicações, foi feita uma pesquisa com as palavras-chave “*Síria*”, “*Refugiados*” e “*Migrantes*”, no caso do Jornal *Público* e “*Syria*”, “*Refugees*” e “*Migrants*” no caso do Jornal *The NYT*. Já no *website* do jornal *The Guardian*, a pesquisa de outros anos (que não o actual) não é permitida por palavra-chave, mas por secção e por data; desta forma, fiz uma pesquisa na secção “*mundo*” do jornal, nas datas relevantes, analisando todos os artigos e seleccionando aqueles que se referem à cobertura do tema Síria e Refugiados Sírios. É de notar que no caso do *website* do jornal *The Guardian* (theguardian.com) não existe distinção entre os artigos referentes ao *The Guardian UK*, *The Guardian US* ou *The Guardian Australia*; a solução foi identificar os autores de cada artigo e excluir aqueles pertencentes ao *The Guardian Australia*. Não foi possível distinguir os artigos referentes ao Reino Unido daqueles referentes aos dos Estados Unidos da América, já que muitos são feitos em parceria, pelo que os artigos recolhidos representam uma combinação dos dois. O número total de artigos recolhidos nos três jornais foi de 705.

II.2. Recolha e Análise dos Dados

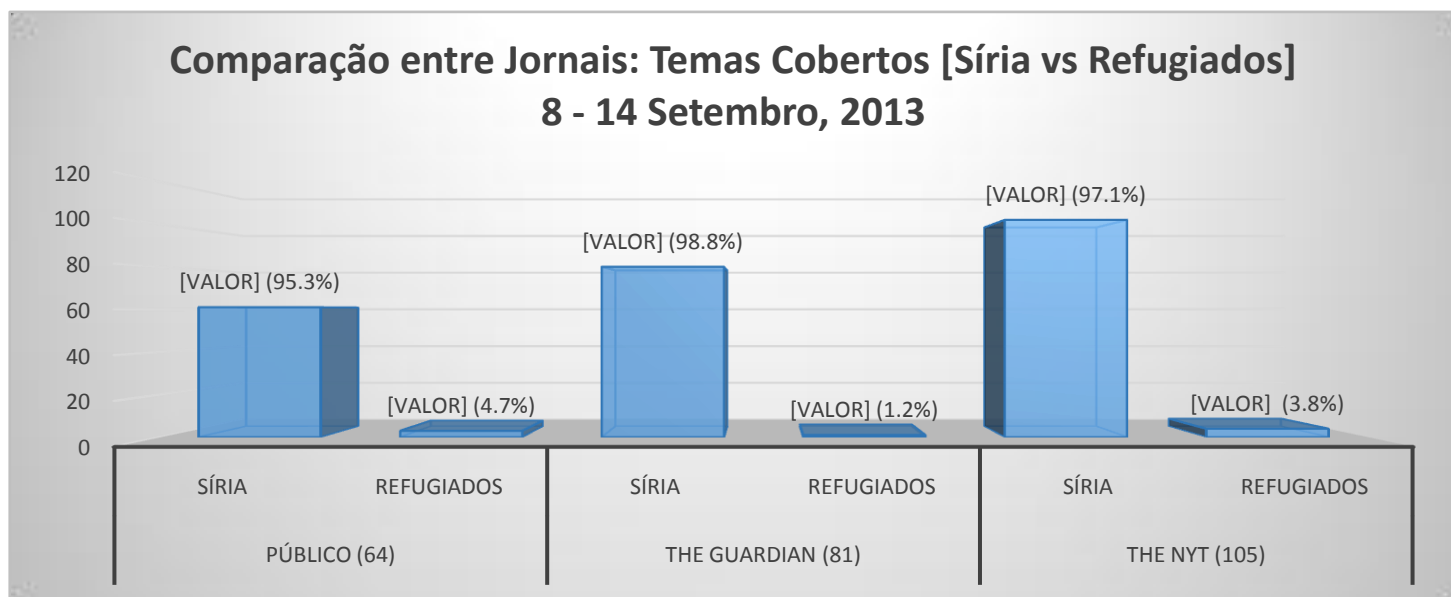
O levantamento de dados para a análise quantitativa foi feita por ‘Por Tema’ (diária e semanal), ‘por Fontes’ (semanal) e por ‘Tipos de Publicação’ (semanal), sendo feita uma análise tanto por jornal, como comparativa.

Os resultados são apresentados em gráfico (e tabela, em anexo) por semana de análise, fazendo primeiro uma leitura individual de cada jornal, seguida de uma leitura comparativa, ao final de cada semana.

O primeiro ponto de análise é o número total de publicações de cada um dos jornais em cada semana (momento) e o número de publicações por tema, nesse mesmo período. É depois analisada a fonte e tipo de cada publicação (gráficos e tabelas em anexo).

Vão sendo apontadas as tendências de cada um deles, de um momento de análise para o outro, explorando as características e apostas de cada um dos jornais, assim como as semelhanças entre si e aquilo em que diferem, de forma sucinta.

Os resultados são analisados detalhadamente e de forma crítica no próximo ponto.



1ª Semana de Análise: 8 - 14 Setembro, 2013

Gráfico 25 – Comparação entre Jornais: Número e Percentagem de Publicações por Temas Cobertos - Síria vs Refugiados (8 – 14 de Setembro de 2013)

Comparação entre Jornais: Fontes 8 - 14 Setembro, 2013

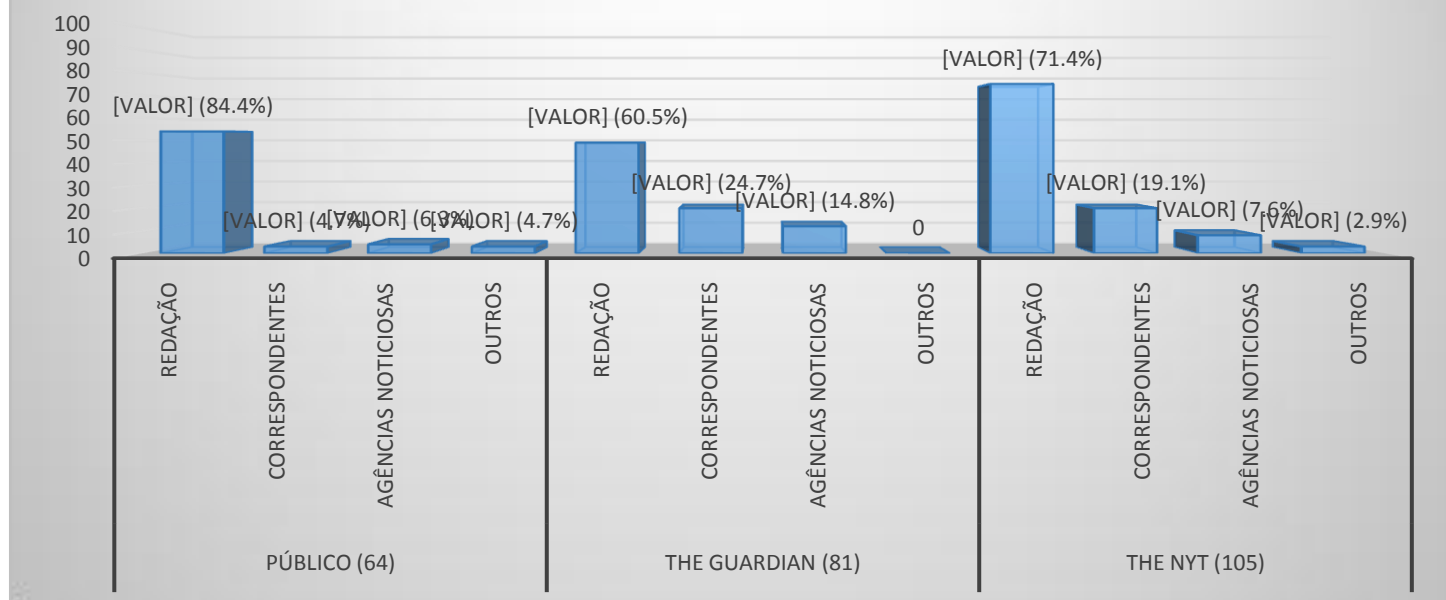


Gráfico 29 – Comparação entre Jornais: Número e Percentagem de Publicações por Fonte (8 – 14 de Setembro de 2013)

Jornal Público

Durante a primeira semana de análise (8 a 14 de Setembro de 2013) foram recolhidas 64 publicações do *Público*, das quais 61 (95.3%) dizem respeito ao tema ‘Síria’ e apenas 3 (4.7%) ao tema ‘Refugiados’ (tabelas e gráficos 13 e 25 (acima e), em anexo).

Estas publicações foram maioritariamente escritas pela Redação (84.4%), sem grande recurso a Correspondentes, Agências Noticiosas ou Outros meios (tabela e gráfico 29, acima e em anexo). Grande parte das publicações feitas pelo jornal, nessa semana, dizem respeito a Artigos, tanto Curto como Longos (sendo que os primeiros correspondem a 40.6% e os segundos a 25.9%). Existem também alguns Artigos de Opinião, Entrevistas e Vídeos, mas no entanto os valores referentes aos mesmos não são substanciais (tabela e gráfico 1, em anexo).

Jornal The Guardian

Na mesma semana, foram recolhidas 81 publicações do *The Guardian*, das quais 80 (98.8%) dizem respeito ao tema 'Síria' e apenas 1 (1.2%) ao tema 'Refugiados' (tabelas e gráficos 17 e 25 (acima e), em anexo).

Estas publicações foram também maioritariamente escritas pela Redacção (60.5%), com recurso a Correspondentes (24.7%) e Agências Noticiosas (14.8%) (tabela e gráfico 29, em anexo). Destacam-se aqui os Artigos Longos, representando 35.8% de todas as publicações feitas durante a semana; seguidos dos Vídeos (16.1%) e das Opiniões Exteriores ao Jornal (12.4%) (tabela e gráfico 5, em anexo).

Jornal *The NYT*

Neste período de análise, foram recolhidas 105 publicações do Jornal *The NYT*, das quais 102 (97.1%) dizem respeito ao tema 'Síria' e apenas 4 (3.8%) ao tema 'Refugiados' (tabelas e gráficos 21 e 25 (acima e), em anexo).

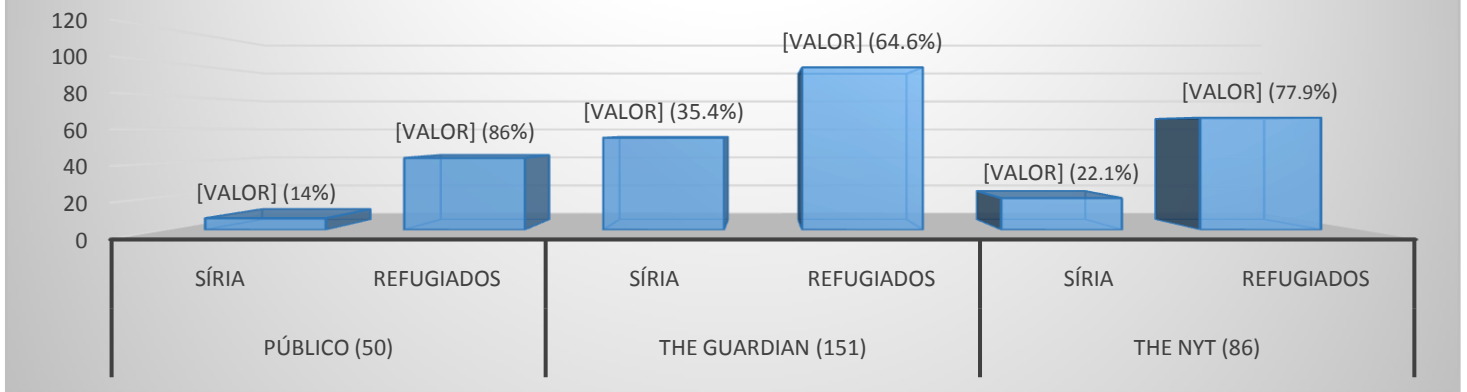
Estas publicações foram mais uma vez maioritariamente escritas pela redacção (71.4%), seguindo-se de Correspondentes (19.1%) e Agências Noticiosas (7.6%) (tabela e gráfico 29, em anexo). O maior número de publicações, nesta amostra, feitas pela redacção, são os Artigos Longos (39.1%), seguidos dos Artigos de Opinião do Próprio Jornal (17.1%) e Artigos de Opinião Exterior ao Jornal (13.3%) (tabela e gráfico 9, em anexo).

Comparação entre Jornais

Na primeira semana de análise, os três jornais dão primazia ao tema da 'Síria' (todos acima dos 95%) em relação ao tema dos 'Refugiados'. A fonte mais usada é, também pelos três, a redacção, com os jornais inglês e norte-americano a recorrerem também aos correspondentes (algo que não se mostra representativo no caso do jornal português).

O Tipo de Publicação com valores mais elevados são, no caso dos jornais *The Guardian* e *The NYT*, os Artigos Longos (com mais de 600 palavras); e ambos os Artigos Longos como Curtos, no caso do jornal *Público*.

Comparação entre Jornais: Temas Cobertos [Síria vs Refugiados] 6 - 12 Setembro, 2015



2ª Semana de Análise: 6 - 12 Setembro, 2015

Gráfico 26 – Comparação entre Jornais: Número e Percentagem de Publicações por Temas Cobertos - Síria vs Refugiados (6 – 12 de Setembro de 2015)

Comparação entre Jornais: Fontes 6 - 12 Setembro, 2015

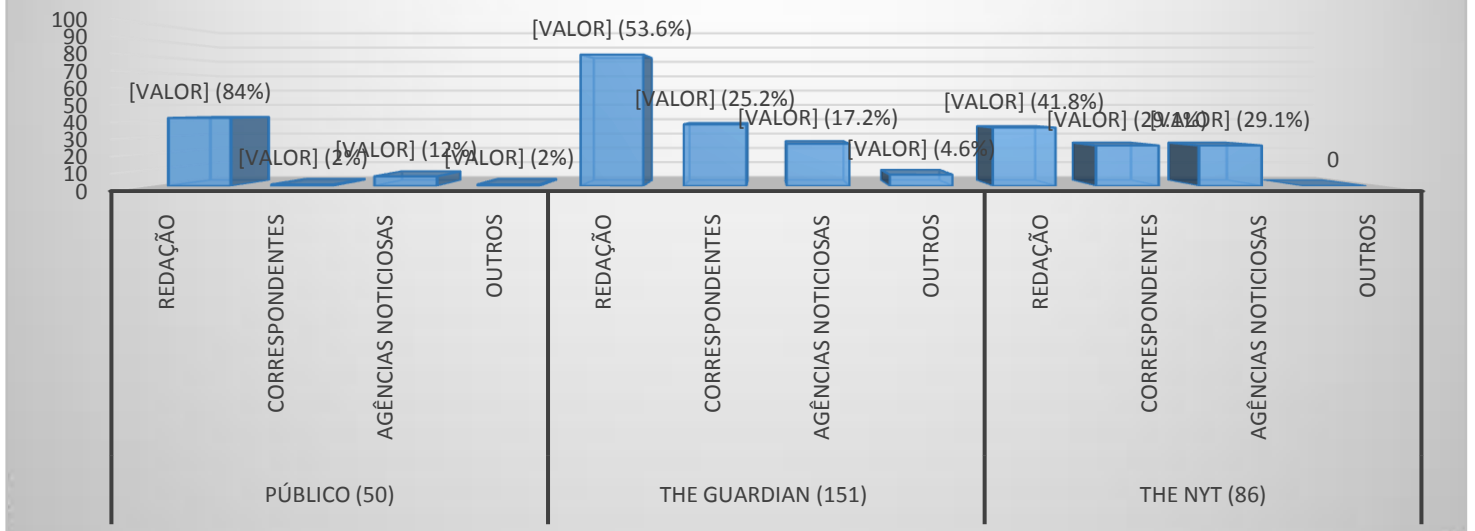


Gráfico 30 – Comparação entre Jornais: Número e Percentagem de Publicações por Fontes (6 – 12 de Setembro de 2015)

Jornal *Público*

Durante a segunda semana de análise (6 a 12 de Setembro de 2015) foram recolhidas 50 publicações do jornal *Público*, das quais 7 (14%) dizem respeito ao tema 'Síria' e 43 (86%) ao tema 'Refugiados' (tabelas e gráficos 14 e 26 (acima e), em anexo).

Estas publicações foram maioritariamente escritas pela redacção (84%), mais uma vez sem grande recurso a Correspondentes, Agências Noticiosas ou Outros meios (tabela e gráfico 30, acima e em anexo). Também como na primeira semana de análise, grande parte das publicações feitas pelo jornal, nesta semana, dizem respeito a Artigos, tanto Curto como Longos (sendo que os primeiros correspondem a 44% e os segundos a 32%). Existem também alguns Artigos de Opinião, Entrevistas e Vídeos, mas no entanto os valores referentes aos mesmos não são substanciais (tabela e gráfico 2, em anexo).

Mantêm-se as mesmas tendências que na primeira semana de análise, tanto em termos de fontes, como em relação ao tipo de publicações feitas, apesar da mudança no tema mais centralmente coberto, que passa da 'Síria' (na primeira amostra) para os 'Refugiados' (nesta).

Jornal *The Guardian*

Na mesma semana, foram recolhidas 151 publicações do *The Guardian*, das quais 55 (35.4%) dizem respeito ao tema 'Síria' e 97 (64.6%) ao tema 'Refugiados' (tabelas e gráficos 18 e 26, em anexo).

Estas publicações foram maioritariamente (53.6%) escritas pela redacção, com recurso também a Correspondentes (25.2%) e Agências Noticiosas (17.2%) (tabela e gráfico 30, acima e em anexo). Destacam-se aqui os Artigos Longos, representando (32.5%) de todas as publicações feitas durante a semana; seguidos dos Vídeos (17.9%) e das Opiniões Exteriores ao Jornal (8.6%) (tabela e gráfico 6, em anexo).

Com a mudança do tema da 'Síria' (na primeira amostra) para os 'Refugiados' (nesta), também se verifica uma mudança tanto no tipo de publicações (notando-se uma subida do número de publicações multimédia, especificamente dos Vídeos e Fotos), como nas fontes (com um maior uso de Correspondentes e Agências

Noticiosas).

Jornal *The NYT*

Neste período de análise, foram recolhidas 86 publicações do *The NYT*, das quais 19 (22.1%) dizem respeito ao tema 'Síria' e 67 (77.9%) ao tema 'Refugiados' (tabelas e gráficos 22 e 26 (acima e), em anexo).

Estas publicações foram maioritariamente escritas pela Redacção (41.8%), seguindo-se os Correspondentes (29.1%) e Agências Noticiosas (29.1%) com o mesmo valor (tabela e gráfico 30, acima e em anexo). O maior número de publicações do jornal, nesta semana, são os Artigos Longos (36.1%), seguidos de Vídeos (25.6%) e Artigos de Opinião Exterior ao Jornal (14%) (tabela e gráfico 10, em anexo).

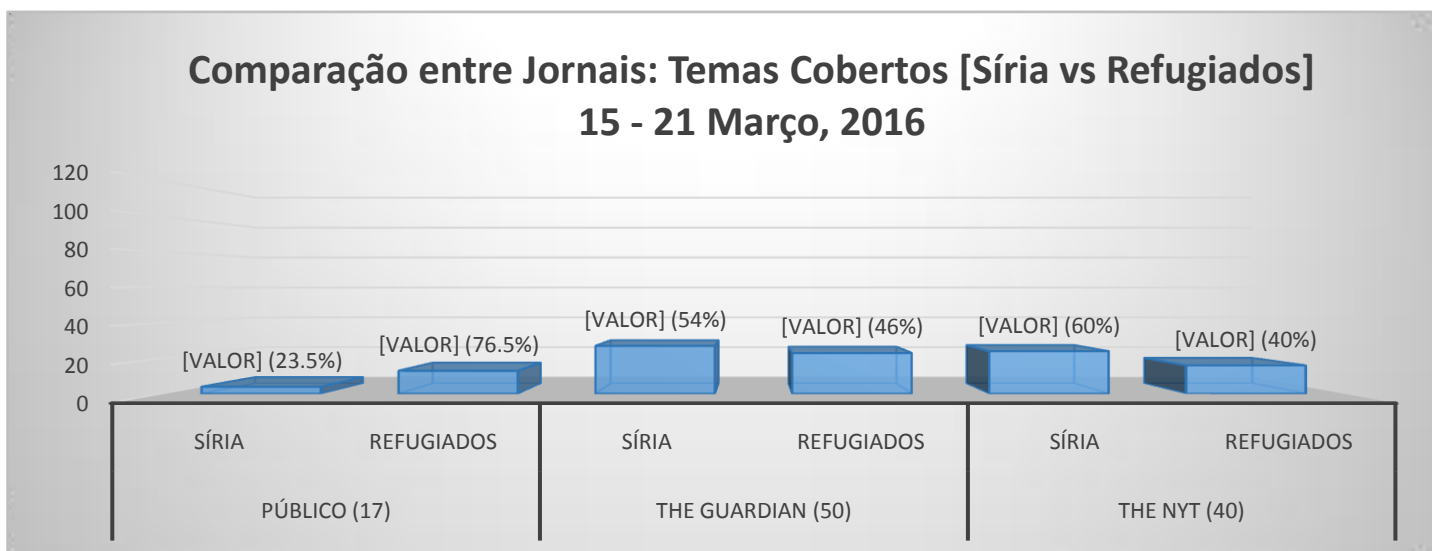
Com a mudança do tema da 'Síria' (na primeira amostra) para os 'Refugiados' (nesta), e em paralelo com o que acontece no *The Guardian*, também se verifica uma mudança tanto no tipo de publicações (notando-se uma subida do número de publicações multimédia, especificamente Vídeos; e diminuição dos Artigos de Opinião), como nas fontes (com um maior uso de Correspondentes e Agências Noticiosas).

Comparação entre Jornais

Na segunda semana de análise, todos os jornais mudam o seu foco e passam a dar agora primazia ao tema dos 'Refugiados' em relação ao tema da 'Síria'. A fonte mais usada é, também pelos três, a redacção, com os jornais inglês e norte-americano a recorrerem também aos Correspondentes e às Agências Noticiosas, que desta vez se mostram ambos relevantes, com as Agências a ficarem quase em pé de igualdade com os Correspondentes (algo que continua a não se mostrar representativo no caso do jornal português).

O Tipo de Publicação com valores mais elevados são, no caso dos jornais *The Guardian* e *The NYT*, os Artigos Longos, seguidos de Vídeos, que ganham aqui mais relevância; e ambos Artigos Longos como Curtos, no caso do jornal *Público*, cujos principais tipos de publicação se mantêm os mesmos que na primeira semana de análise.

Em paralelo com a mudança do foco de ‘Síria’ para ‘Refugiados’, existe também uma mudança, como vimos, do uso das fontes e do tipo de publicações mais feitas – tanto no caso do *The Guardian*, como no caso do *The NYT*; no entanto, no jornal *Público* isto não acontece.



3ª Semana de Análise: 15 - 21 Março, 2016

Gráfico 27 – Comparação entre Jornais: Número e Percentagem de Publicações por Temas Cobertos - Síria vs Refugiados (15 – 21 de Março de 2016)

Comparação entre Jornais: Fontes 15 - 21 Março, 2016

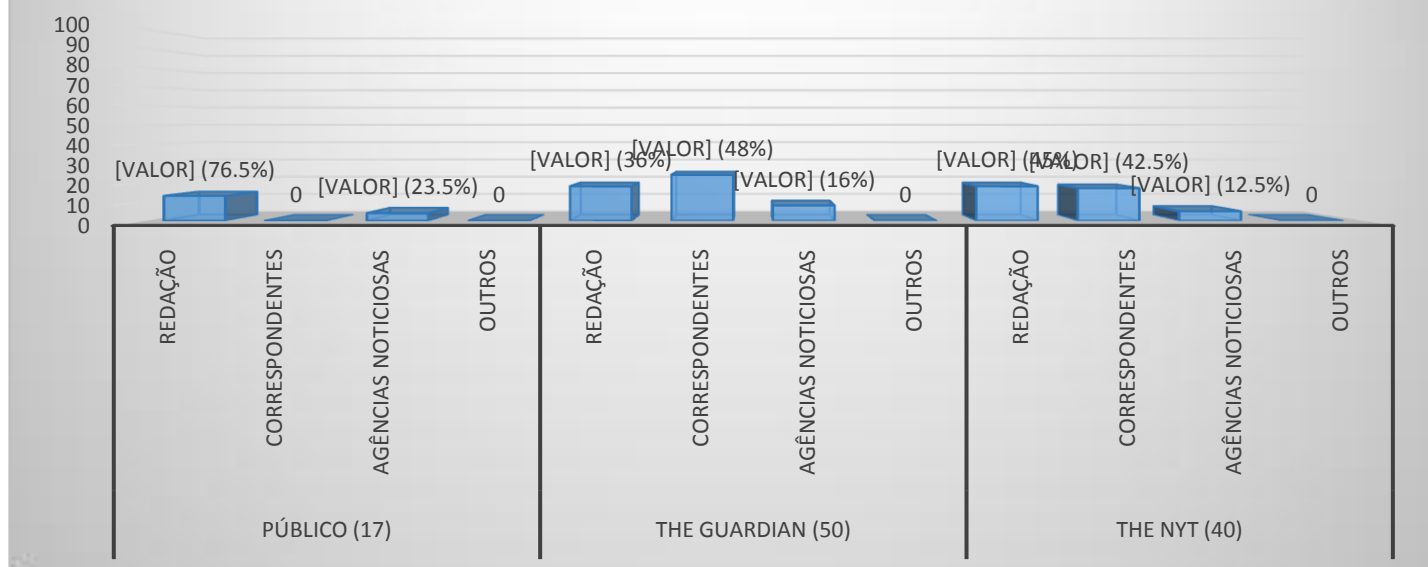


Gráfico 31 – Comparação entre Jornais: Número e Percentagem de Publicações por Fontes (15 – 21 de Março de 2016)

Jornal Público

Durante a terceira semana de análise (15 a 21 de Março de 2016) foram recolhidas 17 publicações do *Público*, das quais 4 (23.5%) dizem respeito ao tema ‘Síria’ e 43 (76.5%) ao tema ‘Refugiados’ (tabelas e gráficos 15 e 27 (acima e), em anexo).

Estas publicações foram maioritariamente escritas pela redacção (76.5%) e com recurso a Agências Noticiosas (23.5%), sem, no entanto, qualquer uso de Correspondentes (tabela e gráfico 31, acima e em anexo). Nesta terceira semana de análise, grande parte das publicações feitas pelo jornal dizem respeito a Artigos Longos (52.9%), com valores mais elevados, desta vez, que os Artigos Curtos, que se seguem (29.4%) (tabela e gráfico 3, em anexo).

Mantêm-se as mesmas tendências que na primeira e segunda semana de análise, tanto em termos de fontes, como em relação ao tipo de publicações feitas, que mantêm o seu foco no tema dos ‘Refugiados’.

Jornal *The Guardian*

Na mesma semana, foram recolhidas 50 publicações do *The Guardian*, das quais 27 (54%) dizem respeito ao tema 'Síria' e 23 (46%) ao tema 'Refugiados' (tabelas e gráficos 19 e 27 (acima e), em anexo).

Estas publicações foram maioritariamente escritas por Correspondentes (48%) e pela Redacção (36%) (tabela e gráfico 31, acima e em anexo). Destacam-se, mais uma vez, os Artigos Longos que representam grande parte de amostra (52%) de todas as publicações feitas pelo jornal durante a semana; seguidos de Artigos Curtos (10%) e Vídeos (8%) (tabela e gráfico 7, em anexo).

Nesta terceira semana de análise, o foco volta a mudar para o tema 'Síria', mas os valores mantêm-se aproximados. Isto verifica-se também nas fontes, que se mantêm relativamente equilibradas e relevantes. No caso do tipo de publicações, estas também se mantêm na mesma.

Jornal *The NYT*

Neste período em análise, foram recolhidas 40 publicações do *The NYT*, das quais 24 (60%) dizem respeito ao tema 'Síria' e 16 (40%) ao tema 'Refugiados' (tabelas e gráficos 19 e 27 (acima e), em anexo).

Estas publicações foram maioritariamente escritas pela Redacção (45%) e por Correspondentes (42.5%) (tabela e gráfico 31, acima e em anexo). O maior número de publicações do jornal, nesta semana, são os Artigos Longos (47.5%) que se destacam muito à frente de qualquer outro tipo de publicação, seguidos por Vídeos (com 15%) (tabela e gráfico 11, em anexo).

Tal como acontece no *The Guardian*, o foco volta a mudar para o tema 'Síria', mas os valores mantêm-se aproximados. Isto verifica-se também nas fontes, que se mantêm relativamente equilibradas e relevantes. No caso do tipo de publicações, estas também se mantêm na mesma (com maior peso dos Artigos Longos e Vídeos).

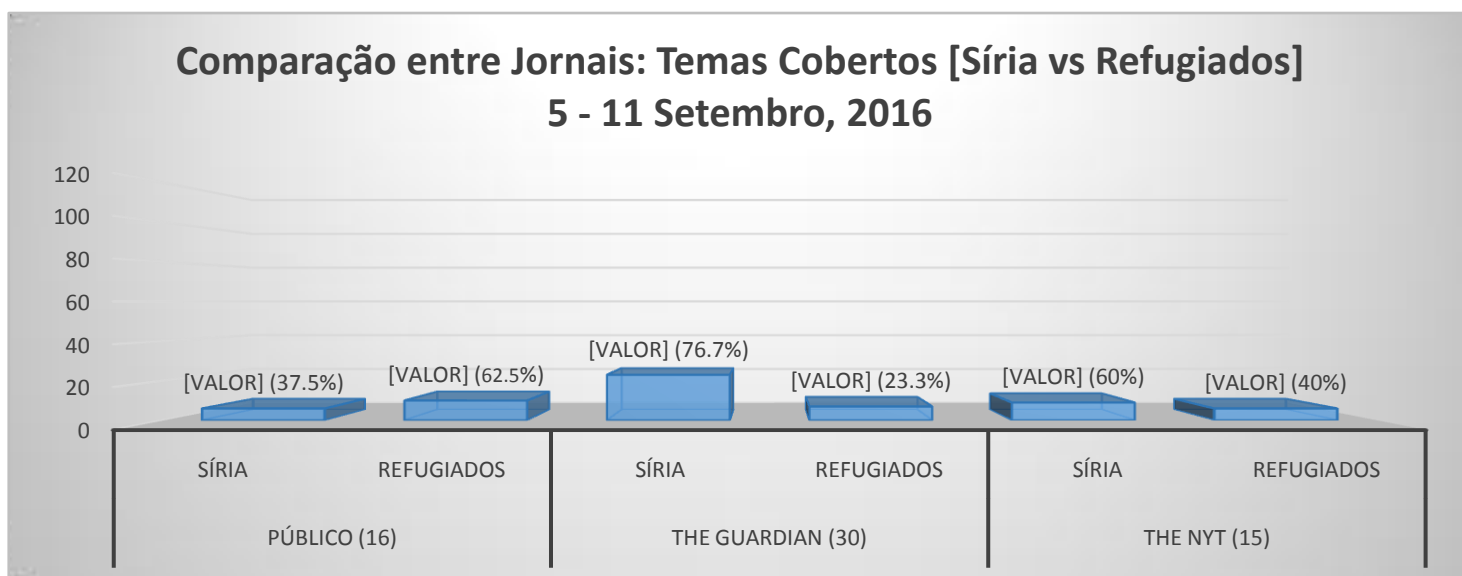
Comparação entre Jornais

Na terceira semana de análise, os jornais não são tão uniformes no seu foco,

dando o jornal *Público* mais relevância ao tema dos ‘Refugiados’, enquanto o *The Guardian* e o *The NYT* voltam a dar mais ênfase ao tema da ‘Síria’ (no entanto, desta vez, com valores mais aproximados). A fonte mais usada também diverge, sendo a Redação no caso do *Público* (com uma grande margem), os Correspondentes no caso do jornal inglês e uma divisão entre Redação e Correspondentes no caso norte-americano.

O Tipo de Publicação com valores mais elevados são, no caso dos jornais *The Guardian* e *The NYT*, os Artigos Longos, seguidos de Vídeos (mantendo-se a mesma tendência que surge na segunda semana de análise); e ambos Artigos Longos como Curtos, no caso do jornal *Público*, cujos principais tipos de publicação se mantêm os mesmos que na primeira e segunda semana de análise.

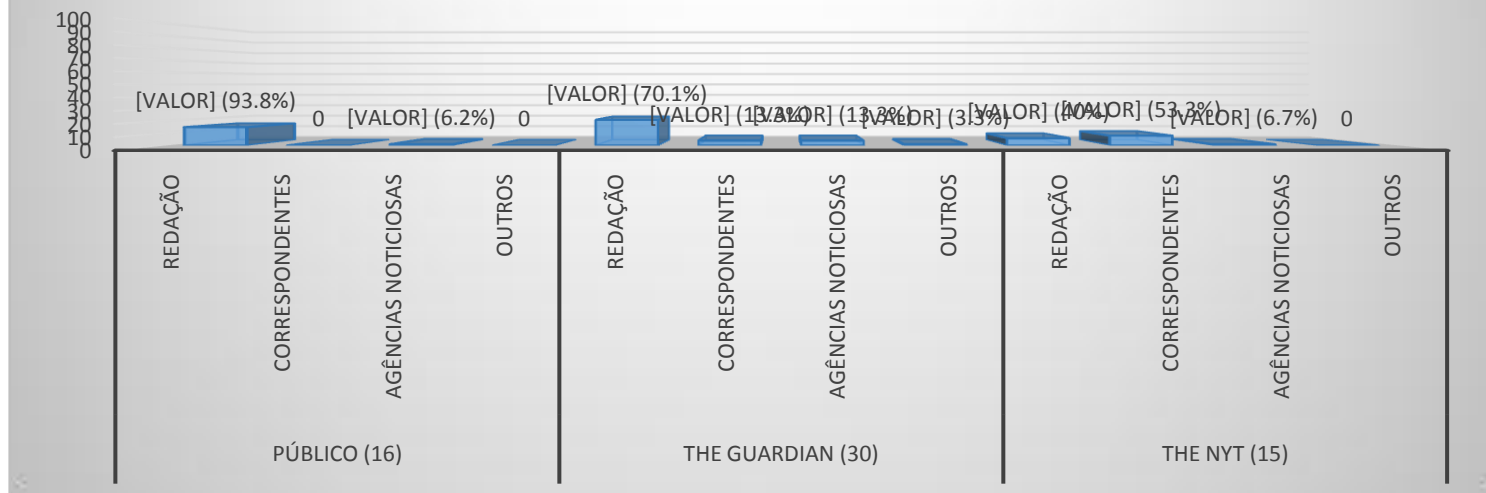
Algo a sublinhar é a descida acentuada do número total de publicações, em todos os jornais analisados, de 50 (*Público*), 151 (*The Guardian*) e 86 (*The NYT*) na segunda semana de análise (6 a 12 de Setembro de 2016) para 17 (*Público*), 50 (*The Guardian*) e 40 (*The NYT*) na terceira semana (15 a 21 de Março de 2016).



4ª Semana de Análise: 5 - 11 Setembro, 2016

Gráfico 28 – Comparação entre Jornais: Número e Percentagem de Publicações por

Comparação entre Jornais: Fontes 5 - 11 Setembro, 2016



Temas Cobertos - Síria vs Refugiados (5 – 11 de Setembro de 2016)

Gráfico 32 – Comparação entre Jornais: Número e Percentagem de Publicações por Fontes (5 – 11 de Setembro de 2016)

Jornal Público

Na quarta e última semana de análise (5 a 11 de Setembro de 2016) foram recolhidas 16 publicações do jornal *Público*, das quais 6 (37.5%) dizem respeito ao tema ‘Síria’ e 10 (62.5%) ao tema ‘Refugiados’ (tabelas e gráficos 16 e 28 (acima e), em anexo).

Estas publicações foram maioritariamente escritas pela redacção (93.8%), com recurso a Agências Noticiosas (6.2%), embora de forma não muito significativa (tabela e gráfico 32, acima e em anexo). Nesta semana, grande parte das publicações feitas pelo jornal dizem respeito a Artigos Longos (75%), com uma percentagem mais elevada do que nas outras semanas de análise, destacando-se em relação aos Artigos Curtos (12.5%) e Editoriais (12.5%) (tabela e gráfico 4, em anexo).

Mais uma vez, mantêm-se as mesmas tendências que nas anteriores semanas

de análise, tanto em termos de fontes, como em relação ao tipo de publicações feitas, que mantêm o seu foco no tema dos 'Refugiados'.

Jornal *The Guardian*

No *The Guardian*, foram recolhidas 30 publicações, das quais 23 (76.7%) dizem respeito ao tema 'Síria' e 7 (23.3%) ao tema 'Refugiados' (tabelas e gráficos 20 e 28 (acima e), em anexo).

Estas publicações foram maioritariamente escritas pela redação (70.1%), com recurso a Correspondentes (13.3%) e Agências Noticiosas (13.3%), embora de forma não tão significativa (tabela e gráfico 32, acima e em anexo). Destacam-se, neste caso, os Artigos Longos, representando (50%) de todas as publicações feitas durante a semana; seguidos dos Artigos Curtos (23.3%) (tabela e gráfico 8, em anexo).

Nesta última semana de análise, o foco mantém-se no tema 'Síria', com os valores a subirem e a distanciarem-se mais do tema 'Refugiados'. Com esta mudança e subida, as fontes voltam a mudar, também, voltando a ser semelhantes às da primeira semana de análise (com a Redação a ter mais peso e os Correspondentes e Agências Noticiosas menos). O tipo de publicações mantém-se semelhante, com uma aproximação entre o número de Artigos Longos e Curtos (embora os Longos tenham, como sempre no caso do *The Guardian*, mais peso).

Jornal *The NYT*

Foram recolhidas 15 publicações do *The NYT*, das quais 9 (60%) dizem respeito ao tema 'Síria' e 6 (40%) ao tema 'Refugiados' (tabelas e gráficos 24 e 28 (acima e), em anexo).

Estas publicações foram maioritariamente escritas por Correspondentes (53.3%) e pela redação (40%) (tabela e gráfico 32 acima e em anexo). O maior número de publicações do jornal, nesta semana de análise, são, mais uma vez, os Artigos Longos (66.7%) que se destacam muito à frente de qualquer outro tipo de publicação (tabela e gráfico 11, em anexo).

Mantêm-se as mesmas tendências que na semana de análise anterior, tanto em

termos de fontes, como em relação ao tipo de publicações feitas, que mantêm o seu foco no tema dos 'Síria'.

Comparação entre Jornais

Na quarta semana de análise, os jornais continuam a não ser uniformes no seu foco, dando o jornal *Público* mais relevância ao tema dos 'Refugiados', enquanto o *The Guardian* e o *The NYT* voltam a dar mais ênfase ao tema da 'Síria'. A fonte mais usada é a Redacção tanto no caso do jornal *Público* como do *The Guardian* (com uma grande margem); já no caso do jornal *The NYT*, os Correspondentes são a fonte com mais peso.

O tipo de publicação com valores mais elevados são, nos três casos, os Artigos Longos.

É mais uma vez de sublinhar a descida do número de publicações, em todos os jornais analisados, de 17 (*Público*), 50 (*The Guardian*) e 40 (*The NYT*) na terceira semana (15 a 21 de Março de 2016) para 16 (*Público*), 30 (*The Guardian*) e 15 (*The NYT*) na quarta semana (5 a 11 de Setembro de 2016), dando cada vez menos peso ao tema, de modo geral. Esta é uma tendência que se reflecte nos três jornais.

CAPÍTULO III

DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

O uso de agências noticiosas tem bastante peso, principalmente no caso dos jornais *The Guardian* e *The NYT*, nas publicações do tipo multimédia (como é o caso de vídeos, fotos, mapas, entre outros). Ao mesmo tempo que implica um enquadramento mais completo da temática, pelo maior número de vídeos, fotos e outros materiais que disponibilizam, poderá também estar associado a uma uniformização da informação. O acesso a este recurso providencia muitas vezes um elemento visual essencial, permitindo um olhar exterior ao do próprio jornal, mas que corre o risco de sacrificar profundidade na abordagem do tema, pela uniformidade apresentada pelas agências.

Os dados recolhidos confirmam os argumentos apresentados por Pantti (2013) na dependência das organizações de média nacionais nas histórias e visuais pré-seleccionados das agências de notícias na definição do enquadramento do relato das notícias internacionais. No entanto, pode também ser argumentado que as agências de notícias ocidentais providenciam uma ampla panóplia de imagens visuais para serem enquadradas de diferente forma por diferentes plataformas de média, de acordo com a interpretação dos eventos e tipo de cobertura que fazem. Os jornais aqui em análise, particularmente o *The Guardian* e o *The NYT*, acompanham as publicações multimédia – essencialmente os vídeos – com outras publicações e artigos que enquadram os mesmos, feitos pela redacção. Fornecendo os vários tipos de publicação permitem um olhar mais completo a que o leitor, de outra forma, poderia não ter acesso.

O uso de agências noticiosas, principalmente nas publicações de multimédia, é representativo no caso do *The Guardian* e *The NYT*, não tanto no caso do *Público*, já que neste último o maior peso da cobertura se centra nos artigos (curtos e longos) e o elemento multimédia não é tão relevante como nos jornais estrangeiros em análise. O

uso de agências noticiosas em qualquer uma das semanas em análise (tanto no caso das publicações de multimídia, como no caso dos artigos), não tem grande peso no *Público* e grande parte das suas publicações são feitas por parte da redação.

A cobertura complexa e detalhada dos jornais estrangeiros implica o recurso de correspondentes, destacados nos vários pontos relevantes do globo, o que permite ao *The NYT* usar um correspondente em Berlim quando se trata do relato de uma decisão por parte da Chanceler Angela Merkel em relação aos refugiados sírios, ou ao *The Guardian* fazê-lo em Washington quando se trata do relato do mesmo tipo de decisão por parte do Presidente Barack Obama. Ambos recorrem ao uso de correspondentes na Síria e nos países mediterrâneos mais afetados pela crise de refugiados. À semelhança do que acontece em relação ao recurso às agências noticiosas, os correspondentes não têm grande peso na cobertura feita pelo *Público*.

O tratamento jornalístico do jornal *Público* utiliza menos recursos do que os jornais *The Guardian* e *The NYT*. Isto poderá ser explicado pelo orçamento que os três jornais têm – sendo este bastante distinto. Os jornais estrangeiros tendo uma audiência mais vasta e um grupo de leitores de maior número, poderão ter maiores possibilidades para pagar tanto a agências noticiosas de prestígio, como a correspondentes nos vários pontos do globo. O jornal *Público* depende mais da sua própria redação na cobertura do tema; ao não enviar repórteres para o local poderá significar que distribui informação que recolhe de várias plataformas, dando o seu próprio enquadramento às notícias, mas sem poder acrescentar à cobertura da temática algo inédito. Poderá ter a ver com decisões editoriais do jornal e à valorização que o mesmo dá à cobertura desta temática e do tempo que dispõe na construção de publicações referentes à mesma, que os resultados desta análise mostram ser inferiores à dos jornais estrangeiros.

Se observarmos apenas os artigos – tendo em conta que estes são, em grande parte, escritos pelas redações dos três jornais – podemos observar que os jornais *The Guardian* e *The NYT* têm um maior número de artigos longos (com mais de 600 palavras), em todas as semanas de análise; enquanto o jornal *Público* tem um maior número de artigos curtos (com 600 palavras ou menos) em duas das semanas de análise e uma percentagem semelhante de artigos curtos e longos, nas outras duas

semanas de análise (sendo que o número artigos longos é superior), o que poderá indicar essas mesmas decisões editoriais e o menor tempo dedicado ao tema, resultado de acesso a pouca informação.

Artigos mais curtos, aliado ao facto das publicações do *Público* serem menos variadas – neste caso significando menos publicações de opinião, entrevistas ou de multimédia – significa que a cobertura feita por parte dos jornais inglês e norte-americano é mais extensa e mais detalhada.

A era digital traz potencialidades, particularmente nos conteúdos de cariz multimédia como os *live updates*, vídeos, fotos, entre outros. Os *live updates* referem-se às publicações de multimédia que estão em constante actualização, durante a semana de análise, funcionando como uma espécie de *blog* do jornal ou de um jornalista em particular, sobre a temática em causa. Estes permitem ao leitor estar actualizado a todo o momento, sobre o assunto. Estes permitem, também, a inclusão de ferramentas das redes sociais, tais como a compilação de publicações feitas no *Twitter* (muitas vezes de activistas, ou personalidades conhecidas, actores políticos ou até de cidadãos jornalistas).

É nesta vertente digital e multimédia que existe um espaço para a voz de actores menos tradicionais, como activistas, cidadãos jornalistas ou até membros da população de refugiados sírios, que contribuí tanto directa como indirectamente, ao providenciar fotos ou desenhos alusivos à crise de refugiados ou ao verem os seus *tweets* republicados em secções digitais dos jornais em causa. Os jornais que se destacam são novamente o *The Guardian* e o *The NYT*, com 65 publicações multimédia no total, nas quatro semanas de análise, no caso do *The Guardian*, e 51, no caso do *The NYT*. O *Público* tem apenas 5 publicações, no total das quatro semanas.

Em 2011, o *The Guardian* anuncia ter como objectivo tornar-se numa organização que prioriza o digital, colocando o jornalismo aberto e as relações com o jornalista cidadão no centro da sua estratégia. O jornal integra ferramentas das redes sociais, tais como o *twitter*, no próprio fluxo de trabalho jornalístico e isto traduz-se no número de publicações multimédia que faz nas amostras recolhidas, mantendo-se o líder neste tipo de publicações, mas também no tipo específico de publicações multimédia – sendo os vídeos, mas também os *live updates*, aquelas às quais o jornal

dá primazia.

Esta aposta, principalmente do *The Guardian*, mas também do *The NYT*, é relevante, já que é neste tipo de plataforma que as vozes menos tradicionais têm espaço e é aqui que os jornalistas tomam partido das potencialidades dos novos média, do jornalismo cidadão e da interactividade com as audiências. Neste aspecto, o *Público* mostra-se mais tradicional do que os jornais inglês e norte americano, existindo uma aposta mais reduzida nestas plataformas. Um dos motivos pelos quais o jornal poderá escolher não apostar no recurso a correspondentes, será o seu orçamento. No entanto, o uso das potencialidades das plataformas digitais e o número de publicações multimédia será simplesmente uma decisão editorial. É importante que este aposte mais nesta vertente – com o intuito de tirar proveito da própria plataforma digital, da interactividade, proximidade e participação dos leitores, ao mesmo tempo que apresenta outro tipo de conteúdos, enriquecendo a sua cobertura.

Os jornais têm oportunidade (e fazem-no) de dar voz a activistas, personalidades conhecidas diversas, actores políticos, cidadãos das populações que recebem os refugiados ou aos próprios refugiados ao publicar entrevistas ou citações destas pessoas. Nesta vertente, o *The Guardian* continua a apresentar maior diversidade que os outros jornais em análise (com 35 publicações, ao longo das quatro semanas), estando *The NYT* em segundo (com 10 publicações) e *Público* em último (com 8 publicações).

A cobertura que os jornais em causa dedicam à temática da crise de refugiados é objectiva em termos de linguagem e enquadramento e minuciosa em termos de investigação. Ao contrário do que acontece nos jornais analisados no artigo '*The Role of the Press in the War on Asylum*' (Philo et al., 2013), onde o *Daily Express*, *Daily Mail*, *Sun* e *Telegraph* retratam estes refugiados como imigrantes económicos e imigrantes ilegais fraudulentos, usando casos em que os pedidos de asilo foram negados pelo governo inglês, entre outros; recorrendo ao uso de linguagem que os caracteriza como 'ilegais', 'fraudes', 'falsos', para fazerem pressão para a deportação destes refugiados, os jornais aqui em análise, afastam-se de qualquer tipo de linguagem depreciativa, xenófoba ou racista. Durante toda a cobertura do tema, os três jornais usam maioritariamente a palavra 'refugiado' ou 'requerente de asilo' para descrever estas

peessoas, por vezes a palavra ‘migrante’ e muito raramente a palavra ‘imigrante’, normalmente num contexto específico e sem conotação negativa. Nenhum dos jornais faz a sua cobertura ao usar qualquer tipo de adjectivos pejorativos.

O enquadramento dado aos artigos e publicações é objectivo e sem um aparente *bias* para influenciar o leitor em qualquer sentido. Nota-se um esforço dos três jornais em dar o maior número de factos e argumentos ao leitor, para que este possa chegar às suas próprias conclusões, através de uma cobertura rica e complexa do tema, apresentando vozes e ‘personagens’ das várias facções envolvidas (tais como a do presidente Bashar Al-Assad, presidente Barack Obama, Chanceler Angela Merkel, dos próprios refugiados, das populações dos países mais afectados pela crise de refugiados, entre outros). Existem vários artigos de investigação e vários artigos longos e complexos que procuram explicar as várias vertentes da crise de refugiados (desde o motivo pelo qual ela existe, até às partes envolvidas, os problemas que alguns dos países que têm acolhido os refugiados enfrentam, algumas das decisões da União Europeia em relação à crise e ao acolhimento destas pessoas, as consequências da mesma, o dia-a-dia de alguns refugiados nas suas novas residências, entre outros). É portanto uma cobertura objectiva, complexa e rica, por parte dos três jornais em análise.

No entanto, à excepção da segunda semana de análise (6 a 12 de Setembro de 2016), em que dão uma maior cobertura especificamente ao tema dos refugiados, nas outras semanas, focam-se mais no tema geral da Síria. Estas publicações – 95.3%, 23.5% e 37.5% no caso do *Público*, 98.8%, 54% e 76.7% no *The Guardian* e 97.1%, 60% e 60% no caso do *The NYT*, na primeira, terceira e quarta semanas de análise, respectivamente - incluem relatos sobre a guerra civil, assim como as posições de governos e ‘protagonistas’ internacionais, desenvolvimentos a nível de forças no terreno, os acordos internacionais (de notar os acordos e conversações entre os EUA e a Rússia sobre as armas químicas na Síria, que têm aqui grande peso numérico), ou qualquer outro assunto que diga respeito à Síria, mas não à crise de refugiados em si. Isto significa que a cobertura da temática da crise de refugiados sírios, apesar de complexa e diversa quando feita, surge em ‘picos’ e poderá passar a segundo plano, com relativa facilidade – tal como previsto no estudo de Aday et al. (2012).

Na primeira semana de análise (o primeiro grande plano europeu de acolhimento de refugiados sírios: a Alemanha concorda em acolher 3000 refugiados sírios (o maior programa até à data) – dia 11 de Setembro de 2013), grande parte da cobertura da temática ‘Síria’ diz respeito não ao refugiados, mas à guerra civil em si, assim como aos acordos e decisões políticas de dois grandes protagonistas internacionais – os EUA e a Rússia – devido ao uso de armas químicas em território sírio. No jornal *Público*, das três publicações dedicadas ao tema dos refugiados, nesta semana de análise, apenas uma dessas publicações (um artigo curto) diz respeito ao momento descrito acima. Nos jornais *The Guardian* e *The NYT*, de um e quatro artigos referentes aos refugiados, respectivamente, nenhum deles cobre a questão do acolhimento de refugiados acima.

Na segunda semana de análise (a comissão europeia apresenta uma proposta de realocação de refugiados nos estados membros da União Europeia – dia 9 de Setembro de 2015), a maior parte das publicações feitas são, neste caso, sobre a crise de refugiados. No *Público*, das quarenta e três publicações dedicadas ao tema dos refugiados, nesta semana de análise, quatro dessas publicações (um artigo curto, um longo, um de opinião e um editorial) dizem respeito ao momento descrito acima. No *The Guardian*, cinco das noventa e sete publicações referentes à crise de refugiados, dizem respeito à realocação (dois artigos longos, um discurso, um *live update* e um vídeo). No *The NYT*, duas das sessenta e sete publicações (um artigo longo e um editorial).

Por ter o maior número de publicações acerca da crise de refugiados, nos três jornais, na amostra da segunda semana é possível verificar certas tendências relevantes, especificamente no que diz respeito à pressão que os média podem e devem exercer perante os governos envolvidos, para que estes tomem acções significativas na ajuda e acolhimento aos refugiados.

O *The Guardian* é altamente crítico na sua reportagem, principalmente à falta de acção dos governos europeus e, em particular, do governo britânico; incluindo artigos, peças de opinião, editoriais e vídeos, apontando as nações que mais têm ajudado na crise de refugiados (tal como a Alemanha), louvando-as, e os países que menos têm feito, tais como o próprio Reino Unido, criticando-os, de certa forma, e

incitando-os à acção.

O *The NYT* é também crítico ao apontar os melhores e piores comportamentos e respostas, principalmente na Europa, à crise de refugiados, destacando também a Alemanha como um bom exemplo de acção e a Hungria e outros países da Europa de Leste como um exemplo de xenofobia e racismo; enquanto explica que compaixão pelos refugiados não é suficiente, e que são necessárias medidas e acções específicas que venham a demonstrar resultados positivos e marcantes. Em relação aos próprios EUA, o jornal descreve o seu plano de acção, conforme o presidente Barack Obama e o secretário de estado John Kerry explicam a sua decisão de acolher mais refugiados, mantendo um olhar crítico e dando voz aos grupos que defendem que a acção dos norte-americanos não tem sido suficiente; no entanto, sem que este seja um olhar tão analítico como aquele que lança às acções dos governos europeus.

OPúblico faz uma análise dos países que pretendem acolher refugiados e das promessas feitas nesse sentido, particularmente a Alemanha e o Reino Unido, criticando, como os outros jornais, a posição adoptada pela Hungria. Todos os jornais procuram apresentar também soluções, ao darem espaço ao relato de iniciativas de acolhimento e ajuda aos refugiados, assim como a histórias de sucesso de acolhimento nos seus países.

Na terceira semana de análise (acordo entre a União Europeia e a Turquia: os países balcãs decidem fechar as suas fronteiras e milhares de refugiados poderão ficar presos na Grécia; a União Europeia chega a um acordo com a Turquia que inclui a possibilidade da Grécia enviar de volta para a Turquia aqueles que sejam considerados ‘migrantes irregulares’ em troca de algumas benesses e apoio financeiro – dia 18 de Março de 2016), os jornais *The Guardian* e *The NYT*, voltam a ter um maior número de artigos dedicados à temática da ‘Síria’ e menos dedicados especificamente à crise de refugiados. No *The Guardian*, das vinte e três publicações referentes à crise de refugiados, catorze dizem respeito ao acordo (um artigo curto, nove artigos longos, um editorial, uma entrevista e dois vídeos); enquanto no *The NYT*, de dezasseis publicações, doze dizem respeito a este momento (oito artigos longos, uma peça de opinião, um editorial e dois vídeos). Já no *Público*, das treze publicações dedicadas aos refugiados, seis cobrem o acordo U.E. – Turquia (um artigo curto, quatro longos e um editorial).

A sublinhar na amostra desta semana é a descida acentuada do número total de publicações, em todos os jornais analisados, de 50 (*Público*), 151 (*The Guardian*) e 86 (*The NYT*) na segunda semana de análise (6 a 12 de Setembro de 2016) para 17 (*Público*), 50 (*The Guardian*) e 40 (*The NYT*) na terceira semana (15 a 21 de Março de 2016). Há também que ter em conta que tanto no jornal *The Guardian* como no *The NYT*, o foco volta a estar centrado na ‘Síria’ e não nos refugiados. No entanto, apesar de uma amostra pequena de publicações relativas a esta semana de análise, grande percentagem destas publicações dizem respeito ao acordo U.E. – Turquia, em todos os jornais. Isto poderá significar que a atenção à temática acontece aqui (e à excepção da segunda semana, relativa a setembro de 2015) em ‘picos’. Neste caso, existiu uma cobertura do tema, mas é uma cobertura menos vasta e diversificada que na semana anterior, e muito focada no acontecimento específico que foi o acordo com a Turquia. Os jornais fizeram, no entanto, um excelente trabalho de investigação neste sentido, criticando os ‘buracos’ que este acordo continha e exemplificando porque seria, ainda, insuficiente na ajuda aos refugiados (particularmente os que se encontravam na Grécia e Turquia, à data).

Na quarta semana de análise (mais de 70 grupos de ajuda internacional decidem suspender a sua cooperação com as Nações Unidas na Síria (que inclui apoio aos refugiados), defendendo que Bashar al-Assad detém demasiada influência sobre essa mesma ajuda – dia 8 de Setembro de 2016), o número de publicações na amostra desce ainda mais, assim como o número daquelas dedicadas ao momento em causa, confirmando o que já se entendia pela análise da terceira semana, que a prioridade dos jornais deixou de ser a temática da ‘Síria’ (tanto num todo como acerca refugiados, em específico), passando a ser outras, como o aquela das eleições norte-americanas. Nesta semana, no *Público*, dos dez artigos em análise sobre a crise de refugiados, apenas um deles diz respeito ao momento em causa (um artigo longo); no *The Guardian* e *The NYT*, dos sete e seis artigos sobre os refugiados, respectivamente, também apenas um é sobre a suspensão da cooperação com as Nações Unidas (um artigo longo no caso do *The Guardian* e um curto no caso do *The NYT*).

Apesar da inconsistência no número de publicações referentes à ‘Síria’ e à crise de refugiados ao longo das quatro semanas em análise (com um maior número de

publicações em 2013 e 2015 – primeiro focadas na questão das armas químicas e depois na crise de refugiados – e um número muito mais reduzido de publicações em 2016, em qualquer uma das semanas e sobre qualquer uma das temáticas), a cobertura feita pelos jornais *Público*, *The Guardian* e *The NYT* é, ainda assim, completa, objectiva e necessária.

O termo ‘ícone de notícias instantâneo’ proposto por Mortensen (2016), descreve o relato visual dos novos média digitais e interactivos e pode ser visível, até, na vertente multimédia dos jornais aqui em análise. Recorrem também ao efeito choque, resultado das fotos do refugiado sírio de três anos, Alan Kurdi, encontrado afogado ao largo da costa da Turquia, publicadas pelo *The Guardian* e *The NYT* (embora não na amostra aqui em estudo); no entanto, apresentam uma cobertura mais aprofundada, delicada e complexa, ao se preocuparem em fazer investigação sobre a temática, ao enviar correspondentes para o terreno e ao dar um enquadramento relevante e contextualizante, sem *bias*, dando espaço a diversas vozes e tendo a preocupação de apontar também o que os seus leitores podem fazer para ajudar estes refugiados, a uma escala mais pequena; ao mesmo tempo que apontam para os melhores e piores comportamentos e respostas, principalmente na Europa, à crise de refugiados, destacando os bons e maus exemplos, pressionando à acção para ajuda dos refugiados, assim como criticando as medidas xenófobas e racistas.

CONCLUSÕES

Este trabalho teve enquanto linha orientadora o debate dos impactos da comunicação digital e dos novos média na eclosão e disseminação dos movimentos sociais e das migrações, em particular na crise de refugiados sírios, enquanto questiona criticamente o papel do jornalismo na representação desta crise e dos seus protagonistas, bem como o seu potencial cívico e político.

A análise dos resultados revela que a cobertura feita à crise de refugiados sírios é rica e complexa, utiliza diversas plataformas e fontes, com peças de investigação, com recurso a correspondentes e agências noticiosas, tirando partido das plataformas multimédia digitais, principalmente no caso do *The Guardian* e *The NYT*. A cobertura é, no entanto, episódica, com ‘picos’ em situações particulares, com abandono rápido do relato da crise de refugiados sírios – particularmente na primeira (8 a 14 de Setembro de 2013), terceira (15 a 21 de Março de 2016) e quarta (5 a 11 de Setembro de 2016) semanas de análise.

No que diz respeito à cobertura visual do conflito sírio nas plataformas digitais, Pantti (2013) argumenta que se mantêm alguns aspectos dos média tradicionais ligados à dependência nas histórias e visuais pré-seleccionados das agências de notícias internacionais na definição do enquadramento do relato das notícias

internacionais pelas organizações de mídia nacionais; enquanto Rohde et al. (2016) e Seo et al. (2016) alertam para o facto de várias facções do conflito produzirem e disseminarem informação e imagens gráficas, fazendo uso de emoções como empatia, indignação e culpa, para o seu próprio benefício, ao fim de obterem visibilidade e legitimidade perante as audiências locais e internacionais. Ao serem um veículo para estes novos protagonistas e interações, faz parte do trabalho dos novos média medirem até que ponto esta informação e imagens – algumas delas ‘ícones de notícia instantâneos’ (Mortensen, 2016) – podem ser benéficas ou prejudiciais, ou que tipo de enquadramento estas devem ter para que se mantenham os princípios básicos de ética e objectividade.

Tanto o *The Guardian* como o *The NYT* revelam uma tendência para o uso de agências noticiosas na cobertura do tema, essencialmente nas vertentes multimédia; enquanto o *Público* depende da sua redacção. O uso de agências noticiosas tem bastante peso, principalmente no caso dos jornais *The Guardian* e *The NYT*, nas publicações do tipo multimédia (como é o caso de vídeos, fotos, mapas, entre outros). Ao mesmo tempo que implica um enquadramento mais completo da temática, pelo maior número de vídeos, fotos e outros materiais que disponibilizam, poderá também estar associado a uma uniformização da informação. No entanto, têm o cuidado de fazer acompanhar as publicações multimédia – essencialmente os vídeos – por outras publicações e artigos que enquadram os mesmos, feitos pela redacção.

O tratamento jornalístico do jornal *Público* utiliza menos recursos – correspondentes, agências noticiosas e plataformas multimédia - do que os jornais *The Guardian* e *The NYT*. *Público* depende mais da sua própria redacção na cobertura do tema; ao não enviar repórteres para o local poderá significar que distribui informação que recolhe de várias plataformas, dando o seu próprio enquadramento às notícias, mas sem poder acrescentar à cobertura da temática algo inédito. Poderá ter a ver com decisões editoriais do jornal e à valorização que o mesmo dá à cobertura desta temática e do tempo que dispõe na construção de publicações referentes à mesma, que os resultados desta análise mostram ser inferiores à dos jornais estrangeiros.

O *Público* apresentatambém um maior número de artigos curtos (com 600 palavras ou menos), o que poderá comprovar essas mesmas decisões editoriais e o

menor tempo dedicado ao tema, resultado de acesso a pouca informação. Artigos mais curtos, aliado ao tipo menos variado de publicações – neste caso significando menos publicações de opinião, entrevistas ou de multimédia – significa que a cobertura feita por parte dos jornais inglês e norte-americano é mais extensa e mais detalhada.

Embora o termo ‘ícone de notícias instantâneo’ proposto por Mortensen (2016), possa ser destacado na vertente multimédia dos jornais aqui em análise - que recorrem também ao efeito choque, resultado das fotos do refugiado sírio de três anos, Alan Kurdi, encontrado afogado ao largo da costa da Turquia, ou outras, publicadas pelo *The Guardian* e *The NYT* (embora não na amostra aqui em estudo) – esta não é a tendência prevalente. Apresentam uma cobertura aprofundada, delicada e complexa, ao se preocuparem em fazer investigação sobre a temática, ao enviar correspondentes para o terreno e ao dar um enquadramento relevante e contextualizante, sem *bias*, dando espaço a diversas vozes e tendo a preocupação de apontar também o que os seus leitores podem fazer para ajudar estes refugiados, a uma escala mais pequena; ao mesmo tempo que apontam para os melhores e piores comportamentos e respostas, principalmente na Europa, à crise de refugiados, destacando os bons e maus exemplos, pressionando à acção para ajuda dos refugiados, assim como criticando as medidas xenófobas e racistas.

Em termos de linguagem, a cobertura que os jornais em causa dedicam à temática da crise de refugiados é objectiva e minuciosa em termos de investigação. Ao contrário do que acontece nos jornais analisados no artigo ‘*The Role of the Press in the War on Asylum*’ (Philo et al., 2013), onde o *Daily Express*, *Daily Mail*, *Sun* e *Telegraph* retratam estes refugiados como imigrantes económicos e imigrantes ilegais fraudulentos, usando casos em que os pedidos de asilo foram negados pelo governo inglês, entre outros; recorrendo ao uso de linguagem que os caracteriza como ‘ilegais’, ‘fraudes’, ‘falsos’, para fazerem pressão para a deportação destes refugiados, os jornais aqui em análise, afastam-se de qualquer tipo de linguagem depreciativa, xenófoba ou racista. Durante toda a cobertura do tema, os três jornais usam maioritariamente a palavra ‘refugiado’ ou ‘requerente de asilo’ para descrever estas pessoas, por vezes a palavra ‘migrante’ e muito raramente a palavra ‘imigrante’, normalmente num contexto específico e sem conotação negativa. Nenhum dos jornais

faz a sua cobertura ao usar qualquer tipo de adjectivos pejorativos.

É na vertente digital e multimédia que existe um espaço para a voz de actores menos tradicionais, como activistas, cidadãos jornalistas ou até membros da população geral ou refugiados sírios, que contribuem tanto directa como indirectamente ao providenciar imagens alusivas à crise ou ao verem os seus *tweets* republicados em secções digitais dos jornais em causa. A era digital traz potencialidades, não só no tipo de fontes, como nas próprias plataformas e tecnologia. Nas plataformas *online* temos a possibilidade de fazer uma cobertura mais dinâmica e completa das temáticas, neste caso, particularmente nos conteúdos de cariz multimédia como os *live updates*, vídeos, fotos, entre outros. Os *live updates* permitem ao leitor estar actualizado a todo o momento, sobre o assunto. Estes permitem, também, a inclusão de ferramentas das redes sociais, tais como a compilação de publicações feitas no twitter (muitas vezes de activistas, ou personalidades conhecidas, actores políticos ou até de cidadãos).

Os jornais que se destacam são novamente o *The Guardian* e o *The NYT*, com 65 publicações multimédia no total, nas quatro semanas de análise, no caso do *The Guardian*, e 51, no caso do *The NYT*. O *Público* tem apenas 5 publicações, no total das quatro semanas. É importante que exista uma maior aposta dos jornais nesta vertente principalmente do *Público*, sendo aquele que se mostra menos inovador neste tipo de publicações— com o intuito de tirar proveito da própria plataforma digital, da interactividade, proximidade e participação dos leitores, ao mesmo tempo que apresenta outro tipo de conteúdos, enriquecendo a sua cobertura.

Poderão existir mais plataformas interactivas, oferecendo alternativas para a interacção com a audiência, ao mesmo tempo que exploram a própria tecnologia, e continuam a inovar, como aliás têm vindo a fazer, particularmente no caso do *The Guardian*. O jornalismo pode beneficiar da relação entre repórteres, conteúdos e leitores, sendo necessário para isso a constante aposta nas novas tecnologias e publicações multimédia nas suas plataformas *online*, criando uma proximidade entre os mesmos. A edição digital de um jornal não deve reproduzir a versão escrita, mas acrescentar conteúdos e ferramentas que não seriam possíveis noutra tipo de plataforma, enriquecendo a reportagem.

Os média têm o papel cívico de informar a opinião pública e possivelmente pressionar os governos ocidentais e/ou envolvidos no conflito, assim como governos vizinhos, à acção. Aquando de uma migração em massa deste tipo, existe uma tendência recorrente dos média sensacionalistas ou associados à extrema direita, assim como dos próprios partidos políticos – para incitar o medo sobre a população, levando a comportamentos de xenofobia e racismo e até à violência (Philo e outros, 2013). Estas plataformas têm o poder de fazer o oposto, levando aqueles que se encontram no poder à acção e à tomada de medidas que possam vir a dar termino à própria guerra, assim como medidas de ajuda e integração dos refugiados.

Neste aspecto, o *The Guardian* é altamente crítico na sua reportagem, principalmente à falta de acção dos governos europeus e, em particular, do governo britânico; incluindo artigos, peças de opinião, editoriais e vídeos, apontando as nações que mais têm ajudado na crise de refugiados (tal como a Alemanha), louvando-as, e os países que menos têm feito, tais como o próprio Reino Unido, criticando-os, de certa forma, e incitando-os à acção.

O *The NYT* é também crítico ao apontar os melhores e piores comportamentos e respostas, principalmente na Europa, à crise de refugiados, destacando também a Alemanha como um bom exemplo de acção e a Hungria e outros países da Europa de Leste como um exemplo de xenofobia e racismo; enquanto explica que compaixão pelos refugiados não é suficiente, e que são necessárias medidas e acções específicas que venham a demonstrar resultados positivos e marcantes. Em relação aos próprios EUA, o jornal descreve o seu plano de acção, conforme o presidente Barack Obama e o secretário de estado John Kerry explicam a sua decisão de acolher mais refugiados, mantendo um olhar crítico e dando voz aos grupos que defendem que a acção dos norte-americanos não tem sido suficiente; no entanto, sem que este seja um olhar tão analítico como aquele que lança às acções dos governos europeus.

O *Público* faz uma análise dos países que pretendem acolher refugiados e das promessas feitas nesse sentido, particularmente a Alemanha e o Reino Unido, criticando, como os outros jornais, a posição adoptada pela Hungria. Todos os jornais procuram apresentar também soluções, ao darem espaço ao relato de iniciativas de acolhimento e ajuda aos refugiados, assim como a histórias de sucesso de acolhimento

nos seus países.

A cobertura é, no entanto, episódica, com ‘picos’ em situações particulares, com abandono rápido do relato da crise de refugiados sírios. O declínio no número total de publicações feitas pelos três jornais, na terceira e quarta semanas de análise, onde o foco volta a estar centrado na ‘Síria’ e não nos refugiados, e tendo em consideração que grande percentagem destas publicações dizem respeito ao acordo U.E. – Turquia, significará que a cobertura é feita de forma esporádica e não consistente.

À excepção da segunda semana de análise (6 a 12 de Setembro de 2016), em que dão uma maior cobertura especificamente ao tema dos refugiados, nas outras semanas, focam-se mais no tema geral da Síria. Estas publicações – 95.3%, 23.5% e 37.5% no caso do *Público*, 98.8%, 54% e 76.7% no *The Guardian* e 97.1%, 60% e 60% no caso do *The NYT*, na primeira, terceira e quarta semanas de análise, respectivamente - incluem relatos sobre a guerra civil, assim como as posições de governos e ‘protagonistas’ internacionais, desenvolvimentos a nível de forças no terreno, os acordos internacionais (de notar os acordos e conversações entre os EUA e a Rússia sobre as armas químicas na Síria, que têm aqui grande peso numérico), ou qualquer outro assunto que diga respeito à Síria, mas não à crise de refugiados em si. Isto significa que a cobertura da temática da crise de refugiados sírios, apesar de complexa e diversa quando feita, surge em ‘picos’ e poderá passar a segundo plano, com relativa facilidade.

Apesar da inconsistência no número de publicações referentes à ‘Síria’ e à crise de refugiados ao longo das quatro semanas em análise (com um maior número de publicações em 2013 e 2015 – primeiro focadas na questão das armas químicas e depois na crise de refugiados – e um número muito mais reduzido de publicações em 2016, em qualquer uma das semanas e sobre qualquer uma das temáticas), a cobertura feita pelos jornais *Público*, *The Guardian* e *The NYT* é, ainda assim, completa, rica e objectiva – com destaque para os jornais internacionais.

Preocupam-se em fazer investigação, dar um enquadramento relevante e contextualizante, sem *bias*, dando espaço a diversas vozes e tendo a preocupação de apontar também o que os seus leitores podem fazer para ajudar estes refugiados, a

uma escala mais pequena; ao mesmo tempo que apontam para os melhores e piores comportamentos e respostas, principalmente na Europa, à crise de refugiados, destacando os bons e maus exemplos, pressionando à acção para ajuda dos refugiados, assim como criticando as medidas xenófobas e racistas.

Esta é uma cobertura objectiva em termos de linguagem e enquadramento e minuciosa em termos de investigação, uma cobertura diversa e abrangente, onde há espaço para diversas vozes e diferentes plataformas, onde o leitor tem acesso a todo o tipo de informações – desde o motivo pelo qual a crise de refugiados surge, até ao relato das acções das partes envolvidas, os problemas que alguns dos países que têm acolhido os refugiados enfrentam, algumas das decisões da União Europeia em relação à crise e ao acolhimento destas pessoas, as consequências da mesma, o dia-a-dia de alguns refugiados nas suas novas residências, o que os seus leitores podem fazer para ajudar os refugiados nas suas comunidades, histórias de sucesso e infortúnios.

A cobertura de um tema desta dimensão e importância deve, no entanto, ser mais extensa e menos episódica. Tendo em conta que este é ainda um assunto relevante e que os refugiados sírios continuam em situações chocantes e necessitam de ajuda, particularmente na pressão sobre a acção dos governos europeus e ocidentais, é importante que os jornais mantenham uma cobertura constante da temática, continuando a pressionar os governos à acção (tal como fizeram durante a segunda semana em análise) e não deixem que esta se torne esporádica e com ‘picos’ de atenção (como vemos acontecer com o acordo U.E – Turquia).

Será também relevante a aposta no uso de mais recursos – particularmente nas plataformas multimédia e ferramentas digitais, com o intuito de tirar proveito das potencialidades que as versões *online* apresentam, pela possibilidade da interactividade, proximidade e participação dos leitores, ao mesmo tempo que permite apresentar outro tipo de conteúdos, enriquecendo a sua cobertura. Isto será necessário, particularmente, no caso do *Público*, sendo aquele que menos aposta nesta vertente. É aqui que se encontra o futuro do jornalismo e é importante que os jornais compreendam e aceitem a necessidade – mas também os benefícios e potencialidades – da aposta em novas ferramentas interactivas e na ligação próxima com os leitores, que apresentam novas perspectivas, enquanto contribuem

informação e dão *feedback* à própria redacção, criando um clima de cidadania e responsabilidade cívica entre todos nós.

Referências Bibliográficas

Aday, S., Farrell, H., Freelon D., Lynch, M. e Sides, J. (2012), “Blogs and Bullets II: New Media and Conflict after the Arab Spring”, *USIP Peaceworks*, Washington, No. 80.

Aday, S., Farrell, H., Freelon D., Lynch, M., Sides, J. e Dewar, M. (2013), “Watching from afar: Media Consumption Patterns around the Arab Spring”, *American Behavioral Scientist, Publicações SAGE, Vol. 57(7)*, pp. 899 - 919.

Adelman, H. (2001), “From Refugees to Forced Migration: The UNHCR and Human Security”, *International Migration Review*, Vol. 35(1).

Baresch, B., Shih-Hsien,H. e Reese, S. (2011), “The Power of Framing: New Challenges for Researching the Structure of Meaning in News”, *Journalism Futures*, (57), pp. 637 - 647.

Benson, R. (2013), “Shaping Immigration News: A French-American Comparison”, *Cambridge University Press*, Nova Iorque.

- Bigo, D. (2002), "Security and Immigration: Toward a Critique of the Governmentality of Unease", *Alternatives: Global, Local, Political*, 27 (1): 63–92.
- Canavilhas, J. (2011), "Del gatekeeping al gatewatching: el papel de las redes sociales en el nuevo ecosistema mediático", em Irigaray, F., Ceballos D. e Manna, M., *Periodismo Digital: Convergencia, redes y móviles*, Editora Laborde Libros, Rosario, pp. 119 – 133.
- Caviedes, A. (2015), "An Emerging 'European' News Portrayal of Immigration?", *Journal of Ethnic and Migration Studies*, Vol. 41, No 6, pp. 897 – 917.
- Fargues, P. e Fandrich, C. (2012), "Migration after the Arab Spring", *Migration Policy Centre*, MPC Research Report 2012/09, European University Institute.
- Hermida, A. (2011), "Tweet the News: Social Media Streams and the Practice of Journalism." *Journalism Futures*, (60), pp. 671 - 680.
- Hermida, A., Lewis, S. e Zamith, R. (2012), "Sourcing the Arab Spring: A Case Study of Andy Carvin's Sources during the Tunisian and Egyptian Revolutions", estudo apresentado no *International Symposium on Online Journalism*, Austin, Texas.
- Hoijer, B. (2004), "The Discourse of Global Compassion: The Audience and Media Reporting of Human Suffering", *Media, Culture & Society*, Publicações SAGE, Vol. 26 (4), pp. 513 – 531.
- Huysmans, J. (2006), "The Politics of Insecurity: Fear, Migration and Asylum in the EU", *Routledge*, Nova Iorque.
- Loescher, G. (2001), "The UNHCR and World Politics: State interests versus institutional autonomy", *International Migration Review*, 35(1).
- Mortensen, M. (2016), "The image speaks for itself – or does it? Instant news icons, impromptu publics, and the 2015 European 'refugee crisis'", *Communication and the Public*, Publicações SAGE (1-14).
- Newman, N. (2009), "The Rise of Social Media and its Impact on Mainstream Journalism", *Reuters Institute for the Study of Journalism*, Universidade de Oxford.
- Ozegin, M. e Akkas, H. (2014), "An Empirical Look to the Arab Spring: Causes and Consequences", *Turkish Journal of International Relations*, Vol. 13, Nº 1&2.

Pantti, M. (2013), "Seeing and Not Seeing the Syrian Crisis: New Visibility and The Visual Framing of the Syrian Conflict in Seven Newspapers and Their Online Editions", *JOMEC Journal – Journalism, Media and Cultural Studies*, Vol. 4 , pp. 1 - 22.

Papacharissi, Z. (2015), "Affective publics: Sentiment, technology, and politics", *Oxford University Press*. Nova Iorque.

Papacharissi, Z., de Fatima Oliveira, M. (2012), "Affective News and Networked Publics: The Rhythms of News Storytelling on #Egypt", *Journal of Communication*, 62(2), 266–282.

Philo, G., Briant, E. e Donald, P. (2013), "The Role of The Press in the War on Asylum", *Race & Class – Institute of Race Relations*, Vol. 55(2), pp. 28 – 41.

Rohde, M., Aal, K., Misaki, K., Randall, D., Weibert, A. e Wulf, V. (2016), "Out of Syria: Mobile Media in Use at the Time of Civil War", *International Journal of Human-Computer Interaction*, 32:7, 515-531.

Salem, F. e Mourtada, R. (2011). "Civil Movements: The Impact of Facebook and Twitter." *Arab Social Media Report*, Dubai School of Government, Vol. 1, No. 2.

Sciortino, G. e Colombo, A. (2004), "The Flows and the Flood: The Public Discourse on Immigration in Italy 1969–2001." *Journal of Modern Italian Studies*, 9 (1): 94 –113.

Seo, H. e Ebrahim, H. (2016), "Visual propaganda on Facebook: A comparative analysis of Syrian conflicts", *Media, War & Conflict*, Vol. 9(3) 227 –251.

Vandevoordt, R. (2015), "Why Journalists Covered Syria the Way They Did: On The Role of Economic, Social and Cultural Capital", *Journalism*, Publicações SAGE, Universidade de Antuérpia, Bélgica, pp 1 – 17.

Yazgan, P., Eroglu Utku, D. e Sirkeci, I. (2015), "Syrian Crisis and Migration", *Migration Letters*, Vol. 12, No 3, pp. 181 – 192.

Páginas Online:

Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados (ACNUR), "Asilo e Refugiados" disponível em: <http://www.unhcr.org/asylum-and-migration.html>; "Crise Síria"

disponível em: <http://www.unhcr.org/syria-emergency.html>; e “Resposta Regional aos Refugiados Sírios” disponível em: http://data.unhcr.org/syrianrefugees/regional.php#_ga=1.40119330.1485109803.1490890412 (páginas acedidas em Novembro de 2016 e Fevereiro de 2017).

Amnistia Internacional, “Syria’s Refugee Crises in Numbers” disponível em: <https://www.amnesty.org/en/latest/news/2016/02/syrias-refugee-crisis-in-numbers/> (página acedida em Fevereiro de 2017).

Castles, S. (2004), “Confronting the Realities of Forced Migration”, *Migration Policy Institute*, disponível em: <http://www.migrationpolicy.org/article/confronting-realities-forced-migration> (acedido em Novembro de 2016).

Escritório das Nações Unidas para a Coordenação de Assuntos Humanitários (OCHA), “Evaluation of OCHA response to the Syria crisis” disponível em: https://docs.unocha.org/sites/dms/Documents/OCHA%20Syria%20Evaluation%20Report_FINAL.pdf; “Third International Humanitarian Pledging Conference for Syria” disponível em: <http://www.unocha.org/syria/third-pledging-conference%20>; e “Internal Displacement Hits 10 Year High” disponível em: <http://www.unocha.org/top-stories/all-stories/internal-displacement-hits-10-year-high> (páginas acedidas em Novembro de 2016 e Fevereiro de 2017).

Migration Policy Centre, “Syrian Refugees – A Snapshot of the Crisis in the Middle East and Europe – Timeline”, disponível em: <http://syrianrefugees.eu/timeline> (acedido em Novembro de 2016).

Organização Internacional Para as Migrações (OIM), “Global Migration Trends Factsheet” disponível em: <http://gmdac.iom.int/global-migration-trends-factsheet>; e “IOM Migration Initiatives 2016” disponível em: <https://www.iom.int/sites/default/files/country/docs/mena/IOM-Migration-Initiatives-2016-MENA.pdf> (páginas acedidas em Novembro de 2016 e Fevereiro de 2017).

Publicações Consultadas

Publicações – Jornal *Público* (8 a 14 de Setembro de 2013):

Artigos:

<http://www.publico.pt/a-palavra/jornal/quando-se-e-obrigado-a-fugir-27039463>

<http://www.publico.pt/portugal/jornal//guerra-na-siria-27063907>

<https://www.publico.pt/2013/09/08/mundo/noticia/jornalista-italiano-sequestrado-desde-abril-na-siria-foi-libertado-1605250>

<http://www.publico.pt/mundo/jornal//ue-da-apoio-politico-a-estrategia-de-obama-27063559>

<https://www.publico.pt/2013/09/08/mundo/noticia/obama-esta-a-ouvir-os-aliados-que-pedem-o-regresso-a-onu-na-questao-siria-1605238>

<https://www.publico.pt/2013/09/08/mundo/noticia/videos-de-vitimas-de-ataque->

quimico-na-siria-mostrados-a-membros-do-congresso-1605223

<http://www.publico.pt/mundo/jornal//francisco-contra-a-venda-de-armas-27065884>

<https://www.publico.pt/2013/09/09/mundo/noticia/kerry-diz-que-assad-evitaria-ataque-se-entregasse-armas-quimicas-1605278>

<http://www.publico.pt/economia/jornal//mercados-atentos-a-intervencao-militar-na-siria-e-as-decisoes-de-politica-monetaria-nos-eua-27066154>

<https://www.publico.pt/2013/09/09/mundo/noticia/russia-pede-a-siria-para-entregar-arsenal-quimico-1605314>

<http://www.publico.pt/mundo/jornal//damasco-quis-a-bomba-atmica-dos-pobres-para-responder-a-ameaca-nuclear-de-israel-27065887>

<http://www.publico.pt/mundo/jornal//plano-de-obama-para-ataque-a-siria-comeca-com-ofensiva-mediatica-27065847>

<https://www.publico.pt/2013/09/09/mundo/noticia/jornalista-italiano-libertado-apos-rapto-da-siria-1605302>

<https://www.publico.pt/2013/09/10/mundo/noticia/irao-e-china-aplaudem-iniciativa-de-moscovo-para-travar-ataque-contra-a-siria-1605367>

<http://www.publico.pt/mundo/jornal//israel-reforca-escudo-antimissil-e-garante-nao-temer-retaliacoes-a-um-ataque-na-siria-27070010>

<http://www.publico.pt/mundo/jornal//londres-e-paris-de-acordo-com-plano-russo-27069978>

<https://www.publico.pt/2013/09/10/economia/noticia/compasso-de-espera-sobre-a-siria-deixa-bolsas-europeias-em-alta-1605364>

<https://www.publico.pt/2013/09/10/mundo/noticia/obama-admite-suspender-accao-militar-na-siria-se-armas-quimicas-forem-entregues-e-destruidas-1605362>

<https://www.publico.pt/2013/09/10/politica/noticia/portugal-quer-que-onu-analise-posicao-de-moscovo-sobre-a-siria-1605442>

<http://www.publico.pt/mundo/jornal//refens-libertados-um-acusa-rebeldes-pelo-ataque-quimico-o-outro-desmenteo-27070013>

<https://www.publico.pt/2013/09/10/mundo/noticia/siria-aceita-entregar-arsenal-quimico-a-inspectores-internacionais-1605377>

<http://www.publico.pt/opiniao/jornal//um-ponto-de-mudanca-na-siria-27044861>

<http://www.publico.pt/mundo/jornal//russia-oferece-proposta-diplomatica-mas-eua-nao-desistem-do-ataquetitulo-caixa-maior-27069971>

<https://www.publico.pt/2013/09/10/mundo/noticia/eua-reino-unido-e-franca-testam-proposta-russa-sobre-armas-quimicas-no-conselho-de-seguranca-1605444>

<https://www.publico.pt/2013/09/10/mundo/noticia/franca-avanca-proposta-para-entrega-de-arsenal-sirio-no-conselho-de-seguranca-1605371>

<http://www.publico.pt/opiniao/jornal//obama-a-siria-e-os-vicios-das-sociedades-liberais-27070560>

<https://www.publico.pt/2013/09/11/mundo/noticia/os-crimes-de-guerra-agravam-se-nas-batalhas-pelo-territorio-na-siria-1605495>

<http://www.publico.pt/destaque/jornal//hrw-acusa-assad-27075822>

<https://www.publico.pt/2013/09/11/mundo/noticia/lider-iraniano-espera-que-obama-esteja-a-falar-a-serio-1605501>

<https://www.publico.pt/2013/09/11/mundo/noticia/papa-quer-transformar-conventos-vazios-em-asilos-para-refugiados-1605476>

<https://www.publico.pt/2013/09/11/mundo/noticia/acordos-e-desacordos-sobre-o-projecto-de-desmantelamento-do-arsenal-quimico-sirio-1605546>

<http://www.publico.pt/destaque/jornal//franca-e-eua-testam-abertura-diplomatica-da-russia-na-onu-27075814>

<https://www.publico.pt/2013/09/11/mundo/noticia/obama-adia-accao-militar-na-siria-para-explorar-via-diplomatica-1605471>

<http://www.publico.pt/destaque/jornal//desarmar-arsenal-quimico-e-uma-tarefa-quase-impossivel-27075830>

<https://www.publico.pt/2013/09/12/mundo/noticia/eua-ja-comecaram-a-enviar-armas-e-municoes-aos-rebeldes-sirios-1605607>

<http://www.publico.pt/mundo/jornal//relatorio-da-onu-27080636>

<https://www.publico.pt/2013/09/12/culturaipsilon/noticia/defensores-do-patrimonio-apelam-a-obama-para-que-proteja-os-sitios-arqueologicos-da-siria-1605609>

<http://www.publico.pt/mundo/jornal//eua-e-franca-vao-lutar-por-uma-resolucao-que-inclua-ameaca-militar-27080615>

<https://www.publico.pt/2013/09/12/mundo/noticia/putin-responsabiliza-rebeldes-por-ataque-quimico-na-siria-1605593>

<http://www.publico.pt/mundo/jornal//refugiados-27085541>

<https://www.publico.pt/2013/09/12/culturaipsilon/noticia/defensores-do-patrimonio-apelam-a-obama-para-que-proteja-os-sitios-arqueologicos-da-siria-1605609>

<https://www.publico.pt/2013/09/13/mundo/noticia/eua-e-russia-anunciam-relancamento-de-conferencia-internacional-para-acabar-com-a-guerra-na-siria-1605741>

<https://www.publico.pt/2013/09/13/mundo/noticia/onu-diz-que-ha-provas-esmagadoras-do-uso-de-armas-quimicas-na-siria-1605769>

<http://www.publico.pt/mundo/jornal// Assad-aceita-entregar-armas-quimicas-mas-impoe-as-suas-condicoes-27085531>

<https://www.publico.pt/2013/09/13/mundo/noticia/governo-sirio-esta-a-espalhar-as-armas-quimicas-por-todo-o-pais-1605709>

<http://www.publico.pt/mundo/jornal//onu-diz-que-ha-provas-esmagadoras-do-uso-de-armas-quimicas-27090369>

<http://www.publico.pt/mundo/jornal// Assad-esta-a-dispersar-as-arsenal-por-20-lugares-27090376>

<https://www.publico.pt/2013/09/14/mundo/noticia/eua-e-russia-chegam-a-acordo-para-eliminacao-de-armas-quimicas-na-siria-1605822>

<http://www.publico.pt/mundo/jornal//fim-das-armas-quimicas-na-siria-pode-fazer-avancar-conferencia-de-paz-27090358>

Opinião:

<http://www.publico.pt/opiniao/jornal//entre-dois-mundos-27044438>

<https://www.publico.pt/opiniao/jornal/duas-ou-tres-coisas-sobre-um-ataque-a-siria-27075170>

<http://www.publico.pt/opiniao/jornal//gatilho-facil-27076476>

<https://www.publico.pt/mundo/jornal/a-franca-no-centro-da-politica-externa-europeia-27080628>

<https://www.publico.pt/opiniao/jornal/a-russia-ganha-27084475>

<http://www.publico.pt/opiniao/jornal//cartas-a-directora-27076462>

<http://www.publico.pt/opiniao/jornal//o-grande-fiasco-ou-como-a-america-de-obama-desistiu-do-mundo-27084616>

Entrevistas, Citações e Discursos:

<https://www.publico.pt/2013/09/08/mundo/noticia/papa-denuncia-guerras-comerciais-para-vender-armas-1605228>

<https://www.publico.pt/2013/09/09/mundo/noticia/assad-diz-que-os-eua-devem-estar-preparados-para-tudo-se-atacarem-a-siria-1605286>

<http://www.publico.pt/mundo/jornal//assad-avisa-eua-27070007>

<https://www.publico.pt/2013/09/12/mundo/noticia/assad-confirma-que-entrega-as-armas-quimicas-1605625>

Multimédia:

<http://www.publico.pt/multimedia/video/assad-tudo-pode-acontecer-201399181715>

<http://www.publico.pt/multimedia/video/siria-jornalista-italiano-sequestrado-desde-abril-foi-libertado-201399181726>

<http://www.publico.pt/multimedia/video/obama-adia-intervencao-militar-na-siria->

2013911174330

<http://www.publico.pt/multimedia/video/eua-e-russia-chegam-a-acordo-sobre-arsenal-de-armas-quimicas-sirio-201391415553>

Publicações – Jornal *Público* (6 a 12 de Setembro de 2015):

Artigos:

<https://www.publico.pt/2015/09/06/mundo/noticia/papa-quer-que-cada-paroquia-da-europa-acolha-uma-familia-de-refugiados-1706994>

<https://www.publico.pt/2015/09/06/mundo/noticia/fugir-da-guerra-nao-e-simplesmente-emigrar-1706780>

<https://www.publico.pt/2015/09/06/mundo/noticia/a-tragedia-maior-esta-acontecer-no-medio-oriente-1706942>

<https://www.publico.pt/2015/09/06/mundo/noticia/onu-pede-accao-de-emergencia-para-refugiados-em-ilha-grega-onde-tensao-cresce-1707006>

<https://www.publico.pt/2015/09/06/mundo/noticia/eua-alertam-para-riscos-de-escalada-militar-na-siria-1707015>

<https://www.publico.pt/2015/09/07/politica/noticia/cavaco-defende-acolhimento-de-refugiados-dentro-das-possibilidades-do-pais-1707127>

<https://www.publico.pt/2015/09/07/sociedade/noticia/governo-prepara-equipas-portuguesas-para-apoiar-acolhimento-de-refugiados-1707124>

<https://www.publico.pt/2015/09/07/tecnologia/noticia/empresa-portuguesa-cria-sistema-de-identificacao-para-refugiados-na-grecia-1707070>

<https://www.publico.pt/2015/09/07/mundo/noticia/alemanha-franca-e-espanha-devem-receber-a-maior-parte-dos-refugiados-1707048>

<https://www.publico.pt/2015/09/07/politica/noticia/livretempo-de-avancar-propoe-alto-comissariado-para-reinstalacao-de-refugiados-1707117>

<https://www.publico.pt/2015/09/07/mundo/noticia/franca-envia-avioes-contra-ei-mas-a-guerra-na-siria-nao-tem-fim-a-vista-1707100>

<https://www.publico.pt/2015/09/08/politica/noticia/albuquerque-chocado-com-comentarios-imbecis-contr-a-acolhimento-de-refugiados-1707235>

<https://www.publico.pt/2015/09/08/mundo/noticia/grecia-e-acnur-tentam-aliviar-tensao-em-lesbos-1707145>

<https://www.publico.pt/2015/09/08/politica/noticia/neste-centro-de-refugiados-eles-sao-esculturas-em-movimento-1707217>

<https://www.publico.pt/2015/09/08/desporto/noticia/roma-juntase-a-causa-dos-migrantes-1707168>

<https://www.publico.pt/2015/09/08/mundo/noticia/alemanha-em-modo-de-emergencia-para-acolher-os-milhares-fugidos-a-guerra-1707197>

<https://www.publico.pt/2015/09/08/mundo/noticia/um-exodo-sem-fim-a-vista-1707212>

<https://www.publico.pt/2015/09/09/mundo/noticia/ja-estao-em-franca-os-primeiros-refugiados-idos-da-alemanha-1707276>

<https://www.publico.pt/2015/09/09/desporto/noticia/psg-tambem-vai-donar-um-milhao-de-euros-para-ajudar-refugiados-1707347>

<https://www.publico.pt/2015/09/09/mundo/noticia/operadora-de-camara-agride-e-rasteira-refugiados-na-hungria-1707266>

<https://www.publico.pt/2015/09/09/mundo/noticia/alqaeda-sugere-aproximacao-ao-estado-islamico-apesar-de-o-considerar-ilegitimo-1707368>

<https://www.publico.pt/2015/09/09/mundo/noticia/russia-critica-histeria-face-a-suspeitas-sobre-reforco-militar-na-siria-1707343>

<https://www.publico.pt/2015/09/09/mundo/noticia/juncker-quer-acordo-sobre-refugiados-mas-defende-sistema-de-quotas-de-acolhimento-1707259>

<https://www.publico.pt/2015/09/09/politica/noticia/ha-camaras-que-nao-esperam-pelo-governo-para-oferecer-apoio-aos-refugiados-1707348>

<https://www.publico.pt/2015/09/10/desporto/noticia/cantona-quer-acolher-refugiados-em-casa-1707422>

<https://www.publico.pt/2015/09/10/mundo/noticia/outros-continentes-abrem-as-portas-aos-refugiados-1707429>

<https://www.publico.pt/2015/09/10/mundo/noticia/exercito-hungaro-prepararse-para-missoes-de-controlo-fronteirico-1707381>

<https://www.publico.pt/2015/09/10/sociedade/noticia/misericordias-disponiveis-para-acolher-uma-boa-parte-dos-refugiados-1707431>

<https://www.publico.pt/2015/09/10/mundo/noticia/policia-turca-detem-suspeitos-do-naufragio-de-alan-kurdi-1707420>

<https://www.publico.pt/2015/09/10/mundo/noticia/a-accao-decisiva-hungara-contras-os-refugiados-sera-a-1707453>

<https://www.publico.pt/2015/09/11/mundo/noticia/refugiados-em-campos-na-hungria-como-se-fossem-animais-1707545>

<https://www.publico.pt/2015/09/11/mundo/noticia/eua-cada-vez-mais-convencidos-de-que-estado-islamico-produz-armas-quimicas-1707485>

<https://www.publico.pt/2015/09/12/mundo/noticia/cinco-migrantes-dados-como-desaparecidos-ao-largo-de-ilha-grega-1707608>

<https://www.publico.pt/2015/09/12/mundo/noticia/consul-honoraria-francesa-vendeu-botes-aos-migrantes-na-turquia-1707605>

<https://www.publico.pt/2015/09/12/mundo/noticia/dois-avioes-russos-aterram-na-siria-com-os-eua-a-acusar-moscovo-de-ajudar-assad-1707650>

<https://www.publico.pt/2015/09/12/mundo/noticia/sairam-a-rua-as-multidoes-de-uma-europa-ainda-dividida-sobre-o-que-fazer-aos-refugiados-1707656>

<https://www.publico.pt/2015/09/12/portugal/noticia/acolher-os-refugiados-portugueses-divididos-entre-a-solidariedade-e-o-medo-1707616>

Opinião:

<https://www.publico.pt/2015/09/06/mundo/noticia/crise-dos-refugiados-a-hipocrisia-dos-paises-arabes-islamicos-ricos-1706985>

<https://www.publico.pt/2015/09/06/opinioao/noticia/deviamos-terlhe-pegado-ao-colo-1706947>

<https://www.publico.pt/2015/09/08/mundo/noticia/nao-fujamos-dos-refugiados-1707115>

<https://www.publico.pt/2015/09/08/mundo/noticia/os-mortos-nao-sao-todos-iguais-1707061>

<https://www.publico.pt/2015/09/09/mundo/noticia/coisas-simples-1707208>

<https://www.publico.pt/2015/09/11/mundo/noticia/refugiados-uma-solucao-para-o-problema-demografico-da-europa-1707499>

<https://www.publico.pt/2015/09/12/mundo/noticia/ideias-para-receber-melhor-os-refugiados-1707588>

Entrevistas, Citações e Discursos:

<https://www.publico.pt/2015/09/08/mundo/noticia/os-europeus-estao-a-forcar-uma-mudanca-nas-politicas-dos-seus-governos-amedrontados-1707102>

<https://www.publico.pt/2015/09/09/politica/noticia/sampaio-ataca-falta-de-accao-da-onu-e-ue-na-crise-dos-refugiados-1707283>

<https://www.publico.pt/2015/09/10/culturaipsilon/noticia/todos-temos-um-ditador-ca-dentro-1707151>

<https://www.publico.pt/2015/09/12/sociedade/noticia/entre-o-all-you-need-is-love-e-o-portugal-contra-a-invasao-1707653>

Multimédia:

<http://www.publico.pt/multimedia/video/operadora-de-camara-agride-e-rasteira-refugiados-na-hungria-20150909-113351>

Publicações – Jornal *Público* (15 a 21 de Março de 2016):

Artigos:

<https://www.publico.pt/2016/03/15/mundo/noticia/carta-aberta-a-lideres-europeus-para-solucoes-comuns-na-crise-de-refugiados-1726238>

<https://www.publico.pt/2016/03/15/mundo/noticia/atingidos-objectivos-iniciais-na-siria-putin-manda-recuar-avioes-1726251>

<https://www.publico.pt/2016/03/16/mundo/noticia/chipre-e-a-grande-barreira-ao-acordo-sobre-os-refugiados-com-a-turquia-1726377>

<https://www.publico.pt/2016/03/16/mundo/noticia/falta-de-vontade-politica-e-o-principal-entrave-a-distribuicao-de-refugiados-na-ue-1726375>

<https://www.publico.pt/2016/03/17/mundo/noticia/legalidade-e-viabilidade-de-acordo-com-a-turquia-ainda-em-duvida-1726475>

<https://www.publico.pt/2016/03/17/mundo/noticia/curdos-proclamam-sistema-federal-no-norte-da-siria-1726459>

<https://www.publico.pt/2016/03/18/mundo/noticia/lideres-europeus-apresentam-posicao-comum-a-ancara-1726513>

<https://www.publico.pt/2016/03/18/mundo/noticia/refugiados-que-cheguem-a-grecia-a-partir-de-domingo-serao-devolvidos-a-turquia-1726559>

<https://www.publico.pt/2016/03/18/politica/noticia/costa-considera-que-o-acordo-ue-turquia-nao-resolve-o-fundo-do-problema-1726589>

<https://www.publico.pt/2016/03/19/mundo/noticia/ataques-aereos-na-siria-matam-dezenas-de-civis-1726636>

<https://www.publico.pt/2016/03/19/mundo/noticia/metade-dos-migrantes-e-refugiados-entra-na-europa-e-nao-fica-registada-1726555>

<https://www.publico.pt/2016/03/20/mundo/noticia/centenas-chegaram-a-lesbos-ja-depois-da-entrada-em-vigor-do-plano-europeu-1726706>

<https://www.publico.pt/2016/03/21/sociedade/noticia/campanha-desafia-estudantes-a-colocarem-se-na-pele-de-um-refugiado-1726787>

<https://www.publico.pt/2016/03/21/sociedade/noticia/plataforma-de-apoio-aos->

refugiados-tem-a-partir-de-hoje-704-vagas-para-acolher-refugiados-1726790

Opinião:

<https://www.publico.pt/2016/03/17/mundo/noticia/a-crise-nao-e-dos-refugiados-1726320>

<https://www.publico.pt/2016/03/18/mundo/noticia/um-acordo-cheio-de-buracos-1726594>

<https://www.publico.pt/2016/03/20/mundo/noticia/obama-o-realista-1726702>

Publicações – Jornal *Público* (5 a 11 de Setembro de 2016):

Artigos:

<https://www.publico.pt/2016/09/05/mundo/noticia/quatro-explosoes-abalam-areas-controladas-pelo-regime-sirio-1743207>

<https://www.publico.pt/2016/09/06/mundo/noticia/paris-anuncia-abertura-de-dois-abrigos-para-refugiados-na-cidade-1743325>

<https://www.publico.pt/2016/09/06/sociedade/noticia/governo-vai-lancar-kit-para-aumentar-informacao-sobre-refugiados-1743300>

<https://www.publico.pt/2016/09/06/mundo/noticia/acnur-premeia-voluntarios-gregos-que-ajudam-refugiados-1743350>

<https://www.publico.pt/2016/09/07/mundo/noticia/numero-de-criancas-refugiadas-duplicou-em-dez-anos-1743411>

<https://www.publico.pt/2016/09/07/mundo/noticia/sabia-que-e-a-pergunta-que-faz-mover-a-campanha-do-referendo-da-hungria-1743480>

<https://www.publico.pt/2016/09/07/mundo/noticia/ataques-a-hospitais-uma-arma-de-assad-para-forcar-rendicao-de-zonas-rebeldes-1743483>

<https://www.publico.pt/2016/09/07/mundo/noticia/exercito-sirio-acusado-de-novos-ataques-quimicos-em-alepo-1743406>

<https://www.publico.pt/2016/09/08/mundo/noticia/73-ong-suspendem-cooperacao-com-onu-contra-manipulacao-por-parte-de-assad-1743557>

<https://www.publico.pt/2016/09/09/mundo/noticia/criancas-refugiadas-detidas-na-grecia-sentem-se-como-se-tivessem-assassinado-alguem-1743577>

<https://www.publico.pt/2016/09/09/mundo/noticia/refugiados-demoram-a-sair-de-grecia-e-italia-1743591>

<https://www.publico.pt/2016/09/10/mundo/noticia/estados-unidos-e-russia-chegam-a-acordo-para-cessar-fogo-na-siria-1743710>

<https://www.publico.pt/2016/09/11/mundo/noticia/a-guerra-interminavel-comecou-a-11-de-setembro-1743750>

<https://www.publico.pt/2016/09/11/mundo/noticia/acordo-de-cessar-fogo-num-pais-com-muitas-guerras-dentro-dele-1743764>

Opinião:

<https://www.publico.pt/2016/09/05/mundo/noticia/mais-um-inverno-a-porta-e-nada-1743293>

<https://www.publico.pt/2016/09/08/mundo/noticia/construir-muros-e-uma-ilusao-1743496>

Publicações – Jornal *The Guardian* (8 a 14 de Setembro de 2013):

Artigos:

<https://www.theguardian.com/world/2013/sep/08/syria-john-kerry-un-resolution>

<https://www.theguardian.com/world/defence-and-security-blog/2013/sep/09/syria-chemical-weapons-exports>

<https://www.theguardian.com/world/2013/sep/09/cameron-russian-offer-un-syrian-chemical-weapons>

<https://www.theguardian.com/world/2013/sep/09/hillary-clinton-syria-weapons-handover-important-step>

<https://www.theguardian.com/world/2013/sep/08/syria-chemical-weapons-not-assad-bild>

<https://www.theguardian.com/politics/2013/sep/09/william-hague-john-kerry-syria-strikes>

<https://www.theguardian.com/world/german-elections-blog-2013/2013/sep/09/merkel-unlikely-allies-syria>

<https://www.theguardian.com/world/2013/sep/09/russia-syria-hand-over-chemical-weapons>

<https://www.theguardian.com/world/oliver-burkeman-s-blog/2013/sep/09/syria-strikes-cheerios-war-theory>

<https://www.theguardian.com/world/2013/sep/09/white-house-syria-gaffe-obama-war>

<https://www.theguardian.com/world/2013/sep/10/syria-chemical-attack-assad>

<https://www.theguardian.com/world/2013/sep/10/can-russia-push-syria-to-disarm>

<https://www.theguardian.com/world/2013/sep/10/syria-conflict-france-un-resolution-chemical>

<https://www.theguardian.com/world/2013/sep/09/us-russian-proposal-syria-chemical-weapons>

<https://www.theguardian.com/world/2013/sep/10/russia-un-syrian-chemical-weapons>

<https://www.theguardian.com/world/2013/sep/10/kerry-russia-syria-weapons-proposal-assad>

<https://www.theguardian.com/world/2013/sep/11/uk-officials-chemical-exports-syria>

<https://www.theguardian.com/world/2013/sep/11/obama-diplomatic-path-syria-chemical-weapons>

<https://www.theguardian.com/world/2013/sep/11/syria-crisis-john-kerry-sergey->

lavrov

<https://www.theguardian.com/world/2013/sep/12/syrians-return-streets-damascus-us-strikes>

<https://www.theguardian.com/world/2013/sep/12/russia-sends-ships-mediterranean-syria>

<https://www.theguardian.com/world/2013/sep/12/syria-chemical-weapons-un-us-russia>

<https://www.theguardian.com/world/2013/sep/11/us-syria-russian-chemical-weapons-handover>

<https://www.theguardian.com/world/2013/sep/12/putin-warns-us-not-to-attack-syria>

<https://www.theguardian.com/world/2013/sep/12/bashar-al-assad-syria-chemical-weapons>

<https://www.theguardian.com/world/2013/sep/12/vladimir-putin-americans-syria-means>

<https://www.theguardian.com/global-development/2013/sep/13/uk-un-palestinian-refugees-icai-dfid>

<https://www.theguardian.com/world/2013/sep/13/destroying-chemical-weapons-syria-challenge>

<https://www.theguardian.com/world/2013/sep/12/john-kerry-syria-chemical-weapons-surrender>

<https://www.theguardian.com/world/2013/sep/13/us-russia-syria-peace-talks>

<https://www.theguardian.com/world/2013/sep/13/geneva-talks-syria-chemical-weapons>

<https://www.theguardian.com/world/2013/sep/14/john-mccain-lindsey-graham-syria-statement>

<https://www.theguardian.com/world/2013/sep/14/barack-obama-syria-chemical-weapons-deal>

<https://www.theguardian.com/world/2013/sep/14/geneva-deal-syria-welcom-step>

<https://www.theguardian.com/world/2013/sep/14/syris-crisis-us-russia-chemical-weapons-deal>

Opinião:

<https://www.theguardian.com/commentisfree/2013/sep/08/un-paralysis-syria-security-council-russia>

<https://www.theguardian.com/commentisfree/2013/sep/08/americans-not-interested-policing-world>

<https://www.theguardian.com/commentisfree/2013/sep/08/us-little-credibility-syria-chemical-weapons>

<https://www.theguardian.com/commentisfree/2013/sep/09/obama-rogue-state-tramples-every-law>

<https://www.theguardian.com/commentisfree/2013/sep/09/syria-john-kerry-international-law>

<https://www.theguardian.com/commentisfree/2013/sep/10/syria-a-path-worth-exploring>

<https://www.theguardian.com/commentisfree/2013/sep/10/obama-best-option-syria-congress>

<https://www.theguardian.com/commentisfree/2013/sep/10/syria-congress-resistance-war>

<https://www.theguardian.com/commentisfree/2013/sep/10/silent-military-coup-took-over-washington>

<https://www.theguardian.com/commentisfree/2013/sep/10/syria-gaffe-war-john-kerry>

<https://www.theguardian.com/world/2013/sep/11/cockup-conspiracy-theories-syria>

<https://www.theguardian.com/commentisfree/2013/sep/11/obama-syria-address>

<https://www.theguardian.com/world/2013/sep/11/putin-syria-arms-surrender-snookered-obama>

<https://www.theguardian.com/commentisfree/2013/sep/11/crisis-resolves-little-syria-says-much-about-us>

<https://www.theguardian.com/commentisfree/2013/sep/12/syria-international-community-strategy>

<https://www.theguardian.com/commentisfree/2013/sep/12/russia-putin-syria>

<https://www.theguardian.com/commentisfree/2013/sep/13/syria-russia-us-iran-chemical-weapons>

<https://www.theguardian.com/commentisfree/2013/sep/13/putin-syria-machiavelli-nyt-op-ed>

<https://www.theguardian.com/commentisfree/2013/sep/14/usa-worlds-policeman-school-bully>

Entrevistas, Citações e Discursos:

<https://www.theguardian.com/world/2013/sep/08/american-syria-rebels>

<https://www.theguardian.com/world/2013/sep/08/bashar-assad-charlie-rose-chemical-weapons>

<https://www.theguardian.com/world/2013/sep/09/us-syria-chemical-weapons-attack-john-kerry>

<https://www.theguardian.com/world/2013/sep/09/russia-syria-hand-over-chemical-weapons>

<https://www.theguardian.com/world/2013/sep/09/syrian-president-assad-repercussions-air-strike>

<https://www.theguardian.com/world/2013/sep/10/un-resolution-syria-russia-chemical-weapons>

<https://www.theguardian.com/world/2013/sep/11/aleppo-rebels-angry-diplomacy-assad>

Multimédia:

<https://www.theguardian.com/world/2013/sep/08/syria-crisis-obama-urges-americans-to-back-strikes>

<https://www.theguardian.com/world/video/2013/sep/08/syria-kerry-support-arab-league-video>

<https://www.theguardian.com/global/middle-east-live/2013/sep/09/syria-crisis-russia-kerry-us-live>

<https://www.theguardian.com/world/video/2013/sep/09/bashar-al-assad-chemical-weapons-video>

<https://www.theguardian.com/world/video/2013/sep/09/john-kerry-military-strikes-syria-video>

<https://www.theguardian.com/world/video/2013/sep/09/russia-suggests-syrian-chemical-weapons-under-international-control-video>

<https://www.theguardian.com/world/video/2013/sep/09/syria-russia-us-peace-military-action-video>

<https://www.theguardian.com/world/2013/sep/09/barack-obama-syria-tv-interviews>

<https://www.theguardian.com/world/2013/sep/10/syria-crisis-iran-backs-russia-chemical-weapons-plan-live>

<https://www.theguardian.com/world/video/2013/sep/10/france-tough-un-resolution-chemical-weapons-video>

<https://www.theguardian.com/politics/video/2013/sep/10/david-cameron-russia-syria-proposal-interesting-video>

<https://www.theguardian.com/world/video/2013/sep/10/syria-us-russia-diplomatic-plan-john-kerry-video>

<https://www.theguardian.com/world/2013/sep/11/syria-crisis-obama-edges-towards-diplomacy-live-updates>

<https://www.theguardian.com/world/video/2013/sep/11/barack-obama-addresses-nation-syria-video>

<https://www.theguardian.com/world/video/2013/sep/11/obama-syria-new-yorkers-video>

<https://www.theguardian.com/world/2013/sep/12/syria-crisis-russia-us-talks-live>

<https://www.theguardian.com/world/video/2013/sep/12/assad-ready-handover-syria-chemical-weapons-video>

<https://www.theguardian.com/world/video/2013/sep/12/syria-william-hague-commons-video>

<https://www.theguardian.com/world/video/2013/sep/12/us-russia-differ-syria-diplomacy-talks-video>

<https://www.theguardian.com/world/2013/sep/13/syria-chemical-weapons-talks-day-two-live>

Publicações – Jornal *The Guardian* (6 a 12 de Setembro de 2015):

Artigos:

<https://www.theguardian.com/world/2015/sep/06/volunteers-and-donors-for-refugees-condemn-governments-response>

<https://www.theguardian.com/world/2015/sep/06/russia-remains-loyal-syria-ally>

<https://www.theguardian.com/world/2015/sep/06/city-of-sanctuary-bristol-rallies-to-help-refugees-as-aid-network-swells>

<https://www.theguardian.com/world/2015/sep/06/austria-close-border-refugee-crisis-europe-munich-migrants>

<https://www.theguardian.com/world/2015/sep/06/money-now-people-smugglers-conduct-brisk-business-in-hungary>

<https://www.theguardian.com/world/2015/sep/06/nicola-sturgeon-and-yvette-cooper-offer-to-house-syrian-refugees>

<https://www.theguardian.com/world/2015/sep/06/syria-air-strikes-lord-carey-adds>

to-pressure-on-cameron-with-call-to-crush-isis

<https://www.theguardian.com/world/2015/sep/06/refugees-welcome-oxfordshire-town-grapples-with-how-to-respond>

<https://www.theguardian.com/world/2015/sep/06/refugee-crisis-un-agencies-broke-failing>

<https://www.theguardian.com/world/2015/sep/07/islamic-state-takes-syrian-government-last-oilfield-reports-say>

<https://www.theguardian.com/world/2015/sep/07/germany-to-spend-an-extra-6bn-to-fund-record-influx-of-800000-refugees>

<https://www.theguardian.com/world/2015/sep/07/france-considers-air-strikes-syria-islamic-state>

<https://www.theguardian.com/world/2015/sep/07/syrian-refugees-hungary-camp-cold-hungry>

<https://www.theguardian.com/world/2015/sep/07/lesbos-on-verge-of-explosion-as-refugees-crowd-greek-island>

<https://www.theguardian.com/world/2015/sep/07/david-camerons-limited-promise-refugees-britains-impotence-outside-eu>

<https://www.theguardian.com/world/2015/sep/07/british-families-open-homes-asylum-seekers-refugees>

<https://www.theguardian.com/world/2015/sep/07/drone-british-citizens-syria-uk-david-cameron>

<https://www.theguardian.com/world/2015/sep/07/reyaad-khan-first-assassination-british-citizen-drone>

<https://www.theguardian.com/world/2015/sep/07/reyaad-khan-junaid-hussain-profiles-isis-britons-syria>

<https://www.theguardian.com/uk-news/2015/sep/07/uk-forces-airstrike-killed-isis-briton-reyaad-khan-syria>

<https://www.theguardian.com/world/2015/sep/08/hungarian-nationalist-tv-camera>

operator-filmed-kicking-refugee-children

<https://www.theguardian.com/world/2015/sep/08/deadly-sandstorm-sweeps-lebanon-and-syria>

<https://www.theguardian.com/uk-news/2015/sep/08/death-british-jihadi-july-drone-strike-raises-kill-list-questions>

<https://www.theguardian.com/world/2015/sep/08/growing-concern-over-trade-in-fake-and-stolen-syrian-passports>

<https://www.theguardian.com/world/2015/sep/08/germany-500000-refugees-a-year-clashes-lesbos>

<https://www.theguardian.com/world/2015/sep/08/donate-cash-help-syrian-refugees-aid-groups-unicef-wfp-say>

<https://www.theguardian.com/world/2015/sep/07/david-cameron-justifies-drone-strikes-in-syria-against-britons-fighting-for-isis>

<https://www.theguardian.com/global-development-professionals-network/2015/sep/08/from-syria-to-sudan-how-do-you-count-the-dead>

<https://www.theguardian.com/world/2015/sep/08/how-did-britain-decide-to-assassinate-uk-isis-fighter-reyaad-khan-drone-strike>

<https://www.theguardian.com/politics/2015/sep/08/human-rights-group-legal-action-uk-government-syria-isis-drone-strike>

<https://www.theguardian.com/uk-news/2015/sep/08/drones-uk-isis-members-jihadists-syria-kill-list-ministers>

<https://www.theguardian.com/politics/2015/sep/08/father-of-british-isis-fighters-fears-they-are-on-government-hit-list>

<https://www.theguardian.com/world/blog/2015/sep/08/targeting-british-jihadis-in-syria-does-not-amount-to-long-term-strategy>

<https://www.theguardian.com/world/2015/sep/09/are-you-organising-an-event-supporting-refugees>

<https://www.theguardian.com/world/2015/sep/09/refugee-crisis-denmark-police->

close-road-germany

<https://www.theguardian.com/world/2015/sep/09/german-punk-band-die-arzte-top-charts-refugee-arson-attacks>

<https://www.theguardian.com/world/2015/sep/09/uk-people-smuggling-taskforce-intelligence-gaps-networks>

<https://www.theguardian.com/world/2015/sep/09/syrian-rebels-seize-army-airbase-abu-zuhour-idlib>

<https://www.theguardian.com/world/2015/sep/09/balkan-countries-refugee-route-more-pragmatic-tactics>

<https://www.theguardian.com/world/2015/sep/09/japan-takes-no-syrian-refugees-yet-despite-giving-200m-to-help-fight-isis>

<https://www.theguardian.com/world/2015/sep/09/islamic-state-alan-kurdi-photo-magazine-dabiq-syrian-refugees>

<https://www.theguardian.com/world/2015/sep/09/refugee-crisis-juncker-eu-take-bold-concerted-action>

<https://www.theguardian.com/world/2015/sep/09/refugee-crisis-eu-executive-plans-overhaul-of-european-asylum-policies>

<https://www.theguardian.com/world/2015/sep/09/russia-complains-of-strange-hysteria-over-its-presence-in-syria>

<https://www.theguardian.com/politics/2015/sep/09/no-10-plans-limited-syria-strikes-isis-transition-assad>

<https://www.theguardian.com/world/2015/sep/10/hungarian-camera-operator-kicked-refugees-criminal-investigation>

<https://www.theguardian.com/world/2015/sep/10/macedonian-guards-filmed-threatening-refugees-with-batons-on-border-with-greece>

<https://www.theguardian.com/world/2015/sep/10/syrian-refugees-obama-us-admit-more-fiscal-2016>

<https://www.theguardian.com/world/2015/sep/10/refugees-heading-west-north->

convulse-europe

<https://www.theguardian.com/world/2015/sep/10/refugee-air-charity-asylum-seekers-europe-safely>

<https://www.theguardian.com/world/2015/sep/10/us-and-israel-issue-warning-to-russia-over-military-buildup-in-syria>

<https://www.theguardian.com/world/2015/sep/10/syria-rejects-british-proposal-for-assad-to-lead-transitional-government>

<https://www.theguardian.com/politics/2015/sep/10/syria-drone-killings-legal-justification-uk-envoy-un>

<https://www.theguardian.com/uk-news/2015/sep/10/former-navy-chief-expresses-concern-over-uk-role-in-syria-drone-strikes>

<https://www.theguardian.com/uk-news/2015/sep/10/londons-conflict-cafe-serves-up-syria-on-a-plate>

<https://www.theguardian.com/world/2015/sep/11/swedish-police-welcome-video-refugees>

<https://www.theguardian.com/world/2015/sep/11/are-you-marching-in-solidarity-with-refugees>

<https://www.theguardian.com/world/2015/sep/11/something-snapped-hungarian-camera-operator-apologises-kicking-refugees>

<https://www.theguardian.com/world/2015/sep/11/un-to-hold-inquiry-on-syria-chemical-attacks-after-russia-lifts-objections-say-diplomats>

<https://www.theguardian.com/world/2015/sep/11/refugees-roszke-hungary-police-food-camp>

<https://www.theguardian.com/global-development/2015/sep/11/destitute-syrian-refugees-jordan-lebanon-may-return-to-warzone>

<https://www.theguardian.com/world/2015/sep/11/how-do-i-offer-a-room-to-a-refugee>

<https://www.theguardian.com/world/2015/sep/11/too-little-too-late-uk-cultural->

figures-call-for-greater-refugee-intake

<https://www.theguardian.com/world/2015/sep/12/saudi-arabia-says-reports-of-its-syrian-refugee-response-false-and-misleading>

<https://www.theguardian.com/world/2015/sep/12/russia-calls-on-world-powers-to-arm-syrian-army>

<https://www.theguardian.com/world/2015/sep/12/syria-football-world-cup-win-battle-cambodia-goal-unity>

Opinião:

<https://www.theguardian.com/commentisfree/2015/sep/06/canada-discourage-refugees-results-are-deadly>

<https://www.theguardian.com/world/2015/sep/06/the-choice-for-young-syrian-men-leave-or-learn-to-kill>

<https://www.theguardian.com/commentisfree/2015/sep/06/david-cameron-refugee-crisis>

<https://www.theguardian.com/commentisfree/2015/sep/07/guardian-view-on-david-cameron-refugee-plans-raf-syria>

<https://www.theguardian.com/world/2015/sep/07/syrian-refugee-crisis-can-only-be-resolved-when-all-concerned-shoulder-their-responsibilities>

<https://www.theguardian.com/commentisfree/2015/sep/07/lawful-uk-forces-british-isis-fighters-syria>

<https://www.theguardian.com/commentisfree/2015/sep/07/guardian-decision-to-publish-shocking-photos-of-aylan-kurdi>

<https://www.theguardian.com/commentisfree/2015/sep/08/the-guardian-view-on-britain-syria-drone-strikes-nastiness-evident-necessity-unproven>

<https://www.theguardian.com/world/2015/sep/08/refugee-crisis-requires-a-united-european-response>

<https://www.theguardian.com/global-development/2015/sep/08/syrian-refugee->

crisis-lebanon-steps-up-britain-david-cameron

<https://www.theguardian.com/media/greenslade/2015/sep/08/drone-killing-of-reyaad-khan-didnt-papers-cover-that-two-months-ago>

<https://www.theguardian.com/commentisfree/2015/sep/08/drone-strikes-syria-independent-scrutiny-transparency>

<https://www.theguardian.com/politics/2015/sep/08/drone-strike-in-syria-wont-make-the-uk-a-safer-place>

<https://www.theguardian.com/commentisfree/2015/sep/08/george-carey-former-archbishop-canterbury-wrong-refugee-crisis-syria>

<https://www.theguardian.com/commentisfree/2015/sep/08/syrian-drone-strike-syria-british-isis-cameron-wmd-moment>

<https://www.theguardian.com/commentisfree/2015/sep/08/death-penalty-drone-strike-jihadis-reyaad-khan>

<https://www.theguardian.com/environment/2015/sep/08/aylan-kurdi-was-not-a-climate-refugee>

<https://www.theguardian.com/commentisfree/2015/sep/09/backlogs-bureaucracy-no-excuse-us-fail-asylum-seekers>

<https://www.theguardian.com/media/greenslade/2015/sep/09/drone-strikes-right-or-wrong-what-the-national-newspapers-say>

<https://www.theguardian.com/politics/2015/sep/09/legal-and-moral-questions-about-drone-strikes-in-syria>

<https://www.theguardian.com/commentisfree/2015/sep/09/west-isis-peace-military-action-syria-war-refugee>

<https://www.theguardian.com/commentisfree/2015/sep/10/britain-refugees-sickening-david-cameron-big-society>

<https://www.theguardian.com/commentisfree/2015/sep/10/syria-refugee-exodus-europe-world-un>

<https://www.theguardian.com/commentisfree/2015/sep/11/the-guardian-view-on->

the-bloodshed-in-syria-russia-has-a-lot-to-answer-for

<https://www.theguardian.com/global-development-professionals-network/2015/sep/11/jeremy-corbyn-right-time-to-talk-to-our-enemies-in-syria>

Entrevistas, Citações e Discursos:

<https://www.theguardian.com/world/2015/sep/06/george-osborne-to-divert-foreign-aid-to-help-syrian-refugees-in-uk>

<https://www.theguardian.com/world/2015/sep/06/munich-mayor-i-dont-think-about-numbers-only-refugees-safety>

<https://www.theguardian.com/world/2015/sep/06/tories-to-challenge-labour-over-extending-campaign-against-isis>

<https://www.theguardian.com/world/2015/sep/07/france-considers-air-strikes-syria-islamic-state>

<https://www.theguardian.com/world/2015/sep/07/uk-will-accept-up-to-20000-syrian-refugees-david-cameron-confirms>

<https://www.theguardian.com/world/2015/sep/07/un-security-council-is-failing-syria-ban-ki-moon>

<https://www.theguardian.com/world/2015/sep/07/refugee-crisis-immigration-us-presidential-candidates>

<https://www.theguardian.com/world/2015/sep/08/everyone-wants-to-leave-death-of-hope-drives-young-syrians-to-europe>

<https://www.theguardian.com/us-news/2015/sep/09/donald-trump-us-should-take-in-syrian-refugees>

<https://www.theguardian.com/world/2015/sep/09/refugee-crisis-juncker-eu-take-bold-concerted-action>

<https://www.theguardian.com/politics/2015/sep/09/isis-regime-change-uk-strikes-syria-philip-hammond>

<https://www.theguardian.com/politics/2015/sep/09/david-cameron-says-hard->

military-force-needed-to-tackle-assad-and-isis

<https://www.theguardian.com/world/2015/sep/09/syria-drone-strike-raqqa-british-jihadis-low-threshold-killing-people-un>

<https://www.theguardian.com/world/2015/sep/10/sweden-sharp-rise-child-refugees>

<https://www.theguardian.com/world/2015/sep/11/not-all-germans-welcome-refugees-eisenhuettenstadt-east-germany>

<https://www.theguardian.com/world/2015/sep/11/they-need-and-deserve-our-help-introducing-the-refugee-crossing-art-project>

<https://www.theguardian.com/world/2015/sep/11/teaching-refugees-languages-no-specific-skills-required-just-a-desire-to-help-and-a-friendly-smile>

<https://www.theguardian.com/world/2015/sep/12/syria-conflict-will-see-1m-more-refugees-leave-says-un-official>

<https://www.theguardian.com/world/2015/sep/12/russia-calls-on-world-powers-to-arm-syrian-army>

<https://www.theguardian.com/politics/2015/sep/12/corbyn-oppose-british-airstrikes-against-islamic-state>

Multimédia:

<https://www.theguardian.com/world/live/2015/sep/06/thousands-of-refugees-arrive-by-train-and-bus-in-germany-live>

<https://www.theguardian.com/world/video/2015/sep/06/george-osborne-foreign-aid-budget-can-support-refugees-in-uk-video>

<https://www.theguardian.com/world/video/2015/sep/06/germans-react-video-refugees-migrant-crisis>

<https://www.theguardian.com/world/video/2015/sep/06/refugees-escorted-hungarian-transit-camp-police-video>

<https://www.theguardian.com/world/video/2015/sep/06/pope-francis-video-refugee-aid-religious-institutions-video>

<https://www.theguardian.com/world/video/2015/sep/06/bob-geldof-can-house-four-refugee-families-immediately-video>

<https://www.theguardian.com/commentisfree/picture/2015/sep/07/steve-bell-on-the-drone-killing-of-british-citizens-in-syria-cartoon>

<https://www.theguardian.com/world/live/2015/sep/07/refugee-crisis-pushes-un-agencies-towards-bankruptcy-live-updates>

<https://www.theguardian.com/politics/blog/live/2015/sep/07/andrew-mitchell-suggests-british-troops-could-help-create-safe-havens-in-syria-politics-live>

<https://www.theguardian.com/world/video/2015/sep/07/refugee-crisis-volunteers-convoy-of-cars-drive-people-from-budapest-video>

<https://www.theguardian.com/world/video/2015/sep/07/david-cameron-20000-refugees-syria-2020-video>

<https://www.theguardian.com/world/video/2015/sep/07/refugees-train-macedonia-video>

<https://www.theguardian.com/world/video/2015/sep/07/ban-ki-moon-un-security-council-must-agree-action-on-syria-video-interview>

<https://www.theguardian.com/world/video/2015/sep/07/britain-authorized-killing-of-two-britons-fighting-with-islamic-state-says-cameron-video>

<https://www.theguardian.com/world/gallery/2015/sep/08/refugee-migrants-clash-police-lesbos-in-pictures>

<https://www.theguardian.com/weather/gallery/2015/sep/08/sandstorm-engulfs-the-middle-east-in-pictures>

<https://www.theguardian.com/world/live/2015/sep/08/refugee-crisis-clashes-in-lesbos-live-updates>

<https://www.theguardian.com/politics/blog/live/2015/sep/08/fallon-says-more-british-jihadis-in-syria-could-be-attacked-by-raf-drones-politics-live>

<https://www.theguardian.com/world/video/2015/sep/08/refugees-lesbos-greece-athens-video>

<https://www.theguardian.com/world/video/2015/sep/08/journalist-appears-to-kick-and-trip-fleeing-refugees-video>

<https://www.theguardian.com/world/video/2015/sep/08/exhausted-refugees-camp-in-open-fields-in-hungary-video>

<https://www.theguardian.com/uk-news/video/2015/sep/08/michael-fallon-raf-drone-strikes-syria-video>

<https://www.theguardian.com/world/ng-interactive/2015/sep/10/keleti-to-austria-on-foot-the-journey-that-transformed-europes-refugee-crisis-in-pictures>

<https://www.theguardian.com/world/live/2015/sep/09/refugee-crisis-junker-unveils-eu-quota-plan-live-updates>

<https://www.theguardian.com/world/video/2015/sep/09/refugee-crisis-britain-response-numbers-video>

<https://www.theguardian.com/world/video/2015/sep/09/jean-claude-juncker-eu-refugees-video>

<https://www.theguardian.com/world/video/2015/sep/09/refugees-cross-greek-border-into-macedonia-video>

<https://www.theguardian.com/politics/video/2015/sep/09/david-cameron-hard-military-force-required-to-defeat-isis-and-assad-video>

<https://www.theguardian.com/world/video/2015/sep/09/natio-concerned-about-reported-russian-military-presence-in-syria-video>

<https://www.theguardian.com/world/video/2015/sep/10/denmark-closes-road-as-refugees-attempt-to-reach-sweden-by-foot-video>

<https://www.theguardian.com/world/video/2015/sep/10/refugees-struck-by-baton-wielding-police-at-greece-macedonia-border-video>

<https://www.theguardian.com/world/video/2015/sep/10/we-walk-together-a-syrian-family-journey-to-the-heart-of-europe-video>

<https://www.theguardian.com/world/video/2015/sep/11/syrian-refugee-journey-aleppo-germany-video>

<https://www.theguardian.com/world/video/2015/sep/11/refugees-hungary-food-police-video>

<https://www.theguardian.com/world/video/2015/sep/11/refugees-encounter-prisoners-building-hungarys-border-fence-video>

<https://www.theguardian.com/world/video/2015/sep/11/help-is-coming-benedict-cumberbatch-crowded-house-refugees-video>

<https://www.theguardian.com/world/gallery/2015/sep/12/the-flight-refugees-head-for-the-west-in-pictures>

<https://www.theguardian.com/world/video/2015/sep/12/thousands-at-solidarity-with-refugee-rally-in-london-aerial-video>

Publicações – Jornal *The Guardian* (15 a 21 de Março de 2016):

Artigos:

<https://www.theguardian.com/world/2016/mar/14/top-isis-commander-dead-us-airstrike-syria>

<https://www.theguardian.com/world/2016/mar/14/one-thousand-people-camp-macedonia>

<https://www.theguardian.com/world/2016/mar/15/macedonia-forcibly-returns-refugees-greece-idomeni>

<https://www.theguardian.com/world/2016/mar/15/russian-planes-preparing-to-leave-syria-defence-ministry-putin>

<https://www.theguardian.com/world/2016/mar/15/russian-fighter-jets-continue-syria-raids-as-troops-withdraw>

<https://www.theguardian.com/world/2016/mar/15/syrian-mission-restores-pride-in->

russian-military-after-years-of-decay

<https://www.theguardian.com/world/2016/mar/14/vladimir-putin-orders-withdrawal-russian-troops-syria>

<https://www.theguardian.com/world/2016/mar/15/syrian-rebels-welcome-surprise-russian-troop-withdrawal>

<https://www.theguardian.com/world/2016/mar/15/russia-expected-increase-pressure-syrian-president-bashar-al-assad-vladimir-putin>

<https://www.theguardian.com/world/2016/mar/15/russian-airstrikes-in-syria-killed-2000-civilians-in-six-months>

<https://www.theguardian.com/world/2016/mar/16/eu-cut-number-syrian-refugees-coming-europe>

<https://www.theguardian.com/world/2016/mar/16/russian-speaking-jihadis-syria-pose-threat-moscow-report>

<https://www.theguardian.com/world/2016/mar/16/syria-peace-talks-stall-amid-dispute-over-federal-syria-call>

<https://www.theguardian.com/world/2016/mar/17/isis-kills-syrian-poet-who-opposed-assad-government>

<https://www.theguardian.com/world/2016/mar/17/eu-leaders-set-for-tense-talks-over-refugee-deal-with-turkey>

<https://www.theguardian.com/world/2016/mar/17/migration-crisis-idomeni-camp-greece-macedonia-is-an-insult-to-eu-values>

<https://www.theguardian.com/world/2016/mar/17/migration-crisis-major-questions-remain-over-eu-turkey-deal>

<https://www.theguardian.com/world/2016/mar/18/eu-deal-turkey-migrants-refugees-q-and-a>

<https://www.theguardian.com/world/2016/mar/18/putin-honours-syria-veterans-wider-russian-involvement>

<https://www.theguardian.com/world/2016/mar/17/cyprus-sticking-point-eu-turkey>

deal-refugees

<https://www.theguardian.com/world/2016/mar/18/refugee-boats-david-cameron-early-intervention-libya-migrants-mediterranean-eu-leaders>

<https://www.theguardian.com/world/2016/mar/18/eu-strikes-deal-with-turkey-to-send-back-refugees-from-greece>

<https://www.theguardian.com/world/2016/mar/20/death-toll-russian-airstrikes-in-syria-rises-say-activists>

<https://www.theguardian.com/world/2016/mar/20/greece-delays-sending-refugees-back-to-turkey-under-eu-deal>

<https://www.theguardian.com/world/2016/mar/18/refugees-will-be-sent-back-across-aegean-in-eu-turkey-deal>

<https://www.theguardian.com/world/2016/mar/20/migrants-turkey-sail-greece-new-rules-izmir-syrians>

<https://www.theguardian.com/world/2016/mar/20/syria-opposition-geneva-peace-talks-mohammed-alloush>

<https://www.theguardian.com/world/2016/mar/21/april-deadline-return-migrants-turkey-not-realistic-united-nations>

<https://www.theguardian.com/world/2016/mar/21/assad-president-excluded-syria-peace-negotiations>

<https://www.theguardian.com/world/2016/mar/21/peers-campaign-islamic-state-genocide-iraq-syria-christians-yazidis>

<https://www.theguardian.com/world/2016/mar/21/syria-talks-may-hinge-on-russias-willingness-to-put-pressure-on-assad>

Opinião:

<https://www.theguardian.com/commentisfree/2016/mar/15/the-guardian-view-on-russias-syria-u-turn-no-kind-of-victory>

<https://www.theguardian.com/global-development/2016/mar/15/dont-forget-how>

crucial-the-economy-is-to-war-and-peace-in-syria

<https://www.theguardian.com/commentisfree/2016/mar/15/putin-syria-moscow-withdrawal-russian-forces-middle-east>

<https://www.theguardian.com/commentisfree/2016/mar/16/justice-peace-syria-war-crimes-deal>

<https://www.theguardian.com/commentisfree/2016/mar/18/the-guardian-view-on-the-eu-turkey-deal-the-victims-will-be-its-judges>

<https://www.theguardian.com/commentisfree/2016/mar/21/isis-genocide-britain-yazidis>

Entrevistas, Citações e Discursos:

<https://www.theguardian.com/global-development/2016/mar/15/voices-from-syria-refugees-camp-paradise-conflict-teacher-midwife>

<https://www.theguardian.com/world/2016/mar/16/radicalisation-molenbeek-terrorist-brussels-belgian>

<https://www.theguardian.com/world/2016/mar/17/putin-russia-could-redeploy-forces-in-syria-within-hours-if-needed>

<https://www.theguardian.com/world/2016/mar/18/syrian-refugees-europe-leaders-finalise-eu-turkey-deal>

<https://www.theguardian.com/sport/2016/mar/18/syria-rio-refugee-yusra-mardini-olympic-swimming>

<https://www.theguardian.com/world/2016/mar/20/firas-alshater-interview-youtube-zukar-refugee>

Multimédia:

<https://www.theguardian.com/artanddesign/gallery/2016/mar/15/syria-postcards-grayson-perry-ken-loach-refugees-red-cross-auction-in-pictures>

<https://www.theguardian.com/politics/video/2016/mar/15/putin-deserves-no-credit-for-syria-withdrawal-says-philip-hammond-video>

<https://www.theguardian.com/world/gallery/2016/mar/17/portraits-of-syrian-child-refugees-in-pictures>

<https://www.theguardian.com/world/video/2016/mar/17/eu-leaders-arrive-in-brussels-for-migrant-deal-with-turkey-video>

<https://www.theguardian.com/world/video/2016/mar/18/david-cameron-supports-sending-back-refugees-turkey-greece-video>

<https://www.theguardian.com/world/video/2016/mar/18/refugees-brave-another-night-at-greeces-border-camp-video>

Publicações – Jornal *The Guardian* (5 a 11 de Setembro de 2016):

Artigos:

<https://www.theguardian.com/world/2016/sep/05/dozens-die-in-bombings-across-syrian-cities-held-by-assad-forces>

<https://www.theguardian.com/world/2016/sep/06/do-you-help-or-work-with-refugees-share-your-stories>

<https://www.theguardian.com/world/2016/sep/06/paris-temporary-refugee-camps-1000-people-anne-hidalgo-france-calais>

<https://www.theguardian.com/world/2016/sep/06/syrian-government-chlorine-gas-aleppo>

<https://www.theguardian.com/world/2016/sep/07/camerawoman-trip-refugees-hungary-charges-petra-laszlo>

<https://www.theguardian.com/world/2016/sep/07/losing-ground-fighter-morale-is-it-all-over-for-isis-syria-turkey>

<https://www.theguardian.com/world/2016/sep/07/us-russia-syria-peace-deal-talks-renewed-hopes>

<https://www.theguardian.com/world/2016/sep/07/syrian-opposition-coalition-to-announce-democratic-transition-plan>

<https://www.theguardian.com/environment/2016/sep/07/water-supplies-in-syria>

deteriorating-fast-due-to-conflict-experts-warn

<https://www.theguardian.com/world/2016/sep/08/people-smuggling-accused-were-forced-to-drive-boat-says-italian-judge>

<https://www.theguardian.com/world/2016/sep/08/syria-peace-talks-geneva-john-kerry-sergey-lavrov>

<https://www.theguardian.com/world/2016/sep/08/commander-of-former-nusra-group-killed-in-syria>

<https://www.theguardian.com/world/2016/sep/08/syrian-teenager-omar-calais-refugee-camp-arrives-london-dublin-regulation>

<https://www.theguardian.com/world/2016/sep/08/aid-groups-un-syria-concern-assad-united-nations>

<https://www.theguardian.com/world/2016/sep/09/us-russia-strike-deal-syria>

<https://www.theguardian.com/world/2016/sep/09/us-russia-syria-ceasefire-negotiations-john-kerry-geneva>

<https://www.theguardian.com/world/2016/sep/10/child-refugees-greece-camps>

<https://www.theguardian.com/world/2016/sep/10/free-syria-army-rejects-us-russia-ceasefire-agreement>

<https://www.theguardian.com/world/2016/sep/10/syria-ceasefire-deal-tentative-negotiate-kerry-lavrov-us-russia>

<https://www.theguardian.com/world/2016/sep/10/us-russia-agreement-snags-best-hope-peace-syria>

<https://www.theguardian.com/world/2016/sep/11/syrian-rebels-cooperate-positively-ceasefire-agreement>

<https://www.theguardian.com/world/2016/sep/11/syrian-people-of-aleppo-prepare-for-eid-under-siege>

Opinião:

<https://www.theguardian.com/uk-news/2016/sep/05/prevent-strategy-has-more-pros-than-cons>

<https://www.theguardian.com/commentisfree/2016/sep/05/restart-democratic-debate-syrian-version-the-archers>

<https://www.theguardian.com/commentisfree/2016/sep/07/syria-agony-can-be-ended-if-us-russia-reach-deal>

<https://www.theguardian.com/commentisfree/2016/sep/11/the-guardian-view-on-syrian-peace-hopes-secrecy-is-the-threat-to-a-real-deal>

<https://www.theguardian.com/commentisfree/2016/sep/11/syria-john-kerry-sergei-lavrov-us-russia-peace-plan-first-test>

Entrevistas, Citações e Discursos:

<https://www.theguardian.com/artanddesign/2016/sep/06/interview-benjamin-loyaute-astounding-eyes-of-syria-london-design-biennial>

<https://www.theguardian.com/world/2016/sep/08/us-russia-ceasefire-deal-syria-ash-carter>

Multimédia:

<https://www.theguardian.com/world/gallery/2016/sep/07/refugees-and-their-european-hosts-in-pictures-aubrey-wade-no-stranger-place>

Publicações – Jornal *The New York Times* (8 a 14 de Setembro de 2013):

Artigos:

<http://www.nytimes.com/2013/09/09/world/middleeast/journalist-and-scholar-freed-in-syria.html>

<http://www.nytimes.com/2013/09/09/world/middleeast/assad-denies-gas-attack-white-house-presses-a-strike.html>

<http://www.nytimes.com/2013/09/09/world/europe/after-bold-step-on-syria-french->

leader-finds-himself-dismissed-as-lackey.html

<http://www.nytimes.com/2013/09/09/world/middleeast/obama-tests-limits-of-power-in-syrian-conflict.html>

<http://www.nytimes.com/2013/09/09/world/middleeast/on-both-sides-syrians-make-pleas-to-us.html>

<http://www.nytimes.com/2013/09/09/world/middleeast/kerry-announces-saudi-support-for-syrian-strike.html>

<http://www.nytimes.com/2013/09/10/world/middleeast/un-rights-chief-urges-negotiations-to-halt-syria-violence.html?hp>

https://thelede.blogs.nytimes.com/2013/09/09/ultranationalist-britons-wage-online-battle-for-assad/?_r=0

<http://www.nytimes.com/2013/09/10/world/middleeast/policing-unit-experienced-in-chemical-weapon-destruction.html>

<http://www.nytimes.com/2013/09/10/world/middleeast/lobbying-group-for-israel-to-press-congress-on-syria.html>

<http://www.nytimes.com/2013/09/10/world/middleeast/obama-embraces-russian-proposal-on-syria-weapons.html?pagewanted=all&mtrref=www.google.pt&gwh=D737CCEF29D661EAA999AA848403B73D&gwt=pay>

http://www.nytimes.com/2013/09/10/world/middleeast/kerry-says-syria-should-hand-over-all-chemical-arms.html?pagewanted=all&_r=0

<http://www.nytimes.com/2013/09/10/world/middleeast/kerrys-comments-on-syria-mark-a-shift-over-strike.html>

<https://thecaucus.blogs.nytimes.com/2013/09/09/on-syria-clinton-voices-support-for-obamas-policy-and-for-political-solution/>

<http://www.nytimes.com/2013/09/10/world/middleeast/surprise-russian-proposal-catches-obama-between-putin-and-house-republicans.html?pagewanted=all>

<http://www.nytimes.com/2013/09/10/world/middleeast/poll-majority-of-americans->

oppose-military-strike.html

<http://www.nytimes.com/2013/09/11/world/europe/germany-to-accept-syrian-refugees.html>

<http://www.nytimes.com/2013/09/11/world/europe/vatican-use-church-buildings-to-house-refugees-pope-says.html>

<http://www.nytimes.com/2013/09/11/world/europe/france-four-charged-with-ties-to-syrian-jihadists.html>

<http://www.nytimes.com/2013/09/11/world/middleeast/Syria-An-Unlikely-Evolution.html?pagewanted=all>

<https://learning.blogs.nytimes.com/2013/09/10/chemical-weapons-crisis-debating-the-u-s-response-in-syria/comment-page-3/>

http://www.nytimes.com/2013/09/11/world/middleeast/assault-on-christian-town-complicates-crisis-in-syria.html?pagewanted=all&_r=0

<http://www.nytimes.com/2013/09/11/world/middleeast/Syria-Chemical-Arms.html?pagewanted=all>

<http://www.nytimes.com/2013/09/11/world/middleeast/Syria-Chemical-Disarmament.html?pagewanted=all>

<http://www.nytimes.com/2013/09/11/world/middleeast/syrian-chemical-arsenal.html?pagewanted=all>

<http://www.nytimes.com/2013/09/11/world/middleeast/parsing-syria-developments-ahead-of-obamas-address.html?pagewanted=all>

<https://artsbeat.blogs.nytimes.com/2013/09/11/cultural-preservation-groups-ask-obama-to-protect-syrian-heritage-sites/>

<http://www.nytimes.com/2013/09/12/world/middleeast/Obamas-Pivots-on-Syria-Confrontation.html?pagewanted=all>

<http://www.nytimes.com/2013/09/12/world/europe/as-obama-pauses-action-putin-takes-center-stage.html?pagewanted=all>

<http://www.nytimes.com/2013/09/12/world/middleeast/un-guilty-of-collective->

failure-in-syria-leader-says.html

<http://www.nytimes.com/2013/09/12/world/middleeast/united-nations-panel-cites-evidence-of-war-crimes-in-syria.html>

<http://www.nytimes.com/2013/09/12/world/middleeast/us-backing-of-russian-plan-leaves-a-wary-israel-focusing-on-self-reliance.html>

http://www.nytimes.com/2013/09/12/world/obama-syria.html?pagewanted=all&_r=0

<http://www.nytimes.com/2013/09/12/us/politics/tea-party-extends-focus-to-include-rallying-against-a-syria-strike.html?pagewanted=all>

<http://www.nytimes.com/2013/09/12/world/middleeast/us-and-russia-focus-on-syria.html?pagewanted=all>

<http://www.nytimes.com/2013/09/13/world/middleeast/for-turkeys-leader-syrias-war-worsens-his-problems-at-home.html>

<http://www.nytimes.com/2013/09/13/world/middleeast/united-states-and-russia-far-apart-as-kerry-arrives-in-geneva-for-syria-talks.html?pagewanted=all>

<http://www.nytimes.com/2013/09/13/world/middleeast/syrian-rebels-say-saudi-arabia-is-stepping-up-weapons-deliveries.html>

<http://www.nytimes.com/2013/09/13/world/middleeast/experts-report-to-un-on-syrian-mass-killing-is-expected-within-a-few-days.html?partner=rss&emc=rss>

<http://www.nytimes.com/2013/09/13/world/middleeast/listing-demands-assad-uses-crisis-to-his-advantage.html?pagewanted=all>

<http://www.nytimes.com/2013/09/13/world/middleeast/making-administrations-case-kerry-finds-six-words-that-spell-trouble.html>

<http://www.nytimes.com/2013/09/14/world/middleeast/syrian-refugee-spillover-into-europe-surges.html>

<http://www.nytimes.com/2013/09/14/world/middleeast/russia-united-states-syria-talks.html?pagewanted=all>

http://www.nytimes.com/2013/09/14/world/middleeast/us-wont-insist-un-resolution-threaten-force-on-syria-officials-say.html?pagewanted=all&_r=0

<http://www.nytimes.com/2013/09/14/us/politics/syria-crisis-underlines-pentagons-move-to-the-back-seat.html>

<https://thelede.blogs.nytimes.com/2013/09/13/reports-point-to-a-massacre-in-syria-with-conventional-weapons/>

<http://www.nytimes.com/2013/09/14/world/middleeast/un-chief-says-investigators-report-will-confirm-chemical-attack.html>

<http://www.nytimes.com/2013/09/14/world/middleeast/un-panel-accuses-syria-of-attacking-hospitals.html>

<http://www.nytimes.com/2013/09/15/world/middleeast/syrian-opposition-group-elects-new-prime-minister.html>

<https://thecaucus.blogs.nytimes.com/2013/09/14/sunday-breakfast-menu-sept-15/>

<http://www.nytimes.com/2013/09/15/world/middleeast/syria-talks.html>

<http://www.nytimes.com/2013/09/15/world/middleeast/if-history-is-any-measure-the-clock-is-ticking.html>

Opinião:

http://www.nytimes.com/interactive/2013/09/09/world/middleeast/document-lobby.html?_r=0

<http://www.nytimes.com/2013/09/09/opinion/global/mideast-strife-has-a-history.html>

<http://www.nytimes.com/2013/09/09/us/politics/obamas-2nd-term-reaches-a-tipping-point.html>

<http://www.nytimes.com/2013/09/09/opinion/global/the-arab-d-day.html>

<http://www.nytimes.com/2013/09/09/opinion/keller-our-new-isolationism.html>

<http://www.nytimes.com/2013/09/09/opinion/09iht-edtepperman09.html>

<http://www.nytimes.com/2013/09/10/opinion/a-diplomatic-proposal-for-syria.html>

<http://www.nytimes.com/2013/09/10/opinion/a-syrians-cry-for-help.html>

<http://www.nytimes.com/2013/09/10/opinion/eyes-on-syria-and-obamas-speech.html>

<http://www.nytimes.com/2013/09/11/opinion/a-new-twist-in-the-drama-over-syria.html>

<https://douthat.blogs.nytimes.com/2013/09/10/americas-not-always-disastrous-middle-east-record/?mtrref=www.google.pt&gwh=08DB5F0914B945E835AAC204D58B9639&gwt=pay&assetType=opinion>

https://douthat.blogs.nytimes.com/2013/09/10/an-offer-we-cant-refuse/?_r=0

<https://keller.blogs.nytimes.com/2013/09/10/playing-chess-with-putin/>

<https://douthat.blogs.nytimes.com/2013/09/10/the-president-speaks-on-syria/?module=BlogPost-Title&version=Blog%20Main&contentCollection=Opinion&action=Click&pgtype=Blogs®ion=Body>

<http://www.nytimes.com/2013/09/11/opinion/friedman-threaten-to-threaten.html>

<http://www.nytimes.com/2013/09/11/opinion/dowd-who-do-you-trust.html>

<http://www.nytimes.com/2013/09/12/opinion/diplomacy-as-deterrent.html>

<http://www.nytimes.com/2013/09/12/opinion/putin-plea-for-caution-from-russia-on-syria.html>

<http://www.nytimes.com/roomfordebate/2013/09/11/can-syrias-chemical-arsenal-be-destroyed/>

<http://www.nytimes.com/2013/09/12/opinion/parsing-obamas-speech-about-syria.html>

<http://www.nytimes.com/2013/09/12/opinion/global/syria-let-the-whole-world-vote.html>

<http://www.nytimes.com/2013/09/12/opinion/blow-its-a-mad-mad-mad-mad-world.html>

https://bittman.blogs.nytimes.com/2013/09/10/on-911-my-two-cents-on-syria/?_r=0

<http://www.nytimes.com/2013/09/12/opinion/kristof-that-threat-worked.html>

<http://www.nytimes.com/2013/09/13/opinion/putins-plea-sampling-the-reviews.html>

<http://www.nytimes.com/2013/09/13/opinion/russia-and-syria-thinking-outside-the-box.html>

<http://www.nytimes.com/2013/09/13/opinion/global/cohen-an-anchorless-world.html>

<https://opinionator.blogs.nytimes.com/2013/09/12/a-brilliant-mess/>

<https://parenting.blogs.nytimes.com/2013/09/12/teaching-children-the-easy-lesson-of-syria/>

<https://publiceditor.blogs.nytimes.com/2013/09/12/the-story-behind-the-putin-op-ed-article-in-the-times/>

<http://www.nytimes.com/2013/09/14/opinion/the-duty-to-protect-still-urgent.html>

<http://www.nytimes.com/2013/09/15/opinion/sunday/kristof-hearing-you-out.html>

<http://www.nytimes.com/2013/09/15/public-editor/the-delicate-handling-of-images-of-war.html>

<http://www.nytimes.com/2013/09/15/opinion/sunday/what-war-means.html>

Entrevistas, Citações e Discursos:

<http://www.nytimes.com/2013/09/09/business/media/assad-denies-attack-in-interview-with-charlie-rose.html>

https://thelede.blogs.nytimes.com/2013/09/09/video-of-the-kerry-remark-russia-seized-upon/?_r=0

<http://www.nytimes.com/2013/09/11/world/middleeast/obamas-remarks-on-syria.html>

<https://thelede.blogs.nytimes.com/2013/09/10/freed-captives-differ-on-claim-syrian-rebels-framed-assad-with-gas-attack/>

<http://www.nytimes.com/interactive/2013/09/11/world/middleeast/12geneva-doc.html>

Multimédia:

<https://www.nytimes.com/interactive/projects/live-dashboard/syria>

<https://www.nytimes.com/video/world/100000002431394/kerry-on-syrias-chemical-weapons-.html>

<http://www.nytimes.com/interactive/2013/09/10/world/middleeast/american-views-on-intervention-in-syria.html>

<https://learning.blogs.nytimes.com/2013/09/10/when-is-the-use-of-military-force-justified/comment-page-9/>

<https://www.nytimes.com/video/world/middleeast/100000002433096/obama-and-assad-dueling-interviews.html>

<https://www.nytimes.com/video/us/politics/100000002435965/obama-addresses-the-nation-on-syria.html>

<https://www.nytimes.com/video/us/politics/100000002432242/hillary-rodham-clinton-on-syria.html>

<https://www.nytimes.com/video/multimedia/100000002440186/kerrys-statement-on-syria.html>

<http://www.nytimes.com/2013/09/14/opinion/global/chappatte-a-russian-take-on-syria.html>

<https://www.nytimes.com/video/world/middleeast/100000002437887/syria-through-a-screen.html>

http://www.nytimes.com/interactive/2013/09/14/world/middleeast/Chemical-Disarmament-Amid-Conflict.html?_r=0

<https://www.nytimes.com/video/world/middleeast/100000002443785/kerry-on-us-russia-deal.html>

Publicações – Jornal *The New York Times* (6 a 12 de Setembro de 2015):

Artigos:

https://www.nytimes.com/2015/09/07/world/europe/pope-calls-on-europeans-to-house-refugees.html?_r=0

<https://www.nytimes.com/2015/09/07/world/german-quota-system-highlights-possible-path-and-pitfalls-for-handling-crisis.html>

<https://www.nytimes.com/2015/09/07/world/middleeast/netanyahu-rejects-calls-to-accept-syrian-refugees.html>

<https://www.nytimes.com/2015/09/07/world/middleeast/us-to-revamp-training-program-to-fight-isis.html>

<https://www.nytimes.com/2015/09/08/world/europe/europe-migrant-crisis.html>

<https://www.nytimes.com/2015/09/08/world/europe/right-wing-european-parties-may-benefit-from-migrant-crisis.html>

<https://www.nytimes.com/2015/09/08/world/europe/migrants-europe-lampedusa-sinking.html>

<https://www.nytimes.com/2015/09/08/world/europe/britain-says-it-killed-3-isis-suspects-in-first-drone-strike-in-syria.html>

<https://www.nytimes.com/2015/09/08/world/europe/russia-answers-us-criticism-over-military-aid-to-syria.html>

<https://www.nytimes.com/2015/09/09/us/as-european-migrant-crisis-grows-us-considers-taking-in-more-syrians.html>

<https://www.nytimes.com/2015/09/09/world/middleeast/iraq-migrants-refugees-europe.html>

<https://www.nytimes.com/2015/09/09/world/europe/britain-tries-to-deter-migrants-even-as-it-lets-more-in.html>

https://www.nytimes.com/2015/09/09/world/europe/britain-isis-syria-drone-strike.html?_r=0

<https://www.nytimes.com/2015/09/09/world/europe/us-moves-to-block-russian->

[military-buildup-in-syria.html?_r=2](#)

<https://learning.blogs.nytimes.com/2015/09/09/news-qs-a-steady-flow-staggers-into-europe-outpacing-pledges-of-shelter/>

<https://www.nytimes.com/politics/first-draft/2015/09/09/hillary-clinton-says-u-s-should-lead-effort-to-help-syrian-migrants/>

<https://www.nytimes.com/2015/09/10/world/middleeast/isis-says-it-has-foreign-hostages.html>

<https://www.nytimes.com/2015/09/10/world/europe/europe-migrant-crisis-jean-claude-juncker.html>

<https://sinosphere.blogs.nytimes.com/2015/09/09/for-china-migrant-crisis-is-someone-elses-fault-and-responsibility/>

<https://www.nytimes.com/2015/09/10/world/europe/migrants-refugee-tensions-in-europe.html>

<https://www.nytimes.com/2015/09/10/sports/soccer/german-soccer-clubs-open-their-gates-to-refugees.html>

<https://www.nytimes.com/2015/09/10/us/kerry-favors-an-american-commitment-to-bringing-in-more-refugees.html>

https://www.nytimes.com/2015/09/10/world/asia/australia-to-accept-additional-12000-refugees-from-iraq-and-syria.html?_r=0

<https://www.nytimes.com/2015/09/10/world/middleeast/russia-syria-military-advisers.html>

<https://www.nytimes.com/2015/09/11/world/europe/un-security-council-human-smuggling-mediterranean.html>

<https://www.nytimes.com/2015/09/11/world/europe/migrant-crisis-hungary.html>

<https://www.nytimes.com/2015/09/11/arts/international/photo-exhibition-puts-syrian-refugees-on-the-seine.html>

<https://www.nytimes.com/2015/09/11/world/middleeast/obama-directs-administration-to-accept-10000-syrian-refugees.html>

<https://www.nytimes.com/2015/09/12/world/donations-for-refugees-surgin-american-charities-report.html>

<https://www.nytimes.com/2015/09/13/world/europe/berlin-tempelhof-airport-to-house-refugees.html>

<https://www.nytimes.com/2015/09/12/world/europe/empathy-and-angst-in-a-german-city-transformed-by-migrants.html>

<https://www.nytimes.com/2015/09/12/world/europe/hungary-migrants-refugees.html>

https://www.nytimes.com/2015/09/12/world/europe/europe-migrant-crisis.html?_r=0

<https://www.nytimes.com/2015/09/12/world/middleeast/ordnance-used-by-isis-shows-traces-of-chemical-agents.html>

<https://www.nytimes.com/2015/09/13/world/europe/eastern-europe-migrant-refugee-crisis.html>

Opinião:

<https://www.nytimes.com/2015/09/07/opinion/hungarys-xenophobic-response.html>

<https://www.nytimes.com/2015/09/08/opinion/roger-cohen-aylan-kurdis-europe.html>

<https://www.nytimes.com/2015/09/09/opinion/caring-for-the-other-refugees.html>

<https://www.nytimes.com/2015/09/09/opinion/eastern-europes-compassion-deficit-refugees-migrants.html>

<https://douthat.blogs.nytimes.com/2015/09/08/will-the-world-come-to-europe/>

<https://www.nytimes.com/2015/09/09/opinion/australias-policy-on-refugees-in-boats.html>

<https://www.nytimes.com/2015/09/10/opinion/europes-humanitarian-crisis-saving-them-we-save-ourselves.html>

https://www.nytimes.com/2015/09/09/opinion/how-europes-other-half-lives.html?_r=0

<https://www.nytimes.com/2015/09/09/opinion/in-europe-issues-of-emigration-not-extermiation.html>

<https://www.nytimes.com/2015/09/10/opinion/poland-shouldnt-shut-out-refugees.html>

<https://www.nytimes.com/2015/09/11/opinion/a-plan-to-save-refugees-and-europes-open-borders.html>

<https://www.nytimes.com/2015/09/11/opinion/whos-responsible-for-the-refugees.html>

<https://www.nytimes.com/2015/09/10/opinion/nicholas-kristof-compassion-for-refugees-isnt-enough.html>

<https://www.nytimes.com/2015/09/11/opinion/roger-cohen-obamas-syrian-nightmare.html>

<https://www.nytimes.com/2015/09/12/opinion/russias-risky-military-moves-in-syria.html>

<https://www.nytimes.com/2015/09/12/opinion/germanys-moral-example.html>

<https://www.nytimes.com/2015/09/11/opinion/hungary-today-and-in-1956.html>

<https://www.nytimes.com/2015/09/12/opinion/break-the-gridlock-on-syria.html>

<https://www.nytimes.com/2015/09/11/opinion/united-arab-emirates-aid-to-syrians.html>

Entrevistas, Citações e Discursos:

https://www.nytimes.com/2015/09/06/pageoneplus/quotation-of-the-day.html?_r=0

<https://www.nytimes.com/politics/first-draft/2015/09/09/candidates-address-the-growing-refugee-crisis/>

<https://www.nytimes.com/2015/09/12/world/europe/images-of-mistreatment-of->

migrants-in-hungary-prompt-investigations.html

<https://www.nytimes.com/2015/09/12/us/obama-talk-with-troops-covers-syria-and-china.html>

Multimédia:

<http://www.nytimes.com/slideshow/2015/09/06/world/europe/migrants-on-the-move-across-europe/s/20150907MIGRANTS-slide-QDPS.html>

<https://www.nytimes.com/video/multimedia/100000003894192/australia-to-take-more-syrian-refugees-pm-abbott.html>

<https://www.nytimes.com/video/world/europe/100000003894695/the-train-to-germany.html>

<https://www.nytimes.com/interactive/projects/cp/reporters-notebook/migrants>

<https://www.nytimes.com/video/multimedia/100000003895207/migrants-leave-hungary-for-vienna-and-munich.html>

<https://www.nytimes.com/video/multimedia/100000003895633/merkel-refugee-influx-will-transform-germany.html>

<https://www.nytimes.com/video/multimedia/100000003895637/france-mulling-air-strikes-in-syria.html>

<https://www.nytimes.com/2015/09/09/opinion/patrick-chappatte-germany-opens-its-doors-to-refugees.html>

<http://www.nytimes.com/slideshow/2015/09/08/world/europe/european-leaders-grapple-with-response-to-migrant-crisis/s/08migrants-web02.html>

<https://www.nytimes.com/video/world/europe/100000003896314/camp-for-migrants-in-hungary.html>

<https://www.nytimes.com/video/multimedia/100000003896437/syrian-refugees-reach-greek-mainland-flee-chaos-of-lesbos.html>

<https://www.nytimes.com/video/multimedia/100000003897172/white-house-reconsidering-steps-to-help-europe-with-refugees.html>

<https://www.nytimes.com/video/world/europe/100000003896967/leaders-call-for-eu-to-help-migrants.html>

<https://www.nytimes.com/video/world/europe/100000003896646/cameron-announces-death-of-isis-fighters.html>

<https://www.nytimes.com/video/multimedia/100000003898144/deadly-sandstorm-engulfs-mideast-slows-syria-strikes.html>

<https://www.nytimes.com/video/multimedia/100000003899077/merkel-others-must-take-refugees-too.html>

<https://www.nytimes.com/video/multimedia/100000003898646/syrian-refugees-anywhere-but-uruguay.html>

<https://www.nytimes.com/video/multimedia/100000003899076/merkel-refugees-only-welcome.html>

<https://www.nytimes.com/video/multimedia/100000003900472/washington-unconcerned-about-russian-troops-in-syria.html>

<https://www.nytimes.com/interactive/2015/09/10/magazine/scenes-from-a-human-flood.html>

<https://www.nytimes.com/video/us/politics/100000003902859/white-house-wants-to-admit-more-refugees.html>

<https://www.nytimes.com/video/multimedia/100000003903425/albanian-asylum-seekers-deported-from-germany.html>

<https://www.nytimes.com/video/multimedia/100000003904016/can-refugees-save-germanys-economy.html>

<https://www.nytimes.com/video/multimedia/100000003904027/migrants-and-refugees-struggle-to-board-train-at-station-in-aust.html>

<https://www.nytimes.com/video/world/europe/100000003904021/migrants-receive-aid-in-brussels-camp.html>

<https://www.nytimes.com/video/multimedia/100000003906597/long-lines-at-greek-macedonian-border-as-thousands-of-migrants-w.html>

<http://www.nytimes.com/video/multimedia/100000003906591/royal-australia-air-force-conducts-first-operational-flight-into.html>

Publicações – Jornal *The New York Times* (15 a 21 de Março de 2016):

Artigos:

https://www.nytimes.com/2016/03/15/world/middleeast/omar-chechen-isis-killed-us-airstrike-syria.html?_r=0

<https://www.nytimes.com/2016/03/16/world/europe/macedonia-sends-1500-migrants-back-to-greece.html>

<https://www.nytimes.com/2016/03/16/world/europe/russia-syria.html>

<https://www.nytimes.com/2016/03/16/world/europe/vladimir-putin-russia-syria.html>

<https://www.nytimes.com/2016/03/16/us/politics/what-quagmire-even-in-withdrawal-russia-stays-a-step-ahead.html>

<https://www.nytimes.com/2016/03/17/world/europe/eu-aims-to-revise-proposed-migrants-deal-with-turkey.html>

<https://www.nytimes.com/2016/03/17/world/middleeast/syria-kurds.html>

<https://www.nytimes.com/2016/03/18/world/europe/3-sentenced-in-germany-for-arson-attack-against-refugees.html>

<https://www.nytimes.com/2016/03/18/world/europe/greece-idomeni-refugees.html>

<https://www.nytimes.com/2016/03/18/world/europe/europe-grapples-with-plan-to-return-refugees-from-greece-to-turkey.html>

<https://www.nytimes.com/2016/03/18/world/middleeast/citing-atrocities-john-kerry-calls-isis-actions-genocide.html?mtrref=www.google.pt&gwh=04D708AD23BEEFD20286EDAE4FF6BABB&gwt=pay>

<https://www.nytimes.com/2016/03/18/world/middleeast/hassan-aboud-an-isis-commander-dies-from-battlefield-wounds.html>

https://www.nytimes.com/2016/03/18/world/europe/vladimir-putin-syria-russia.html?_r=0

<https://www.nytimes.com/2016/03/18/world/asia/syria-japan-junpei-yasuda.html>

<https://www.nytimes.com/2016/03/19/world/europe/european-union-turkey-migrants.html>

<https://www.nytimes.com/2016/03/19/world/europe/european-union-turkey-refugees-migrants.html>

<https://www.nytimes.com/2016/03/19/world/asia/us-steps-up-airstrikes-against-isis-after-it-gains-territory-in-afghanistan.html>

<https://www.nytimes.com/2016/03/20/world/europe/migrants-lament-as-deal-with-turkey-closes-door-to-europe.html>

<https://www.nytimes.com/2016/03/21/world/europe/angela-merkel-faces-criticism-over-agreement-with-turkey.html>

<https://www.nytimes.com/2016/03/21/world/europe/greece-struggles-to-enforce-migrant-accord-on-first-day.html>

<https://www.nytimes.com/2016/03/22/world/europe/deal-appears-to-curb-migrant-flow-but-greece-still-faces-uphill-effort.html>

Opinião:

<https://www.nytimes.com/2016/03/15/opinion/putins-syria-surprise.html>

<https://www.nytimes.com/2016/03/16/opinion/where-is-the-eus-moral-and-political-courage.html>

<https://www.nytimes.com/2016/03/16/opinion/reconsider-a-refugee-deal-with-turkey.html>

https://www.nytimes.com/2016/03/18/opinion/dont-fear-the-russians.html?_r=0

<https://www.nytimes.com/2016/03/18/opinion/the-dangerous-allure-of-a-syrian-partition.html>

<https://www.nytimes.com/2016/03/18/opinion/genocide-and-the-islamic-state.html>

<https://www.nytimes.com/2016/03/19/opinion/obamas-flawed-realism.html>

<https://www.nytimes.com/2016/03/20/opinion/sunday/life-among-the-ruins.html>

<https://www.nytimes.com/2016/03/22/opinion/the-kurds-push-for-self-rule-in-syria.html>

<https://www.nytimes.com/2016/03/22/world/europe/france-europe-migrant-crisis-germany.html>

Entrevistas, Citações e Discursos:

<https://www.nytimes.com/2016/03/17/world/europe/germany-migrants.html>

Multimédia:

<https://www.nytimes.com/2016/03/15/opinion/chappatte-on-putins-syria-withdrawal.html>

<https://www.nytimes.com/video/world/europe/100000004272102/russian-withdrawal-from-syria-takeaways.html>

<https://www.nytimes.com/video/world/middleeast/100000004276860/isis-is-committing->

<https://www.nytimes.com/video/world/middleeast/100000004276435/us-syria-autonomous-zones-reaction.html>

<https://www.nytimes.com/video/world/europe/100000004276790/putin-discloses-syrian-campaign-cost.html>

<https://www.nytimes.com/interactive/2016/03/18/world/middleeast/what-russia-accomplished-in-syria.html>

<https://www.nytimes.com/video/world/europe/100000004279717/turkey-and-eu-announce-migrant-deal.html>

<https://www.nytimes.com/video/world/europe/100000004283441/migrants-arrive-in-mainland-greece.html>

Publicações – Jornal *The New York Times* (5 a 11 de Setembro de 2016):

Artigos:

https://www.nytimes.com/2016/09/06/world/europe/denmark-migrants-refugees-racism.html?_r=0

<https://www.nytimes.com/2016/09/06/world/europe/g20-obama-syria.html>

<https://www.nytimes.com/2016/09/06/world/middleeast/syrian-forces-make-gains-near-aleppo-with-russian-help.html>

<https://www.nytimes.com/2016/09/07/world/americas/unicef-children-refugees.html>

<https://www.nytimes.com/2016/09/07/us/syrian-refugees-christian-conservatives.html>

<https://www.nytimes.com/2016/09/08/world/europe/hungarian-journalist-syrian-refugee.html>

<https://www.nytimes.com/2016/09/08/world/middleeast/syria-attack-peace-plan.html>

<https://www.nytimes.com/2016/09/08/world/middleeast/erdogan-raqqa-syria-isis.html>

<https://www.nytimes.com/2016/09/09/world/middleeast/syria-aid-united-nations.html>

<https://www.nytimes.com/2016/09/09/world/middleeast/what-is-aleppo-syria.html>

<https://www.nytimes.com/2016/09/10/world/middleeast/syria-john-kerry-ceasefire-deal-russia.html?mtrref=www.google.pt&gwh=DB8905470BA0133D8F2DD6D9CACC8035&gwt=pay>

https://www.nytimes.com/2016/09/11/world/middleeast/even-amid-cease-fire-countdown-syrias-conflicts-deepen.html?_r=0

<https://www.nytimes.com/2016/09/12/world/middleeast/spate-of-deadly-attac-in-syria-ahead-of-cease-fire.html>

Multimédia:

<https://www.nytimes.com/video/world/europe/100000004632748/france-will-get-wall-to-keep-migrants-off-road.html>

<https://www.nytimes.com/video/world/middleeast/100000004631915/scores-sickened-by-gas-attack-in-syria.html>

Anexos

Jornal *Público* - Tipos de Publicação

1ª Semana de Análise: 8 - 14 Setembro, 2013

ARTIGOS (49)	CURTOS	26
	LONGOS	23
OPINIÃO (7)	EDITORIAIS	0
	DO PRÓPRIO JORNAL	3
	EXTERIOR AO JORNAL	4
ENTREVISTAS (4)	ENTREVISTAS	3
	CITAÇÕES&DISCURSOS	1
MULTIMÉDIA (4)	LIVE UPDATES	0
	VÍDEOS	4
	FOTOS	0
	OUTROS	0

Tabela 1 – Jornal *Público*: Número de Publicações por Diferentes Tipos (8 – 14 de Setembro de 2013)



Gráfico 1 – Jornal *Público*: Número e Percentagem de Publicações por Diferentes Tipos (8 – 14 de Setembro de 2013)

Jornal *Público* - Tipos de Publicação

2ª Semana de Análise: 6 - 12 Setembro, 2015

ARTIGOS (38)	CURTOS	22
	LONGOS	16
OPINIÃO (7)	EDITORIAIS	1
	DO PRÓPRIO JORNAL	4
	EXTERIOR AO JORNAL	2
ENTREVISTAS (4)	ENTREVISTAS	3
	CITAÇÕES&DISCURSOS	1
MULTIMÉDIA (1)	LIVE UPDATES	0
	VÍDEOS	1
	FOTOS	0
	OUTROS	0

Tabela 2 – Jornal *Público*: Número de Publicações por Diferentes Tipos (6 – 12 de Setembro de 2015)

Jornal *Público* - Tipos de Publicação 6 - 12 Setembro, 2015

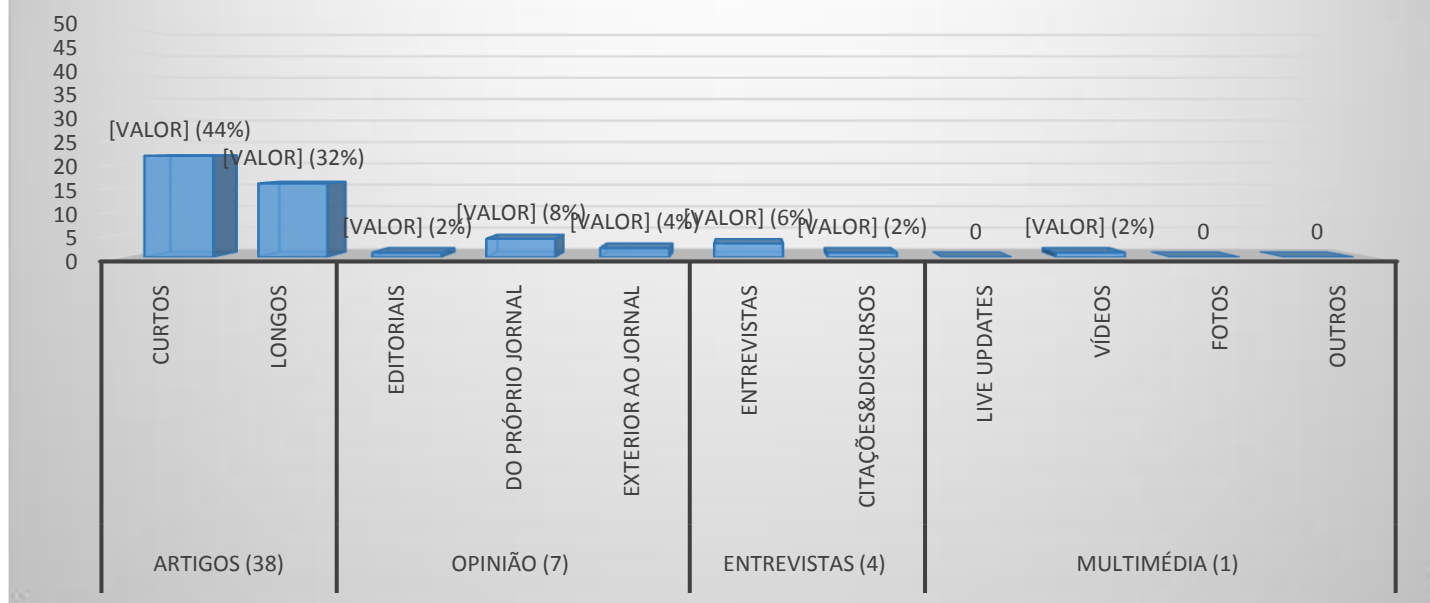


Gráfico 2 – Jornal *Público*: Número e Percentagem de Tipos de Publicação (6 – 12 de Setembro de 2015)

Jornal *Público* - Tipos de Publicação

3ª Semana de Análise: 15 - 21 Março, 2016

ARTIGOS (14)	CURTOS	5
	LONGOS	9
OPINIÃO (3)	EDITORIAIS	1
	DO PRÓPRIO JORNAL	1
	EXTERIOR AO JORNAL	1
ENTREVISTAS (0)	ENTREVISTAS	0
	CITAÇÕES&DISCURSOS	0
MULTIMÉDIA (0)	LIVE UPDATES	0
	VÍDEOS	0
	FOTOS	0
	OUTROS	0

Tabela 3 – Jornal *Público*: Número de Publicações por Diferentes Tipos (15 – 21 de Março de 2016)

Jornal *Público* - Tipos de Publicação 15 - 21 Março, 2016

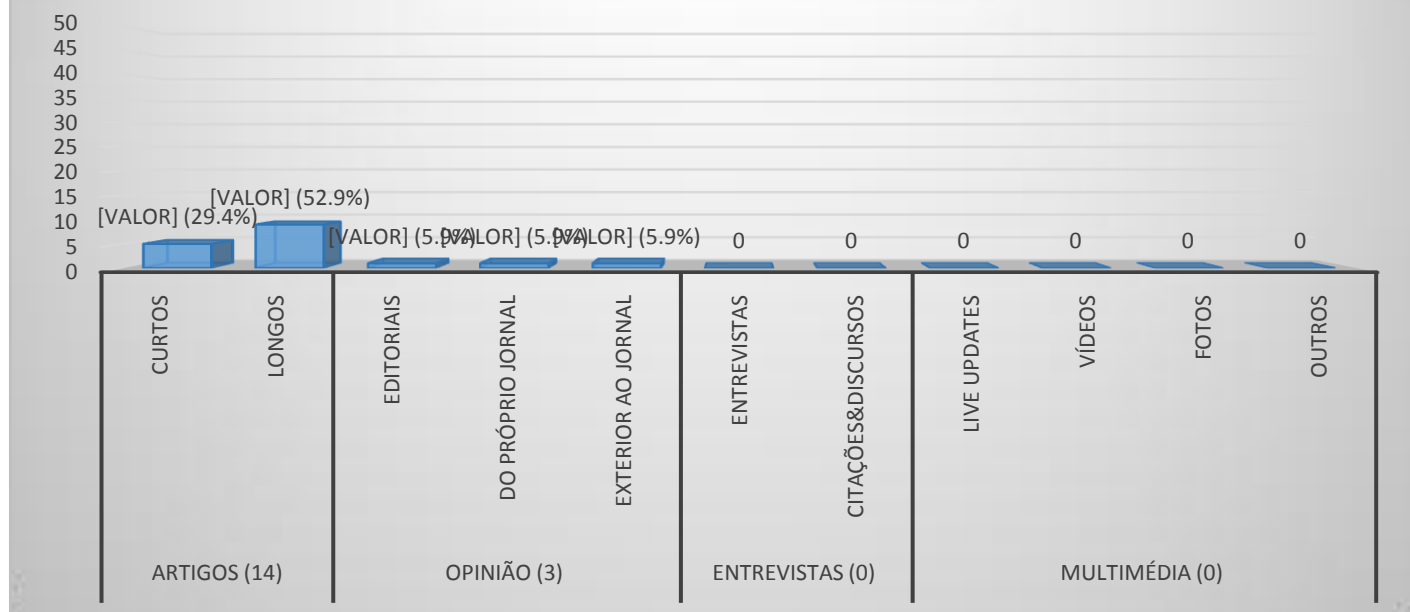


Gráfico 3 – Jornal *Público*: Número e Percentagem de Publicações por Diferentes Tipos (15 – 21 de Março de 2016)

Jornal *Público* - Tipos de Publicação

4ª Semana de Análise: 5 - 11 Setembro, 2016

ARTIGOS (14)	CURTOS	2
	LONGOS	12
OPINIÃO (2)	EDITORIAIS	2
	DO PRÓPRIO JORNAL	0
	EXTERIOR AO JORNAL	0
ENTREVISTAS (0)	ENTREVISTAS	0
	CITAÇÕES&DISCURSOS	0
MULTIMÉDIA (0)	LIVE UPDATES	0
	VÍDEOS	0
	FOTOS	0
	OUTROS	0

Tabela 4 – Jornal *Público*: Número de Publicações por Diferentes Tipos (5 – 11 de Setembro de 2016)

Jornal *Público* - Tipos de Publicação 5 - 11 Setembro, 2016

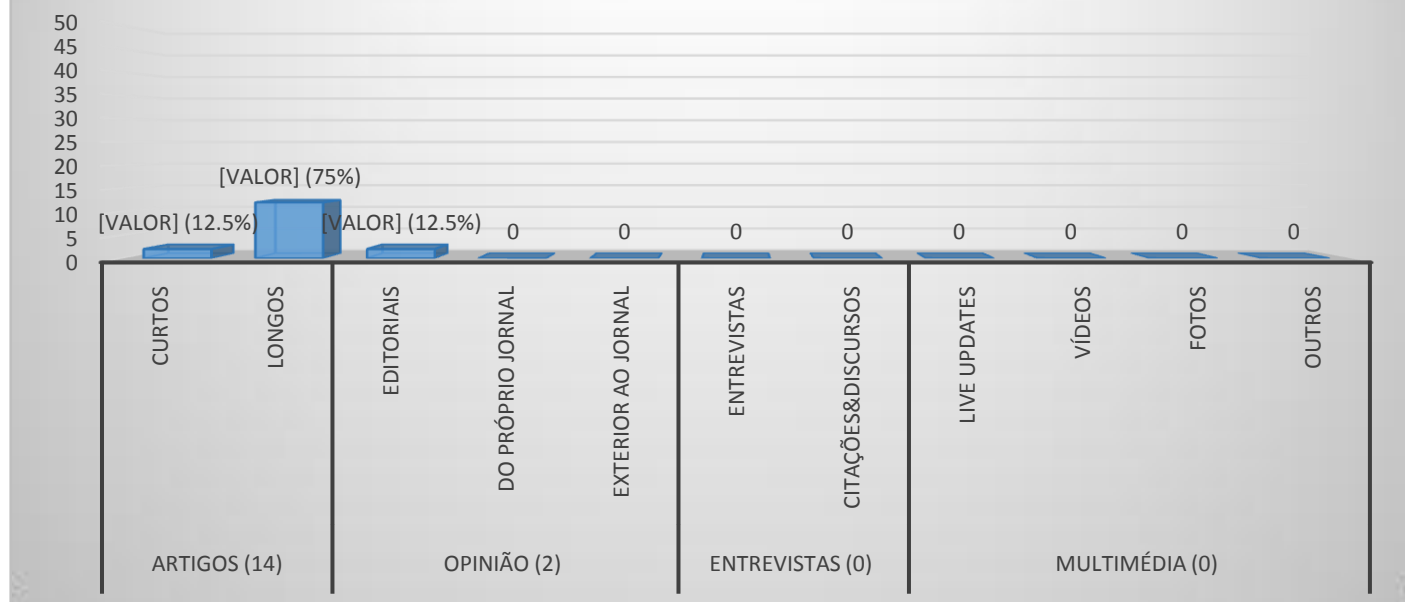


Gráfico 4 – Jornal *Público*: Número e Percentagem de Publicações por Diferentes Tipos (5 – 11 de Setembro de 2016)

Jornal *The Guardian* - Tipos de Publicação

1ª Semana de Análise: 8 - 14 Setembro, 2013

ARTIGOS (35)	CURTOS	6
	LONGOS	29
OPINIÃO (19)	EDITORIAIS	2
	DO PRÓPRIO JORNAL	7
	EXTERIOR AO JORNAL	10
ENTREVISTAS (7)	ENTREVISTAS	4
	CITAÇÕES&DISCURSOS	3
MULTIMÉDIA (20)	LIVE UPDATES	7
	VÍDEOS	13
	FOTOS	0
	OUTROS	0

Tabela 5 – Jornal *The Guardian*: Número de Publicações por Diferentes Tipos (8 – 14 de

Setembro de 2013)

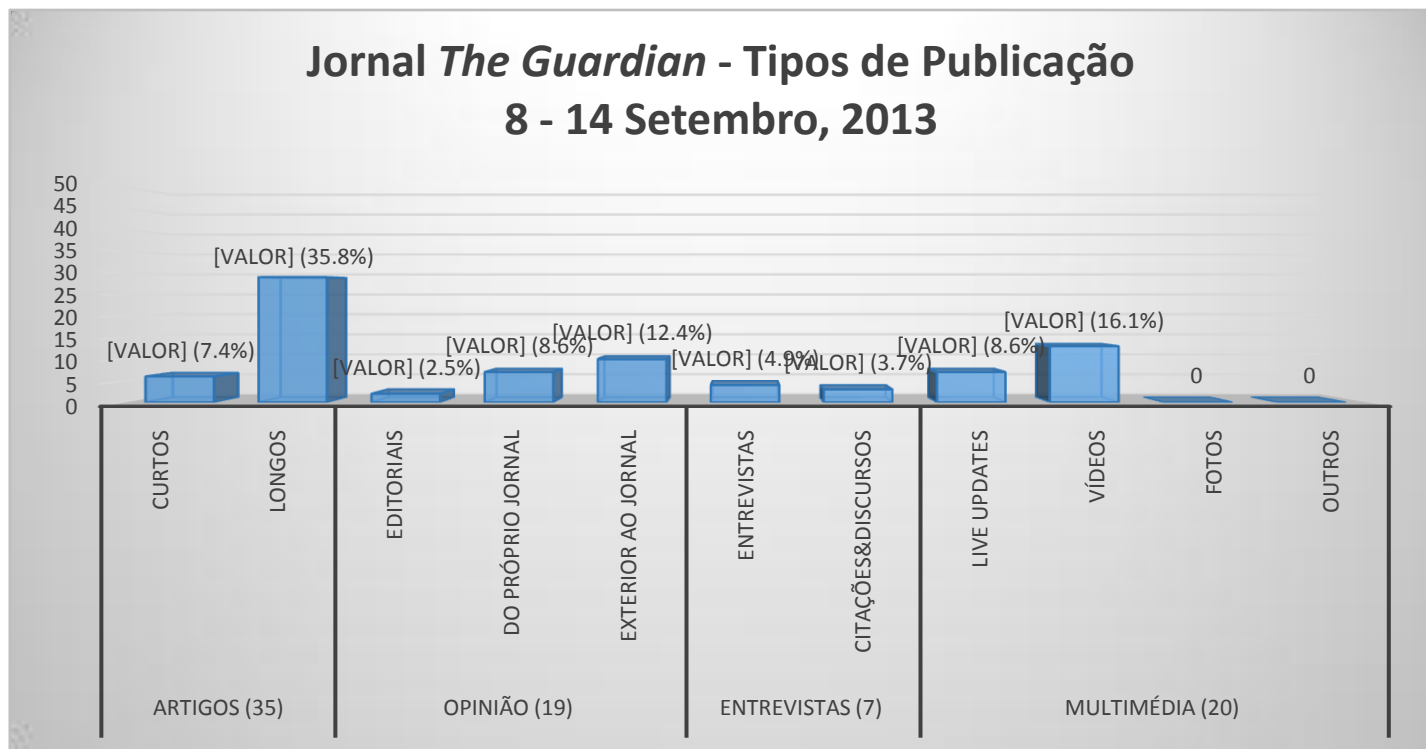


Gráfico 5 – Jornal *The Guardian*: Número e Percentagem de Publicações por Diferentes Tipos (8 – 14 de Setembro de 2013)

Jornal *The Guardian* - Tipos de Publicação

2ª Semana de Análise: 6 - 12 Setembro, 2015

ARTIGOS (68)	CURTOS	19
	LONGOS	49
OPINIÃO (25)	EDITORIAIS	3
	DO PRÓPRIO JORNAL	9
	EXTERIOR AO JORNAL	13
ENTREVISTAS (20)	ENTREVISTAS	8
	CITAÇÕES&DISCURSOS	12
MULTIMÉDIA (38)	LIVE UPDATES	6
	VÍDEOS	27
	FOTOS	4
	OUTROS	1

Tabela 6 – Jornal *The Guardian*: Número de Publicações por Diferentes Tipos (6 – 12 de

Setembro de 2015)



Gráfico 6 – Jornal *The Guardian*: Número e Percentagem de Publicações por Diferentes Tipos (6 – 12 de Setembro de 2015)

Jornal *The Guardian* - Tipos de Publicação

3ª Semana de Análise: 15 - 21 Março, 2016

ARTIGOS (32)	CURTOS	6
	LONGOS	26
OPINIÃO (6)	EDITORIAIS	2
	DO PRÓPRIO JORNAL	1
	EXTERIOR AO JORNAL	3
ENTREVISTAS (6)	ENTREVISTAS	5
	CITAÇÕES&DISCURSOS	1
MULTIMÉDIA (6)	LIVE UPDATES	0
	VÍDEOS	4
	FOTOS	2
	OUTROS	0

Tabela 7 – Jornal *The Guardian*: Número de Publicações por Diferentes Tipos (15 – 21 de Março de 2016)

Jornal *The Guardian* - Tipos de Publicação 15 - 21 Março, 2016

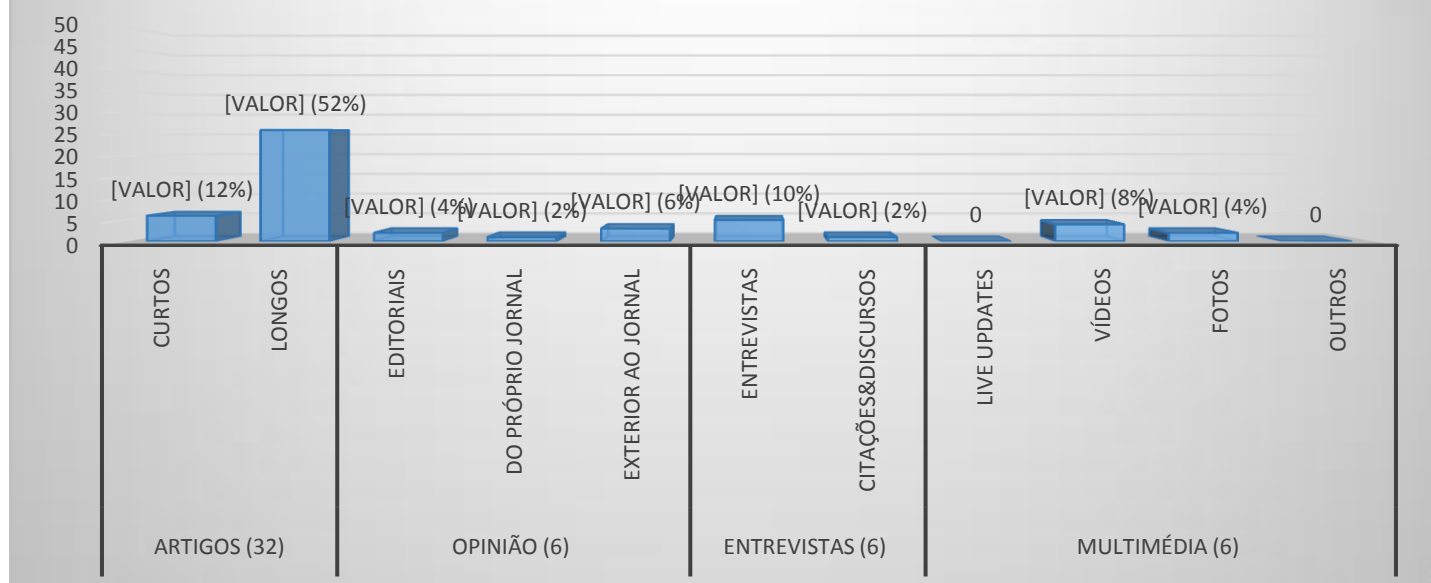


Gráfico 7 – Jornal *The Guardian*: Número e Percentagem de Publicações por Diferentes Tipos (15 – 21 de Março de 2016)

Jornal *The Guardian* - Tipos de Publicação

4ª Semana de Análise: 5 - 11 Setembro, 2016

ARTIGOS (22)	CURTOS	7
	LONGOS	15
OPINIÃO (5)	EDITORIAIS	1
	DO PRÓPRIO JORNAL	1
	EXTERIOR AO JORNAL	3
ENTREVISTAS (2)	ENTREVISTAS	1
	CITAÇÕES&DISCURSOS	1
MULTIMÉDIA (1)	LIVE UPDATES	0
	VÍDEOS	0
	FOTOS	1
	OUTROS	0

Tabela 8 – Jornal *The Guardian*: Número de Publicações por Diferentes Tipos (5 – 11 de Setembro de 2016)

Jornal *The Guardian* - Tipos de Publicação 5 - 11 Setembro, 2016

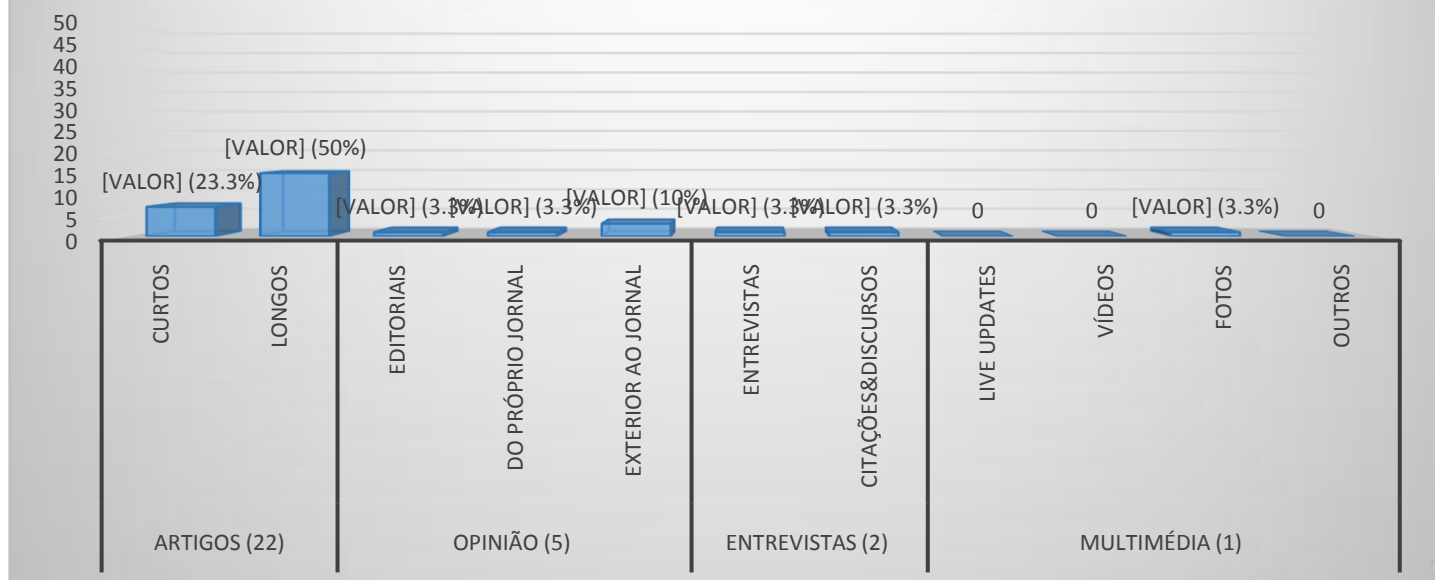


Tabela 8 – Jornal *The Guardian*: Número e Percentagem de Publicações por Diferentes Tipos (5 – 11 de Setembro de 2016)

Jornal *The NYT* - Tipos de Publicação

1ª Semana de Análise: 8 - 14 Setembro, 2013

ARTIGOS (52)	CURTOS	11
	LONGOS	41
OPINIÃO (34)	EDITORIAIS	2
	DO PRÓPRIO JORNAL	18
	EXTERIOR AO JORNAL	14
ENTREVISTAS (5)	ENTREVISTAS	2
	CITAÇÕES&DISCURSOS	3
MULTIMÉDIA (14)	LIVE UPDATES	1
	VÍDEOS	9
	FOTOS	0
	OUTROS	4

Tabela 9 – Jornal *The NYT*: Número de Publicações por Diferentes Tipos (8 – 14 de

Setembro de 2013)

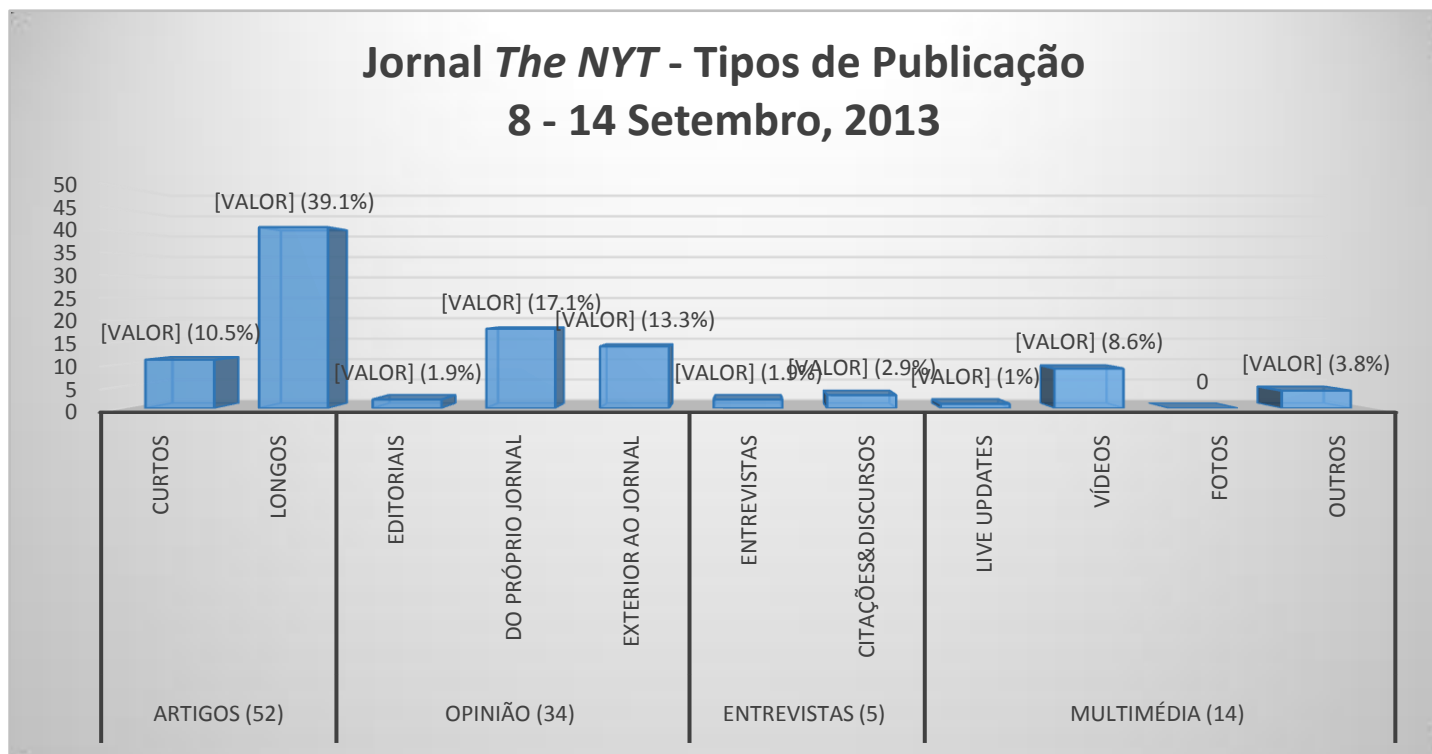


Gráfico 9 – Jornal *The NYT*: Número e Percentagem de Publicações por Diferentes Tipos (8 – 14 de Setembro de 2013)

Jornal *The NYT* - Tipos de Publicação

2ª Semana de Análise: 6 - 12 Setembro, 2015

ARTIGOS (36)	CURTOS	5
	LONGOS	31
OPINIÃO (19)	EDITORIAIS	3
	DO PRÓPRIO JORNAL	4
	EXTERIOR AO JORNAL	12
ENTREVISTAS (4)	ENTREVISTAS	0
	CITAÇÕES&DISCURSOS	4
MULTIMÉDIA (27)	LIVE UPDATES	1
	VÍDEOS	22
	FOTOS	3
	OUTROS	1

Tabela 10 – Jornal *The NYT*: Número de Publicações por Diferentes Tipos (6 – 12 de

Setembro de 2015)

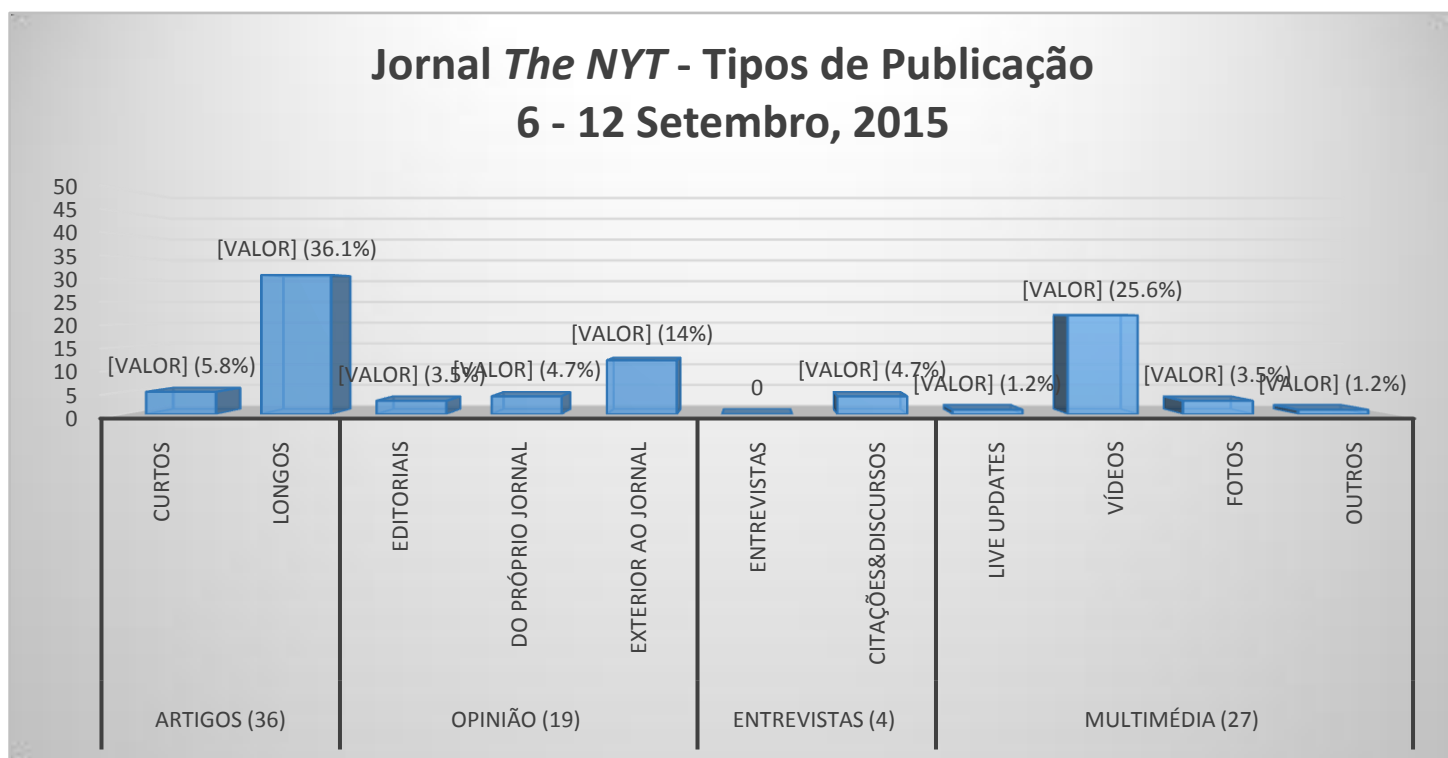


Gráfico 10 – Jornal *The NYT*: Número e Percentagem de Publicações por Diferentes Tipos (6 – 12 de Setembro de 2015)

Jornal *The NYT* - Tipos de Publicação

3ª Semana de Análise: 15 - 21 Março, 2016

ARTIGOS (21)	CURTOS	2
	LONGOS	19
OPINIÃO (10)	EDITORIAIS	4
	DO PRÓPRIO JORNAL	2
	EXTERIOR AO JORNAL	4
ENTREVISTAS (1)	ENTREVISTAS	0
	CITAÇÕES&DISCURSOS	1
MULTIMÉDIA (8)	LIVE UPDATES	0
	VÍDEOS	6
	FOTOS	0
	OUTROS	2

Tabela 11 – Jornal *The NYT*: Número de Publicações por Diferentes Tipos (15 – 21 de

Março de 2016)

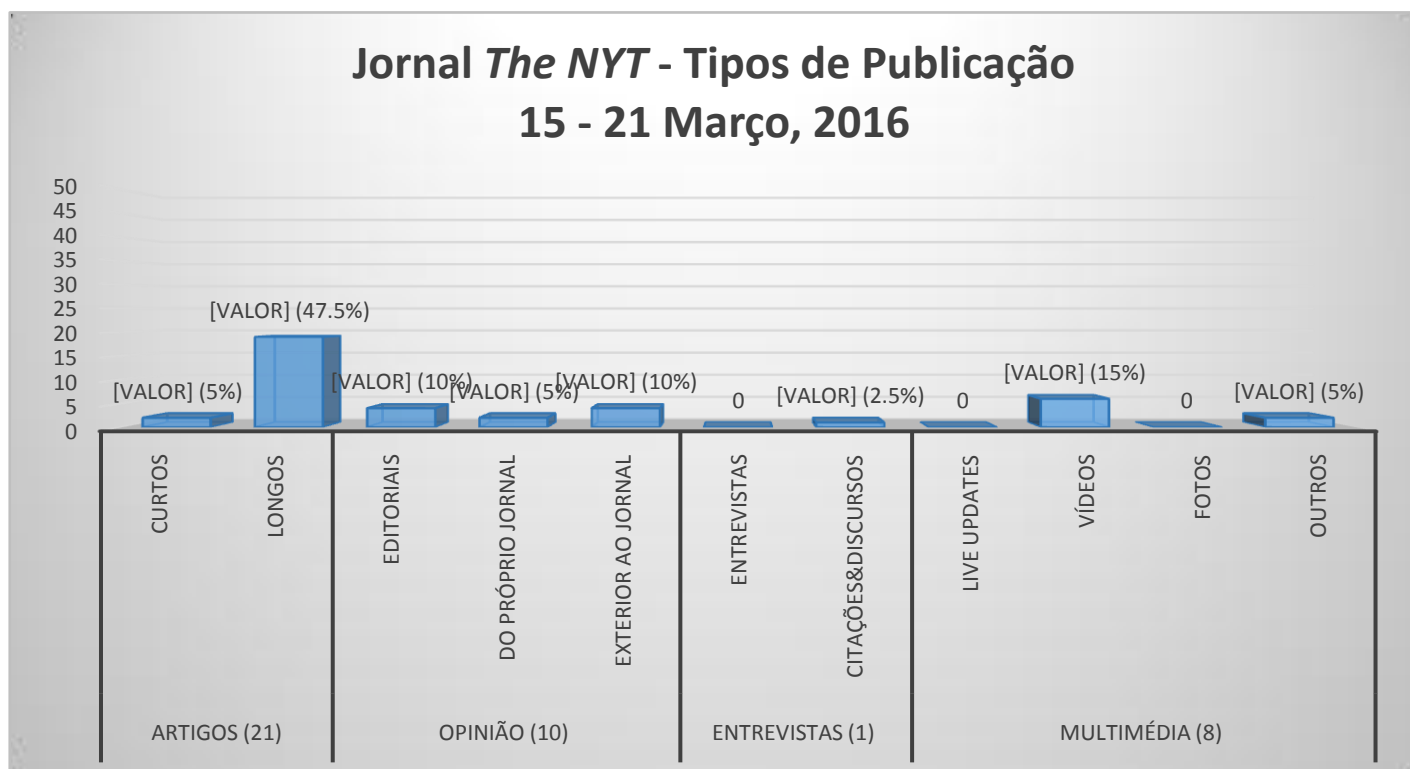


Gráfico 11 – Jornal *The NYT*: Número e Percentagem de Publicações por Diferentes Tipos (15 – 21 de Março de 2016)

Jornal *The NYT* - Tipos de Publicação

4ª Semana de Análise: 5 - 11 Setembro, 2016

ARTIGOS (13)	CURTOS	3
	LONGOS	10
OPINIÃO (0)	EDITORIAIS	0
	DO PRÓPRIO JORNAL	0
	EXTERIOR AO JORNAL	0
ENTREVISTAS (0)	ENTREVISTAS	0
	CITAÇÕES&DISCURSOS	0
MULTIMÉDIA (2)	LIVE UPDATES	0
	VÍDEOS	2
	FOTOS	0
	OUTROS	0

Tabela 12 – Jornal *The NYT*: Número de Publicações por Diferentes Tipos (5 – 11 de

Setembro de 2016)

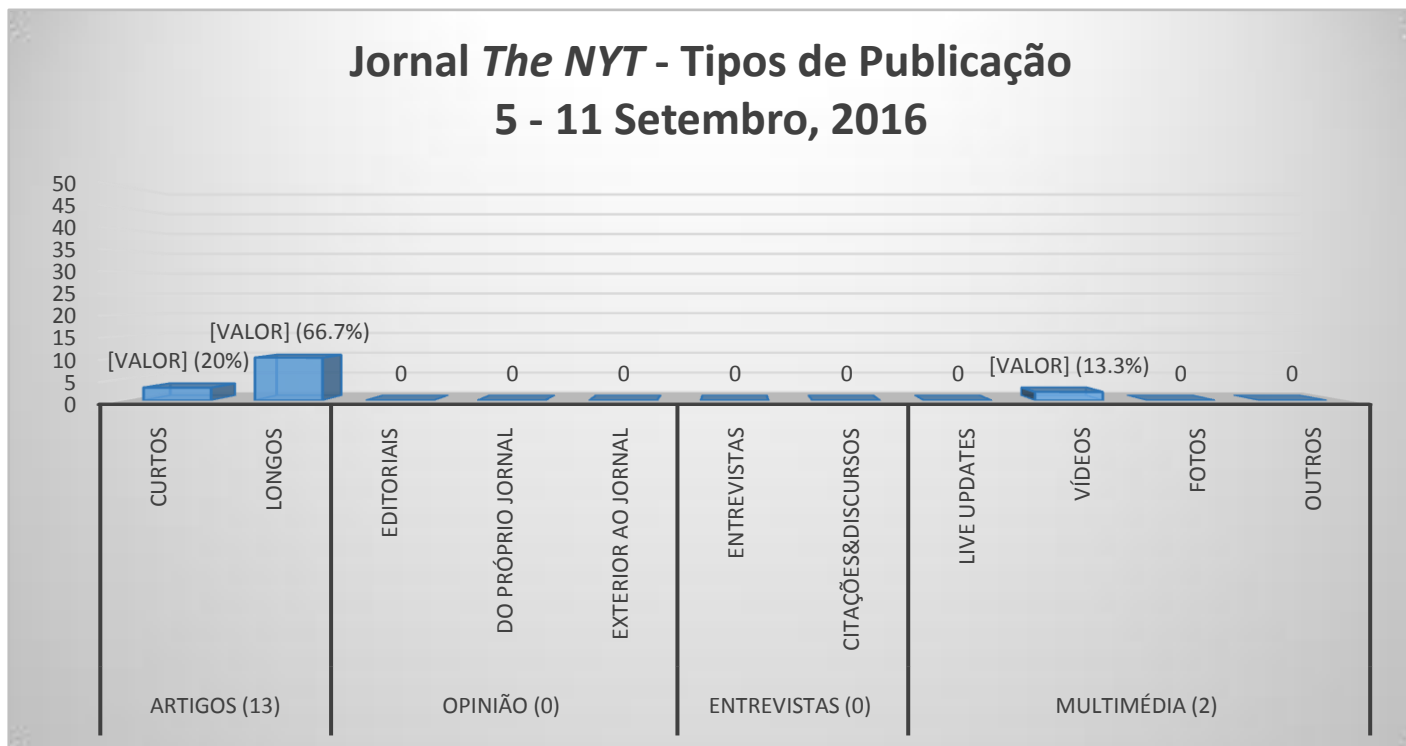


Gráfico 12 – Jornal *The NYT*: Número e Percentagem de Publicações por Diferentes Tipos (5 – 11 de Setembro de 2016)

Jornal *Público* - Temas Cobertos [Síria vs Refugiados]

1ª Semana de Análise: 8 - 14 Setembro, 2013

DIA 8 (8)	SÍRIA	7
	REFUGIADOS	1
DIA 9 (10)	SÍRIA	10
	REFUGIADOS	0
DIA 10 (14)	SÍRIA	14
	REFUGIADOS	0
DIA 11 (10)	SÍRIA	9
	REFUGIADOS	1
DIA 12 (8)	SÍRIA	8
	REFUGIADOS	0
DIA 13 (9)	SÍRIA	8
	REFUGIADOS	1

DIA 14 (5)	SÍRIA	5
	REFUGIADOS	0

Tabela 13 – Jornal *Público*: Número de Publicações por Temas Cobertos, Por Dia - Síria vs Refugiados (8 – 14 de Setembro de 2013)

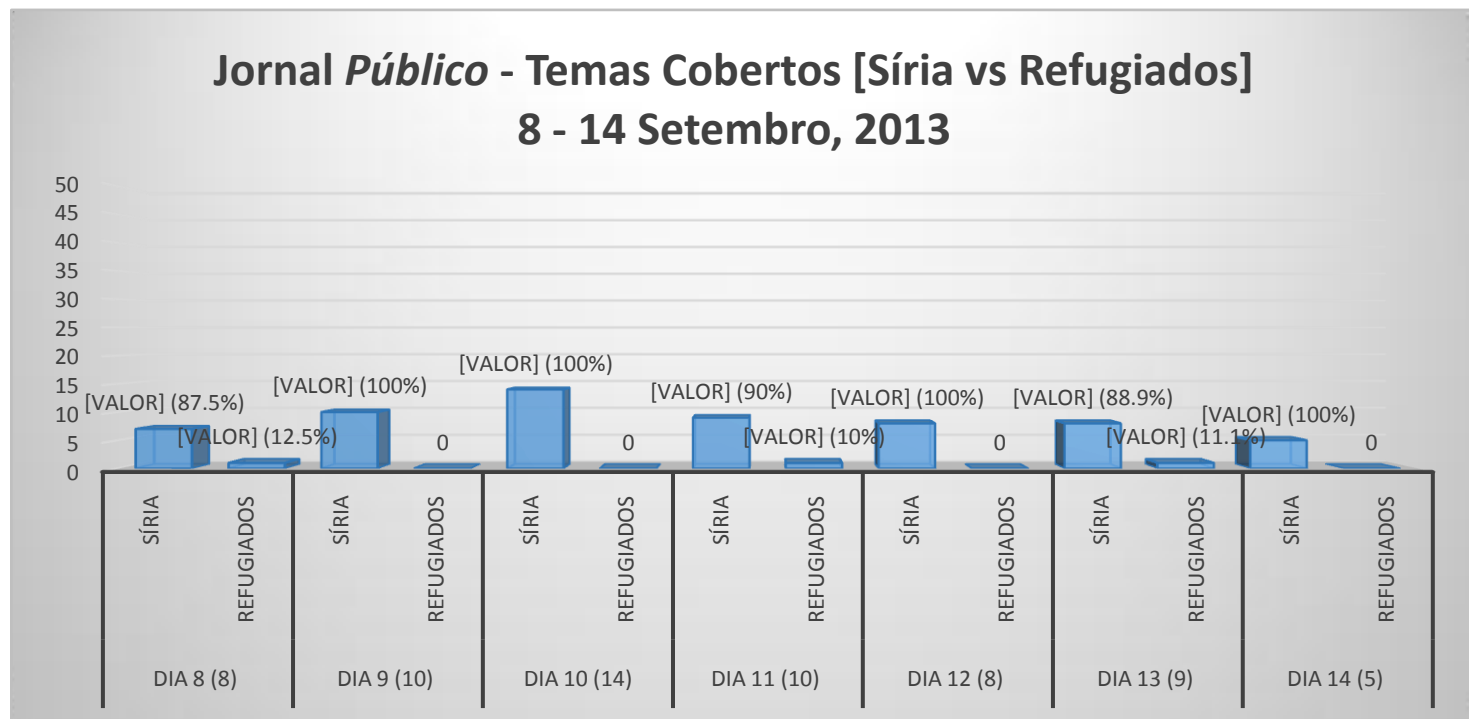


Gráfico 13 – Jornal *Público*: Número e Percentagem de Publicações por Temas Cobertos, Por Dia - Síria vs Refugiados (8 – 14 de Setembro de 2013)

Jornal *Público* - Temas Cobertos [Síria vs Refugiados]

2ª Semana de Análise: 6 - 12 Setembro, 2015

DIA 6 (7)	SÍRIA	1
	REFUGIADOS	6
DIA 7 (6)	SÍRIA	1
	REFUGIADOS	5
DIA 8 (9)	SÍRIA	0
	REFUGIADOS	9
DIA 9 (11)	SÍRIA	2
	REFUGIADOS	9
DIA 10 (7)	SÍRIA	1
	REFUGIADOS	6
DIA 11 (3)	SÍRIA	1

	REFUGIADOS	2
DIA 12 (7)	SÍRIA	1
	REFUGIADOS	6

Tabela 14 – Jornal *Público*: Número de Publicações por Temas Cobertos, Por Dia - Síria vs Refugiados (6 – 12 de Setembro de 2015)

Jornal *Público* - Temas Cobertos [Síria vs Refugiados] 6 - 12 Setembro, 2015

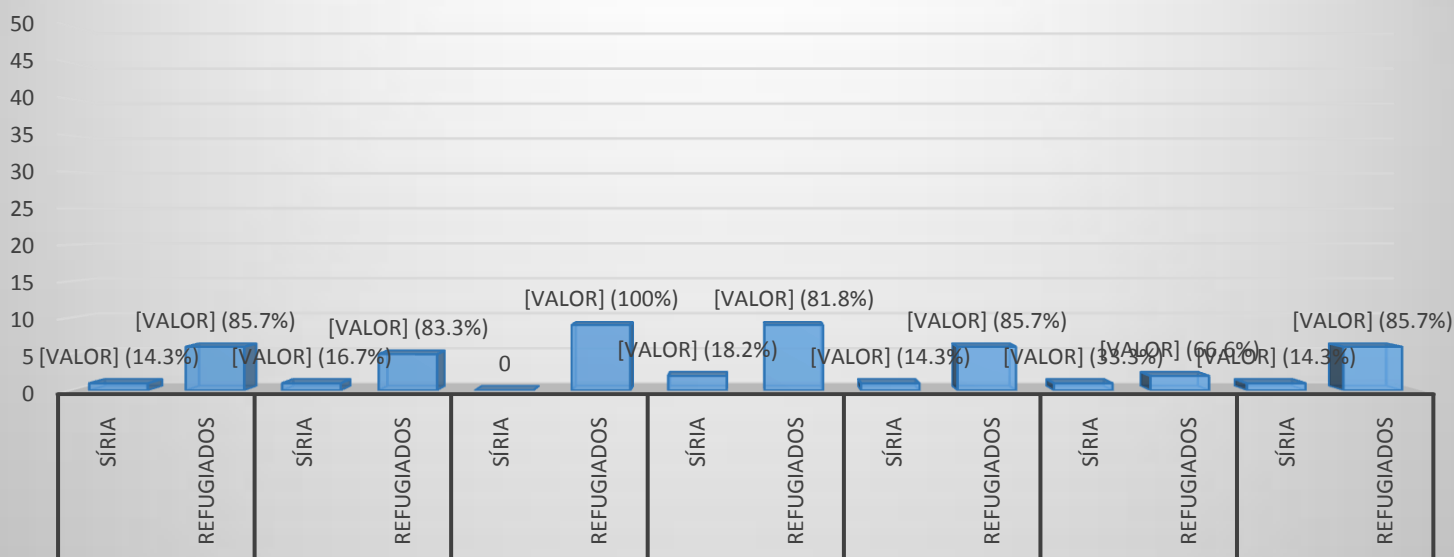


Gráfico 14 – Jornal *Público*: Número e Percentagem de Publicações por Temas Cobertos, Por Dia - Síria vs Refugiados (6 – 12 de Setembro de 2015)

Jornal *Público* - Temas Cobertos [Síria vs Refugiados]

3ª Semana de Análise: 15 - 21 Março, 2016

DIA 15 (2)	SÍRIA	1
	REFUGIADOS	1
DIA 16 (2)	SÍRIA	0
	REFUGIADOS	2
DIA 17 (3)	SÍRIA	1
	REFUGIADOS	2
DIA 18 (4)	SÍRIA	0
	REFUGIADOS	4
DIA 19 (2)	SÍRIA	1
	REFUGIADOS	1
DIA 20 (2)	SÍRIA	1
	REFUGIADOS	1
DIA 21 (2)	SÍRIA	0

	REFUGIADOS	2
--	------------	---

Tabela 15 – Jornal *Público*: Número de Publicações por Temas Cobertos, Por Dia - Síria vs Refugiados (15 – 21 de Março de 2016)

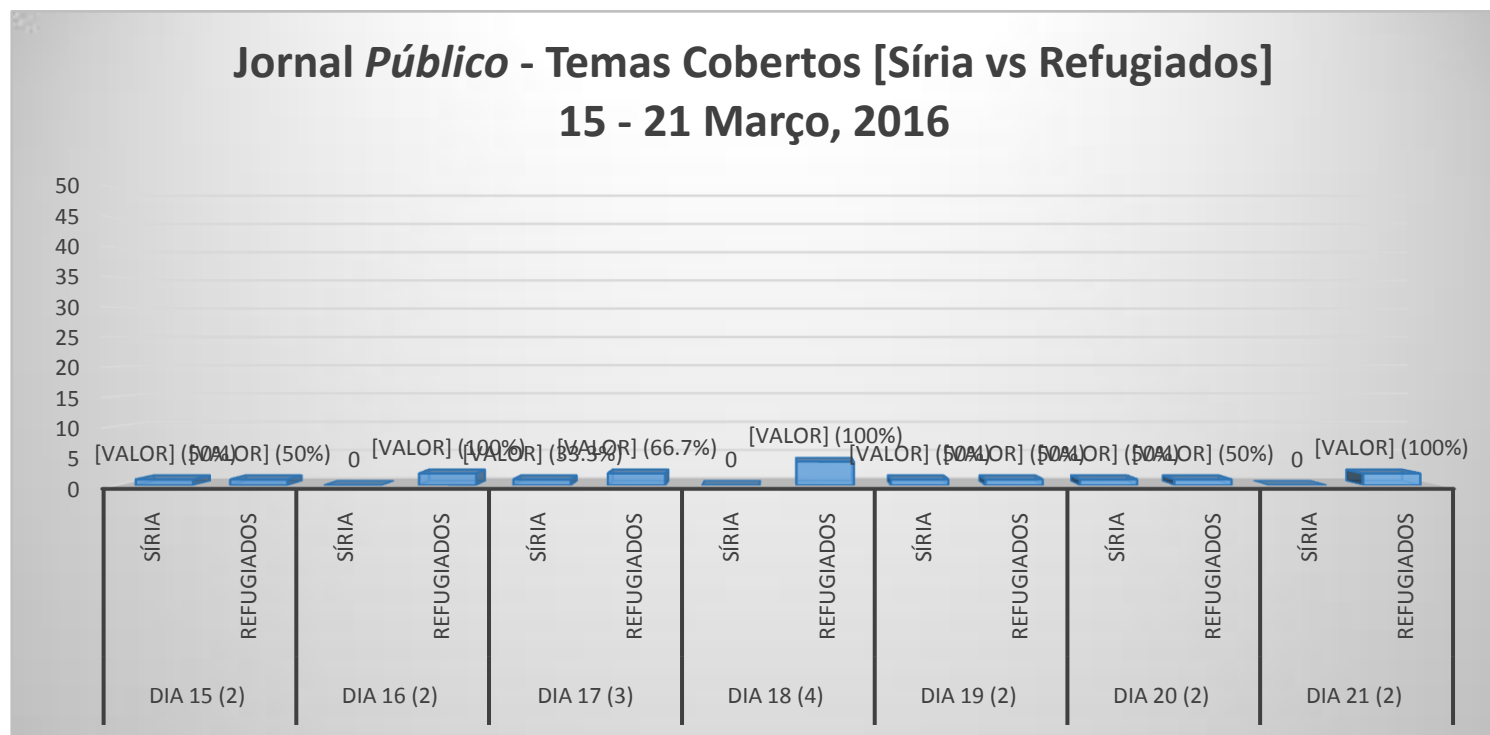


Gráfico 15 – Jornal *Público*: Número e Percentagem de Publicações por Temas Cobertos, Por Dia - Síria vs Refugiados (15 – 21 de Março de 2016)

Jornal *Público* - Temas Cobertos [Síria vs Refugiados]

4ª Semana de Análise: 5 - 11 Setembro, 2016

DIA 5 (2)	SÍRIA	1
	REFUGIADOS	1
DIA 6 (3)	SÍRIA	0
	REFUGIADOS	3
DIA 7 (4)	SÍRIA	2
	REFUGIADOS	2
DIA 8 (2)	SÍRIA	0
	REFUGIADOS	2
DIA 9 (2)	SÍRIA	0
	REFUGIADOS	2
DIA 10 (1)	SÍRIA	1
	REFUGIADOS	0
DIA 11 (2)	SÍRIA	2

	REFUGIADOS	0
--	------------	---

Tabela 16 – Jornal *Público*: Número de Publicações por Temas Cobertos, Por Dia - Síria vs Refugiados (5 – 11 de Setembro de 2016)

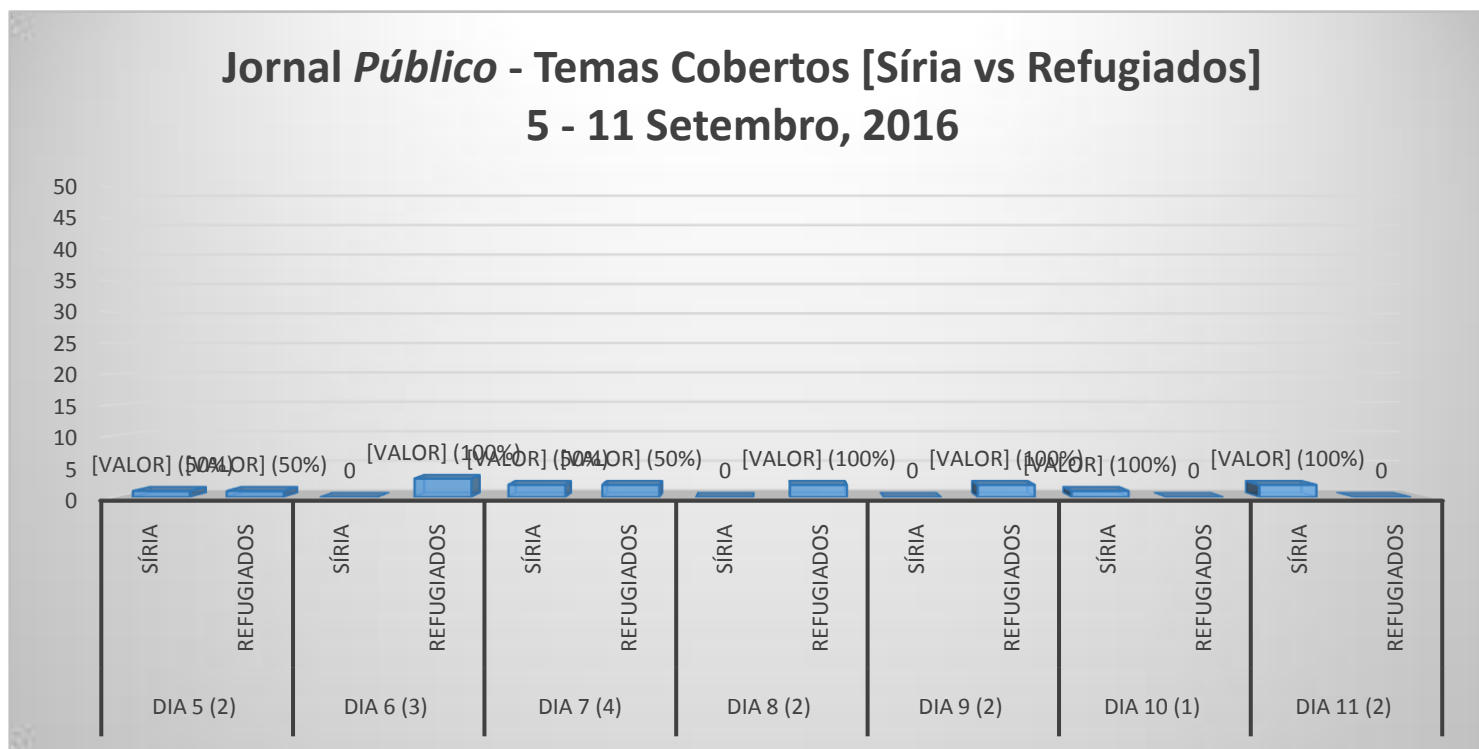


Gráfico 16 – Jornal *Público*: Número e Percentagem de Publicações por Temas Cobertos, Por Dia - Síria vs Refugiados (5 – 11 de Setembro de 2016)

Jornal *The Guardian* - Temas Cobertos [Síria vs Refugiados]

1ª Semana de Análise: 8 - 14 Setembro, 2013

DIA 8 (8)	SÍRIA	8
	REFUGIADOS	0
DIA 9 (19)	SÍRIA	19
	REFUGIADOS	0
DIA 10 (17)	SÍRIA	17
	REFUGIADOS	0
DIA 11 (11)	SÍRIA	11
	REFUGIADOS	0
DIA 12 (13)	SÍRIA	13
	REFUGIADOS	0
DIA 13 (8)	SÍRIA	7
	REFUGIADOS	1
DIA 14 (5)	SÍRIA	5

	REFUGIADOS	0
--	------------	---

Tabela 17 – Jornal *The Guardian*: Número de Publicações por Temas Cobertos, Por Dia - Síria vs Refugiados (8 – 14 de Setembro de 2013)

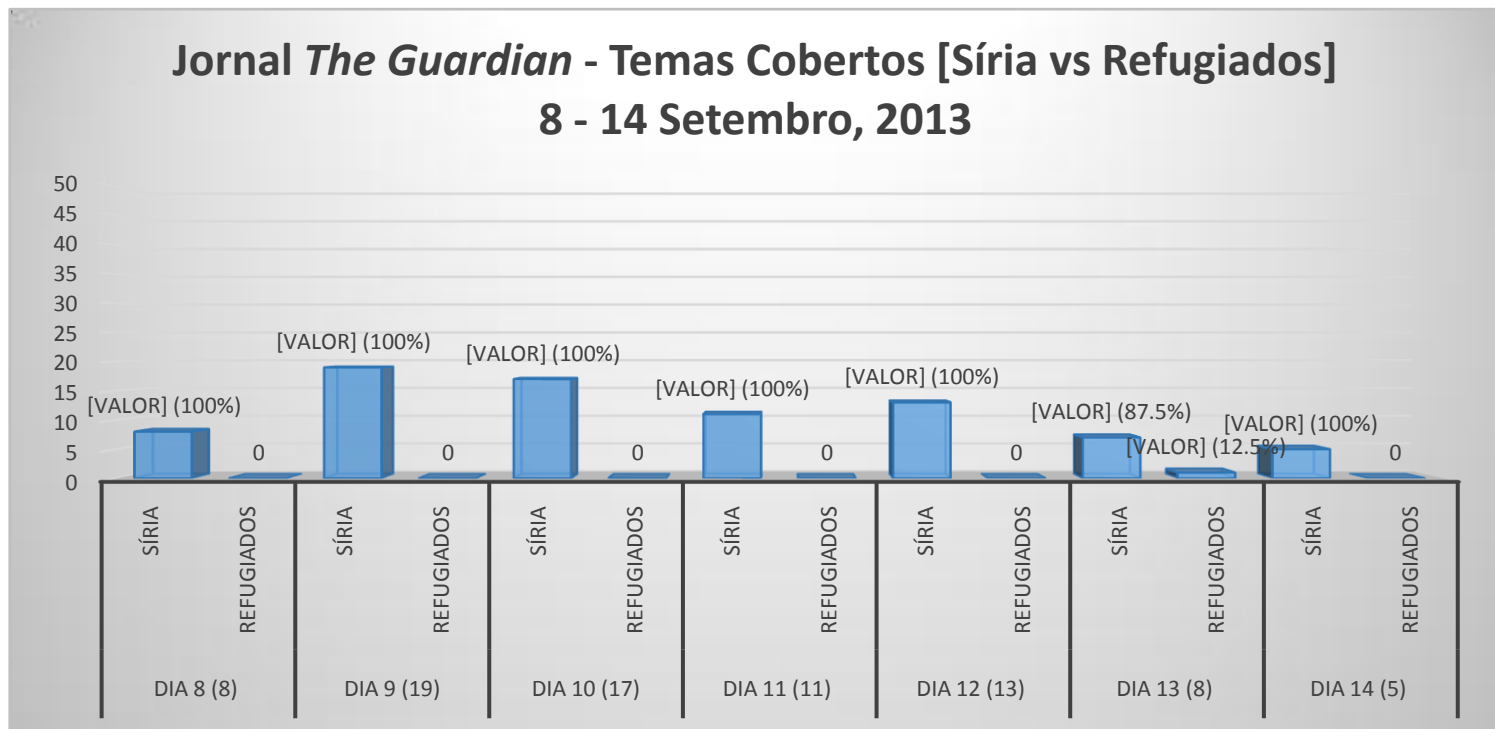


Gráfico 17 – Jornal *The Guardian*: Número e Percentagem de Publicações por Temas Cobertos, Por Dia - Síria vs Refugiados (8 – 14 de Setembro de 2013)

Jornal *The Guardian* - Temas Cobertos [Síria vs Refugiados]

2ª Semana de Análise: 6 - 12 Setembro, 2015

DIA 6 (21)	SÍRIA	2
	REFUGIADOS	19
DIA 7 (27)	SÍRIA	10
	REFUGIADOS	17
DIA 8 (33)	SÍRIA	19
	REFUGIADOS	14
DIA 9 (30)	SÍRIA	12
	REFUGIADOS	18
DIA 10 (16)	SÍRIA	5
	REFUGIADOS	11
DIA 11 (17)	SÍRIA	3
	REFUGIADOS	14
DIA 12 (8)	SÍRIA	4

	REFUGIADOS	4
--	------------	---

Tabela 18 – Jornal *The Guardian*: Número de Publicações por Temas Cobertos, Por Dia - Síria vs Refugiados (6 – 12 de Setembro de 2015)

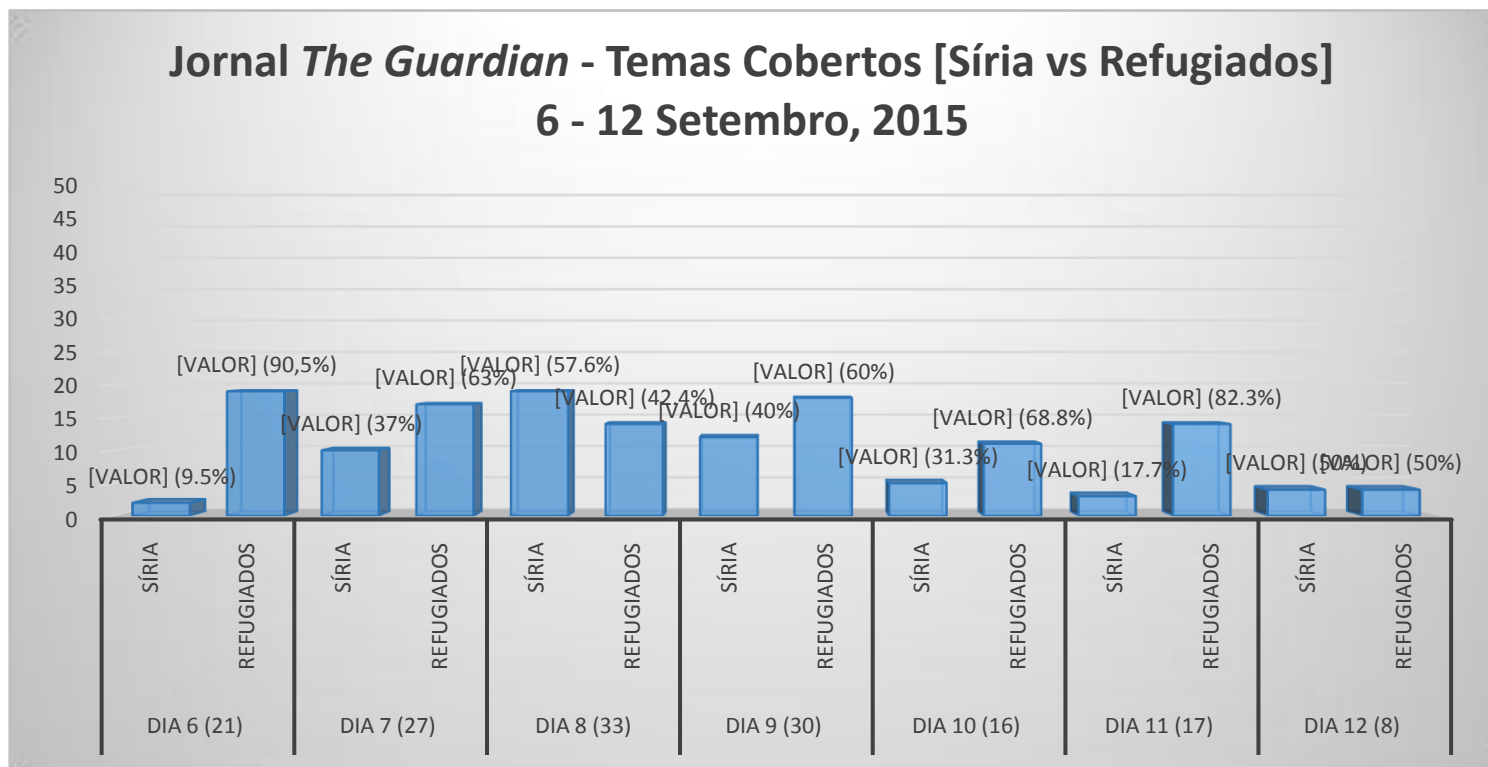


Gráfico 18 – Jornal *The Guardian*: Número e Percentagem de Publicações por Temas Cobertos, Por Dia - Síria vs Refugiados (6 – 12 de Setembro de 2015)

Jornal *The Guardian* - Temas Cobertos [Síria vs Refugiados]

3ª Semana de Análise: 15 - 21 Março, 2016

DIA 15 (16)	SÍRIA	12
	REFUGIADOS	4
DIA 16 (5)	SÍRIA	4
	REFUGIADOS	1
DIA 17 (8)	SÍRIA	3
	REFUGIADOS	5
DIA 18 (10)	SÍRIA	1
	REFUGIADOS	9
DIA 19 (0)	SÍRIA	0
	REFUGIADOS	0
DIA 20 (6)	SÍRIA	3
	REFUGIADOS	3
DIA 21 (5)	SÍRIA	4

	REFUGIADOS	1
--	------------	---

Tabela 19 – Jornal *The Guardian*: Número de Publicações por Temas Cobertos, Por Dia - Síria vs Refugiados (15 – 21 de Março de 2016)

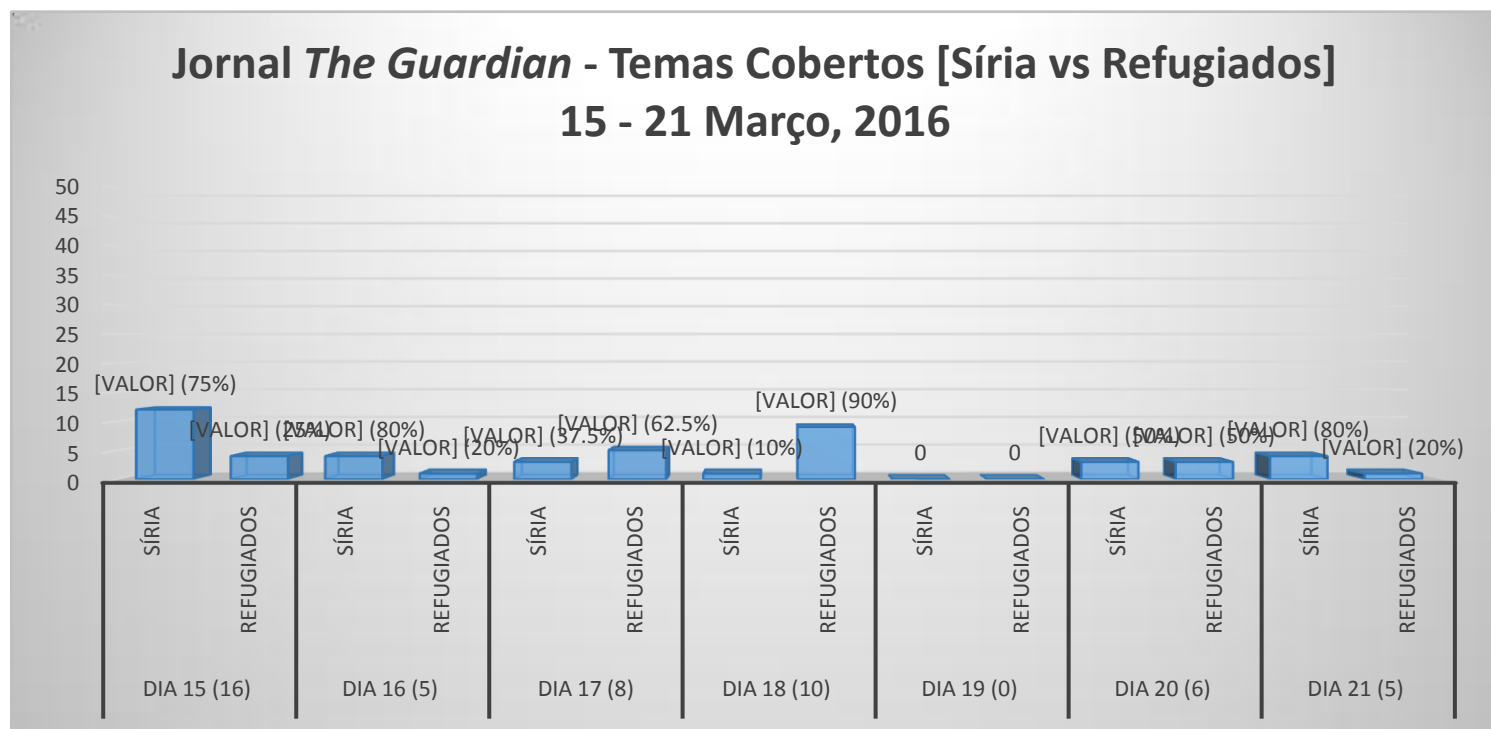


Gráfico 19 – Jornal *The Guardian*: Número e Percentagem de Publicações por Temas Cobertos, Por Dia - Síria vs Refugiados (15 – 21 de Março de 2016)

Jornal *The Guardian* - Temas Cobertos [Síria vs Refugiados]

4ª Semana de Análise: 5 - 11 Setembro, 2016

DIA 5 (3)	SÍRIA	3
	REFUGIADOS	0
DIA 6 (4)	SÍRIA	2
	REFUGIADOS	2
DIA 7 (7)	SÍRIA	5
	REFUGIADOS	2
DIA 8 (6)	SÍRIA	4
	REFUGIADOS	2
DIA 9 (2)	SÍRIA	2
	REFUGIADOS	0
DIA 10 (4)	SÍRIA	3
	REFUGIADOS	1
DIA 11 (4)	SÍRIA	4

	REFUGIADOS	0
--	------------	---

Tabela 20 – Jornal *The Guardian*: Número de Publicações por Temas Cobertos, Por Dia - Síria vs Refugiados (5 – 11 de Setembro de 2016)

Jornal *The Guardian* - Temas Cobertos [Síria vs Refugiados] 5 - 11 Setembro, 2016

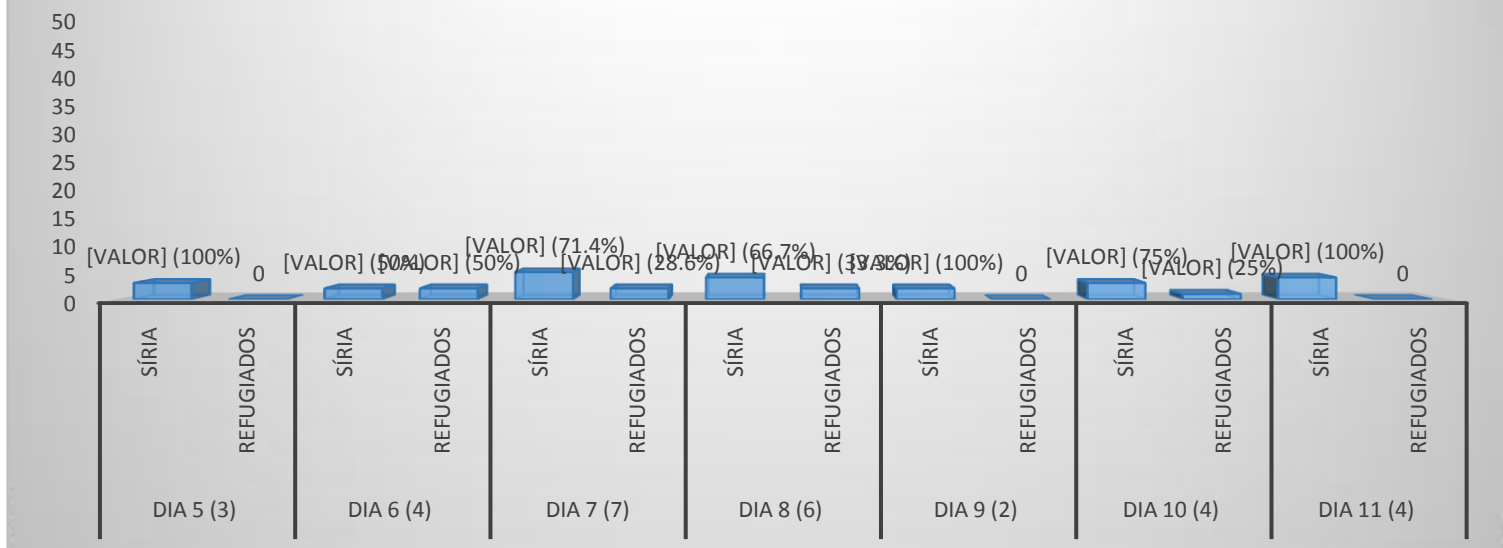


Gráfico 20 – Jornal *The Guardian*: Número e Percentagem de Publicações por Temas Cobertos, Por Dia - Síria vs Refugiados (5 – 11 de Setembro de 2016)

Jornal *The NYT* - Temas Cobertos [Síria vs Refugiados]

1ª Semana de Análise: 8 - 14 Setembro, 2013

DIA 8 (13)	SÍRIA	13
	REFUGIADOS	0
DIA 9 (17)	SÍRIA	16
	REFUGIADOS	1
DIA 10 (24)	SÍRIA	22
	REFUGIADOS	2
DIA 11 (18)	SÍRIA	18
	REFUGIADOS	0
DIA 12 (13)	SÍRIA	13
	REFUGIADOS	0
DIA 13 (11)	SÍRIA	10
	REFUGIADOS	1
DIA 14 (10)	SÍRIA	10

	REFUGIADOS	0
--	------------	---

Tabela 21 – Jornal *The NYT*: Número de Publicações por Temas Cobertos, Por Dia - Síria vs Refugiados (8 – 14 de Setembro de 2013)

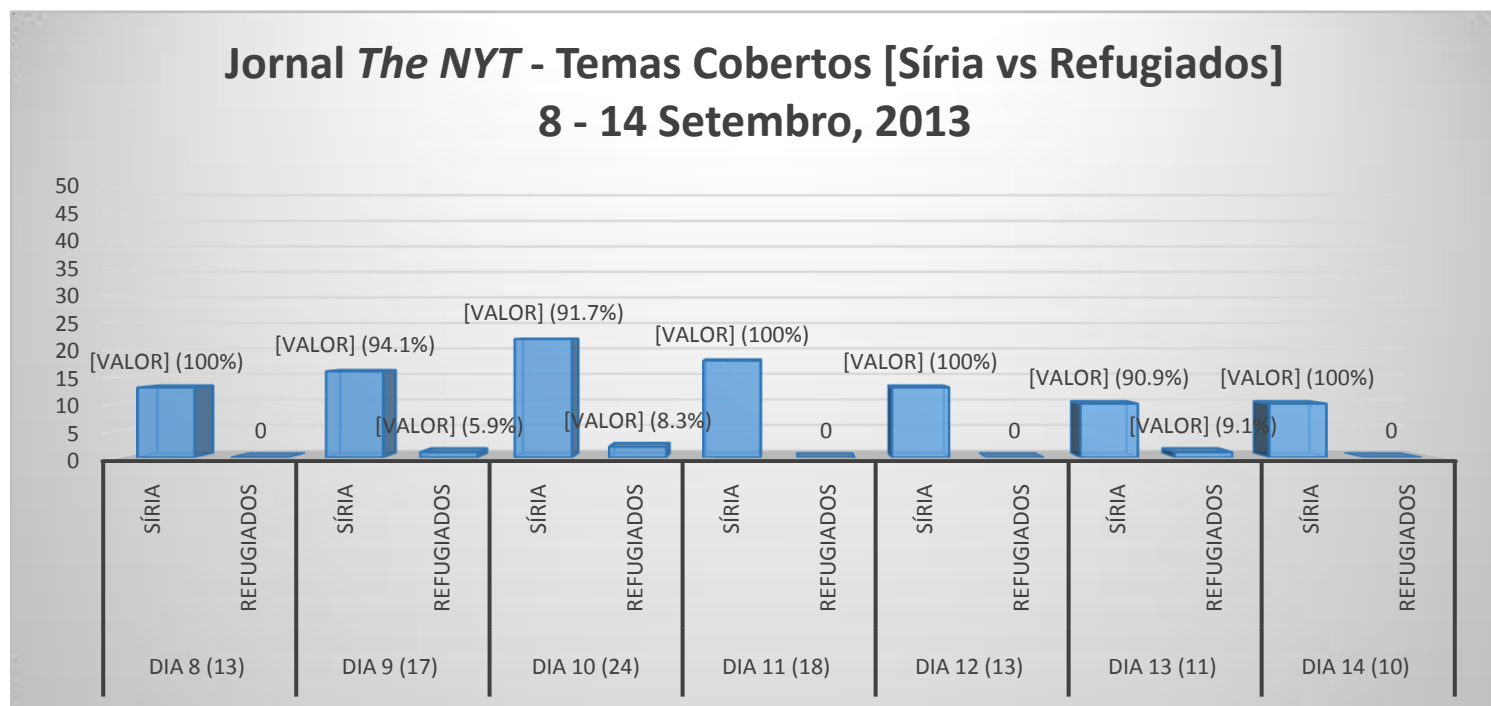


Gráfico 21 – Jornal *The NYT*: Número e Percentagem de Publicações por Temas Cobertos, Por Dia - Síria vs Refugiados (8 – 14 de Setembro de 2013)

Jornal *The NYT* - Temas Cobertos [Síria vs Refugiados]

2ª Semana de Análise: 6 - 12 Setembro, 2015

DIA 6 (9)	SÍRIA	1
	REFUGIADOS	8
DIA 7 (10)	SÍRIA	3
	REFUGIADOS	7
DIA 8 (16)	SÍRIA	5
	REFUGIADOS	11
DIA 9 (21)	SÍRIA	3
	REFUGIADOS	18
DIA 10 (10)	SÍRIA	1
	REFUGIADOS	9
DIA 11 (17)	SÍRIA	5
	REFUGIADOS	12
DIA 12 (3)	SÍRIA	1

	REFUGIADOS	2
--	------------	---

Tabela 22 – Jornal *The NYT*: Número de Publicações por Temas Cobertos, Por Dia - Síria vs Refugiados (6 – 12 de Setembro de 2015)

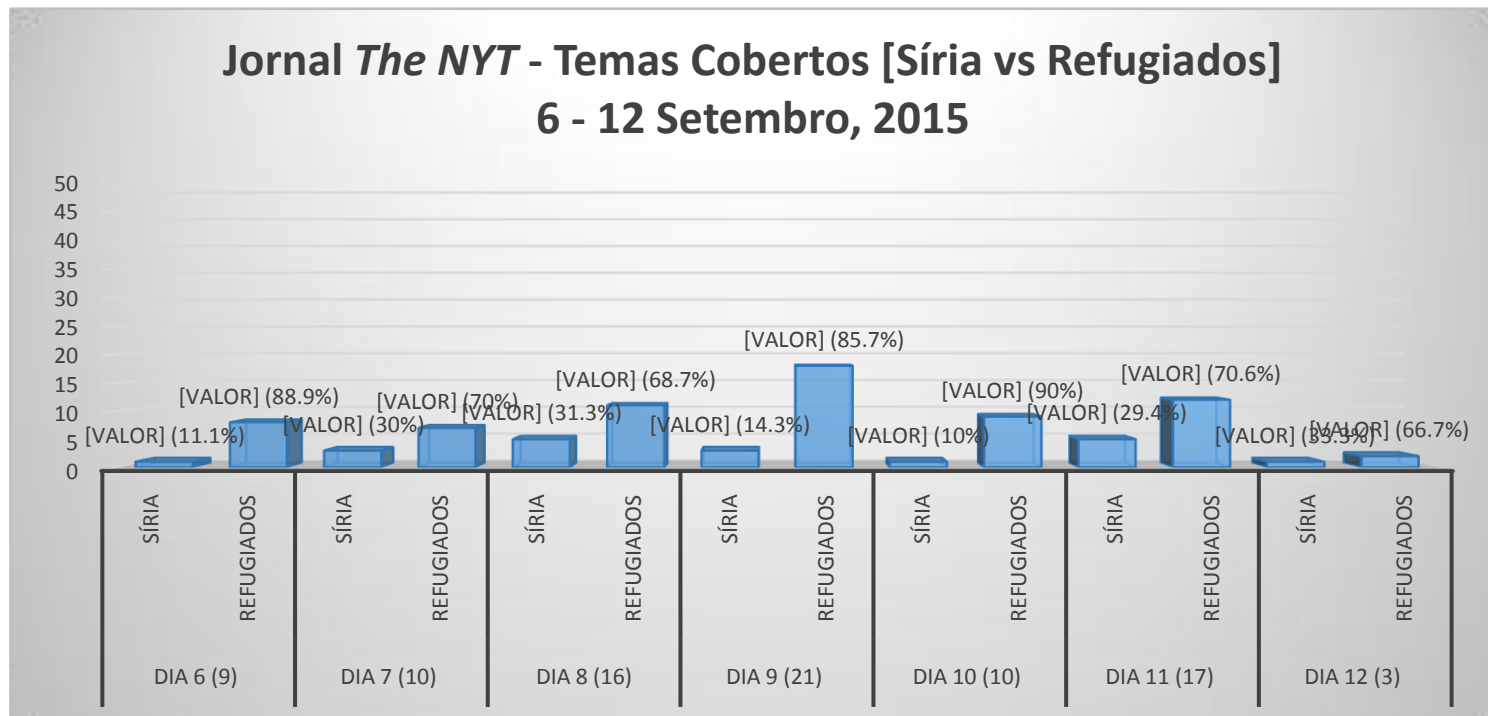


Gráfico 22 – Jornal *The NYT*: Número e Percentagem de Publicações por Temas Cobertos, Por Dia - Síria vs Refugiados (6 – 12 de Setembro de 2015)

Jornal *The NYT* - Temas Cobertos [Síria vs Refugiados]

3ª Semana de Análise: 15 - 21 Março, 2016

DIA 15 (9)	SÍRIA	7
	REFUGIADOS	2
DIA 16 (4)	SÍRIA	1
	REFUGIADOS	3
DIA 17 (12)	SÍRIA	9
	REFUGIADOS	3
DIA 18 (7)	SÍRIA	5
	REFUGIADOS	2
DIA 19 (2)	SÍRIA	1
	REFUGIADOS	1
DIA 20 (2)	SÍRIA	0
	REFUGIADOS	2
DIA 21 (4)	SÍRIA	1

	REFUGIADOS	3
--	------------	---

Tabela 23 – Jornal *The NYT*: Número de Publicações por Temas Cobertos, Por Dia - Síria vs Refugiados (15 – 21 de Março de 2016)

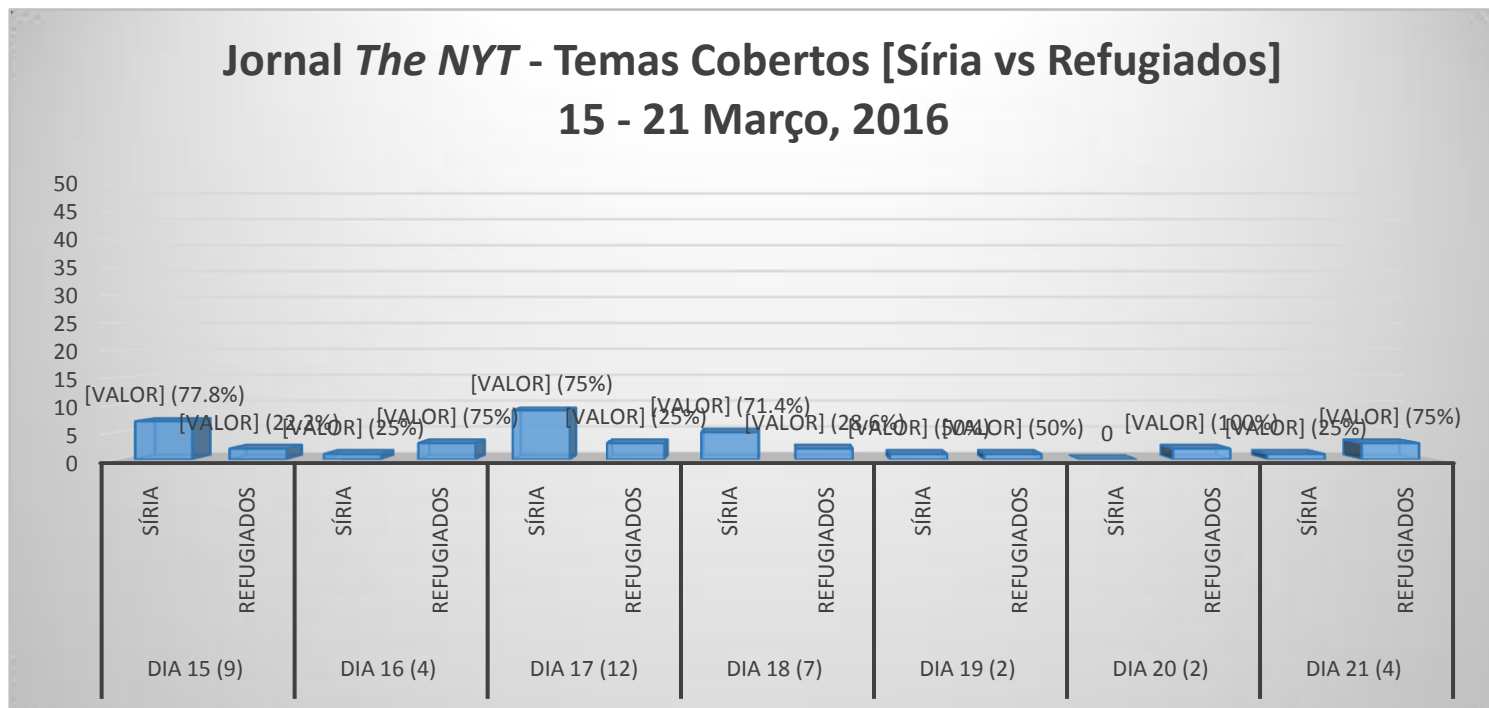


Gráfico 23 – Jornal *The NYT*: Número e Percentagem de Publicações por Temas Cobertos, Por Dia - Síria vs Refugiados (15 – 21 de Março de 2016)

Jornal *The NYT* - Temas Cobertos [Síria vs Refugiados]

4ª Semana de Análise: 5 - 11 Setembro, 2016

DIA 5 (3)	SÍRIA	2
	REFUGIADOS	1
DIA 6 (2)	SÍRIA	0
	REFUGIADOS	2
DIA 7 (5)	SÍRIA	3
	REFUGIADOS	2
DIA 8 (2)	SÍRIA	1
	REFUGIADOS	1
DIA 9 (1)	SÍRIA	1
	REFUGIADOS	0
DIA 10 (1)	SÍRIA	1
	REFUGIADOS	0
DIA 11 (1)	SÍRIA	1

	REFUGIADOS	0
--	------------	---

Tabela 24 – Jornal *The NYT*: Número de Publicações por Temas Cobertos, Por Dia - Síria vs Refugiados (5 – 11 de Setembro de 2016)

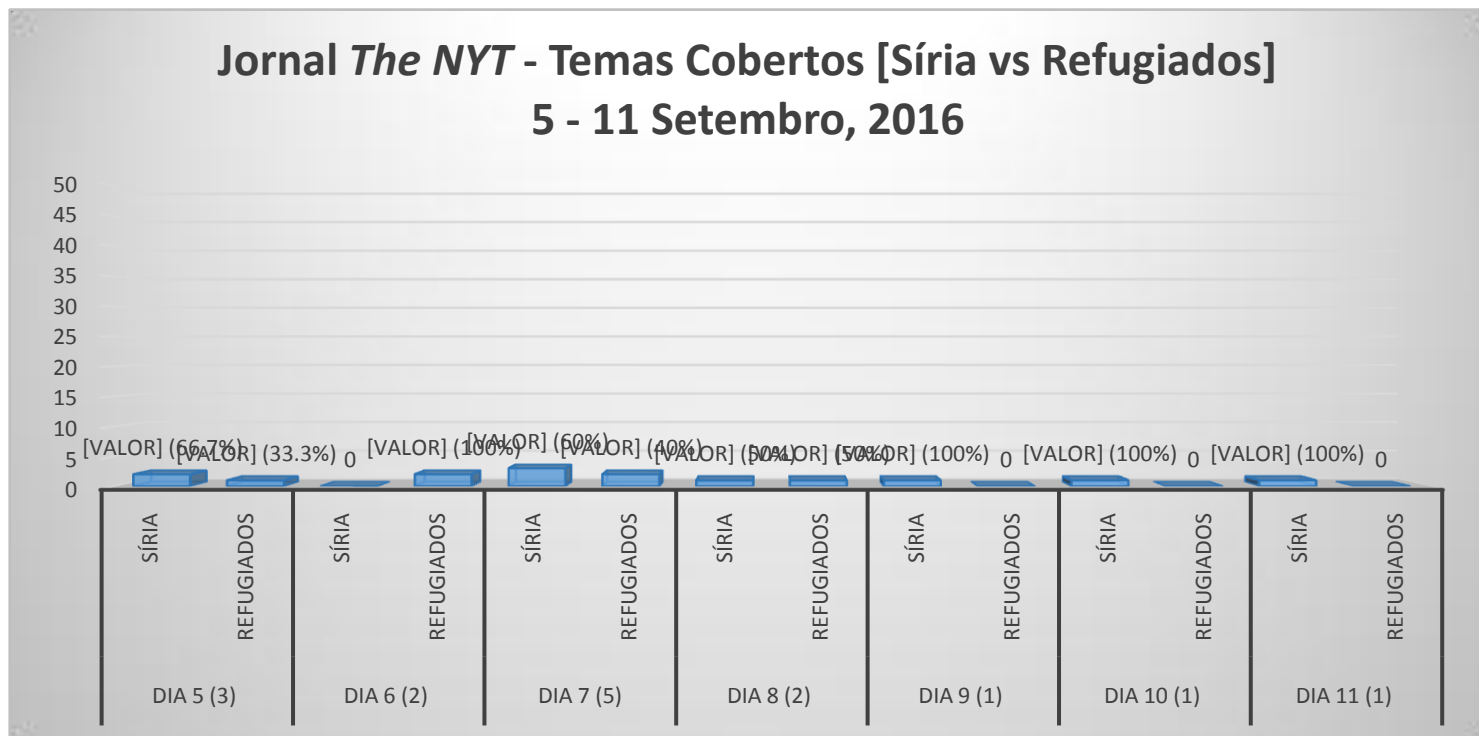


Gráfico 24 – Jornal *The NYT*: Número e Percentagem de Publicações por Temas Cobertos, Por Dia - Síria vs Refugiados (5 – 11 de Setembro de 2016)

Comparação entre Jornais – Temas Cobertos [Síria vs Refugiados]

1ª Semana de Análise: 8 - 14 Setembro, 2013

<i>PÚBLICO</i> (64)	SÍRIA	61
	REFUGIADOS	3
<i>THE GUARDIAN</i> (81)	SÍRIA	80
	REFUGIADOS	1
<i>THE NYT</i> (105)	SÍRIA	102
	REFUGIADOS	4

Tabela 25 – Comparação entre Jornais: Número de Publicações por Temas Cobertos - Síria vs Refugiados (8 – 14 de Setembro de 2013)

Comparação entre Jornais: Temas Cobertos [Síria vs Refugiados] 8 - 14 Setembro, 2013

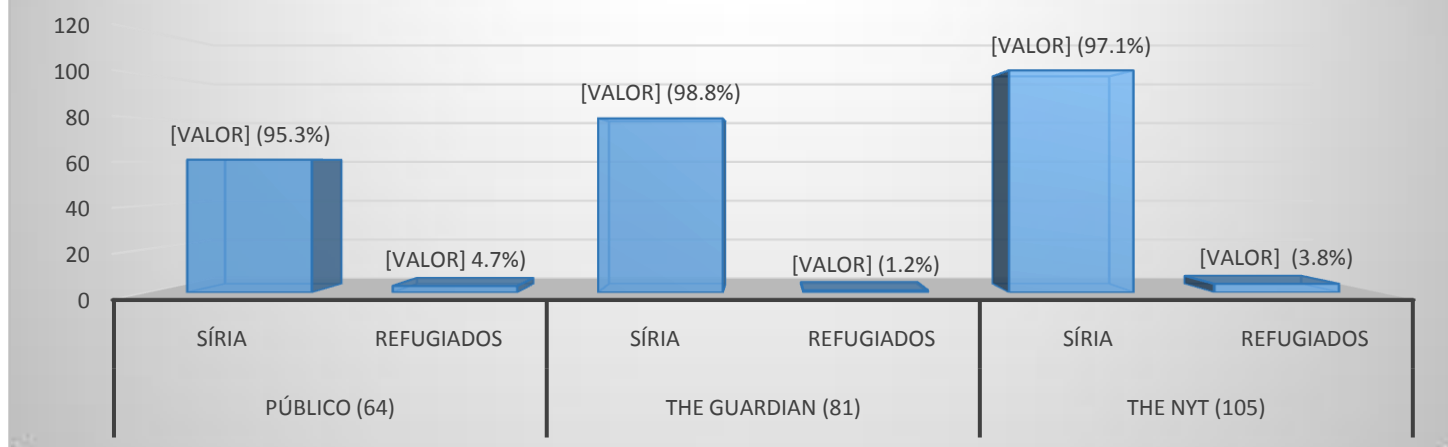


Gráfico 25 – Comparação entre Jornais: Número e Percentagem de Publicações por Temas Cobertos - Síria vs Refugiados (8 – 14 de Setembro de 2013)

Comparação entre Jornais – Temas Cobertos [Síria vs Refugiados]

2ª Semana de Análise: 6 - 12 Setembro, 2015

PÚBLICO (50)	SÍRIA	7
	REFUGIADOS	43
THE GUARDIAN (151)	SÍRIA	55
	REFUGIADOS	97
THE NYT (86)	SÍRIA	19
	REFUGIADOS	67

Tabela 26 – Comparação entre Jornais: Número de Publicações por Temas Cobertos - Síria vs Refugiados (6 – 12 de Setembro de 2015)

Comparação entre Jornais: Temas Cobertos [Síria vs Refugiados] 6 - 12 Setembro, 2015

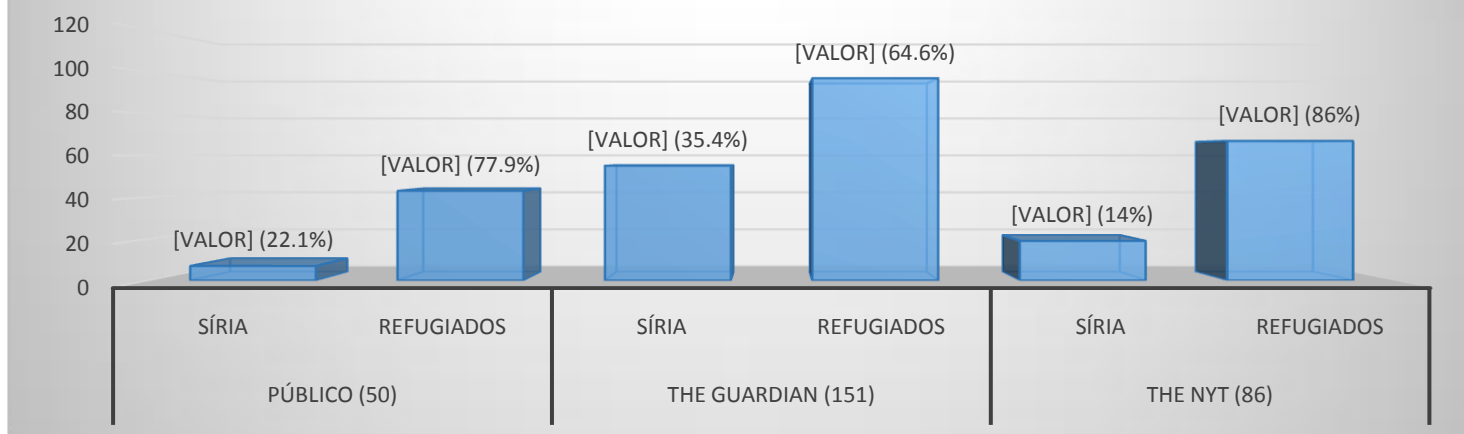


Gráfico 26 – Comparação entre Jornais: Número e Percentagem de Publicações por Temas Cobertos - Síria vs Refugiados (6 – 12 de Setembro de 2015)

Comparação entre Jornais – Temas Cobertos [Síria vs Refugiados]

3ª Semana de Análise: 15 - 21 Março, 2016

<i>PÚBLICO</i> (17)	SÍRIA	4
	REFUGIADOS	13
<i>THE GUARDIAN</i> (50)	SÍRIA	27
	REFUGIADOS	23
<i>THE NYT</i> (40)	SÍRIA	24
	REFUGIADOS	16

Tabela 27 – Comparação entre Jornais: Número de Publicações por Temas Cobertos - Síria vs Refugiados (15 – 21 de Março de 2016)

Comparação entre Jornais: Temas Cobertos [Síria vs Refugiados] 15 - 21 Março, 2016

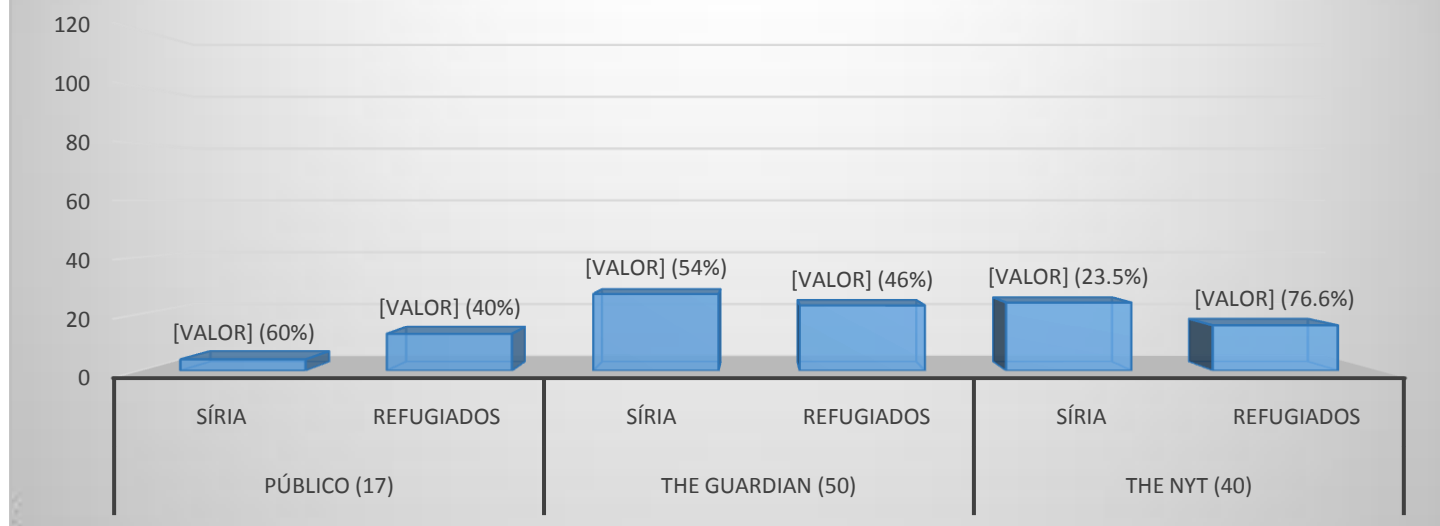


Gráfico 27 – Comparação entre Jornais: Número e Percentagem de Publicações por Temas Cobertos - Síria vs Refugiados (15 – 21 de Março de 2016)

Comparação entre Jornais – Temas Cobertos [Síria vs Refugiados]

4ª Semana de Análise: 5 - 11 Setembro, 2016

PÚBLICO (16)	SÍRIA	6
	REFUGIADOS	10
THE GUARDIAN (30)	SÍRIA	23
	REFUGIADOS	7
THE NYT (15)	SÍRIA	9
	REFUGIADOS	6

Tabela 28 – Comparação entre Jornais: Número de Publicações por Temas Cobertos - Síria vs Refugiados (5 – 11 de Setembro de 2016)

Comparação entre Jornais: Temas Cobertos [Síria vs Refugiados] 5 - 11 Setembro, 2016

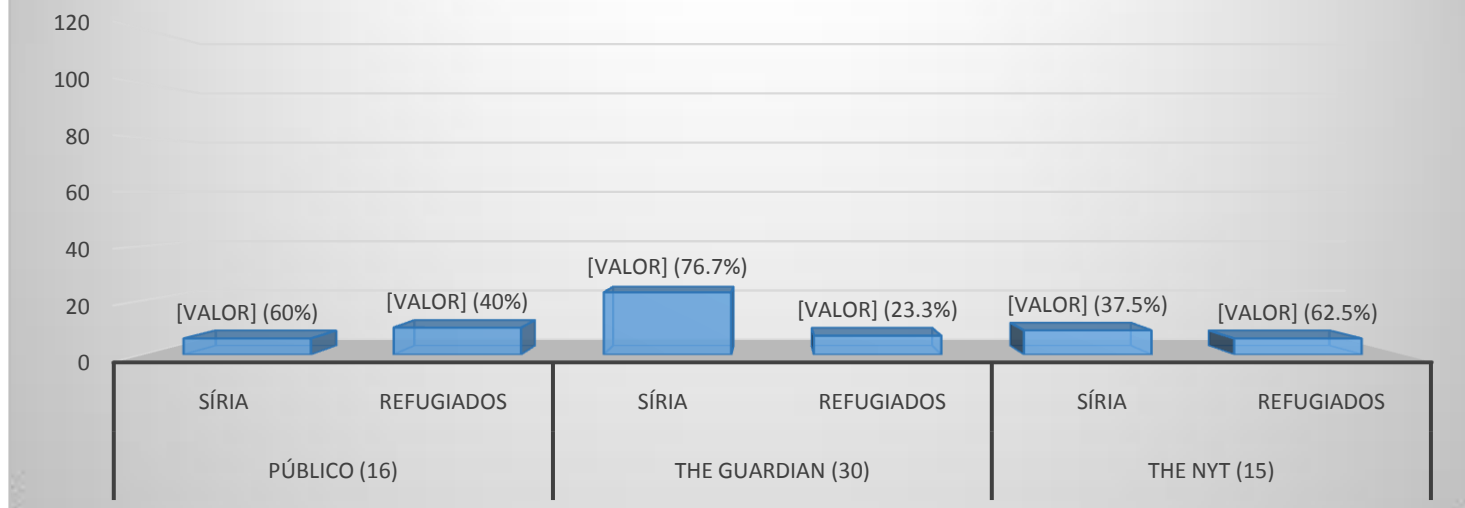


Gráfico 28 – Comparação entre Jornais: Número e Percentagem de Publicações por Temas Cobertos - Síria vs Refugiados (5 – 11 de Setembro de 2016)

Comparação entre Jornais – Fontes

1ª Semana de Análise: 8 - 14 Setembro, 2013

PÚBLICO (64)	REDACÇÃO	54
	CORRESPONDENTES	3
	AGÊNCIAS NOTICIOSAS	4
	OUTROS	3
THE GUARDIAN (81)	REDACÇÃO	49
	CORRESPONDENTES	20
	AGÊNCIAS NOTICIOSAS	12
	OUTROS	0
THE NYT (105)	REDACÇÃO	75

	CORRESPONDENTES	20
	AGÊNCIAS NOTICIOSAS	8
	OUTROS	3

Tabela 29 – Comparação entre Jornais: Número de Publicações por Fontes (8 – 14 de Setembro de 2013)

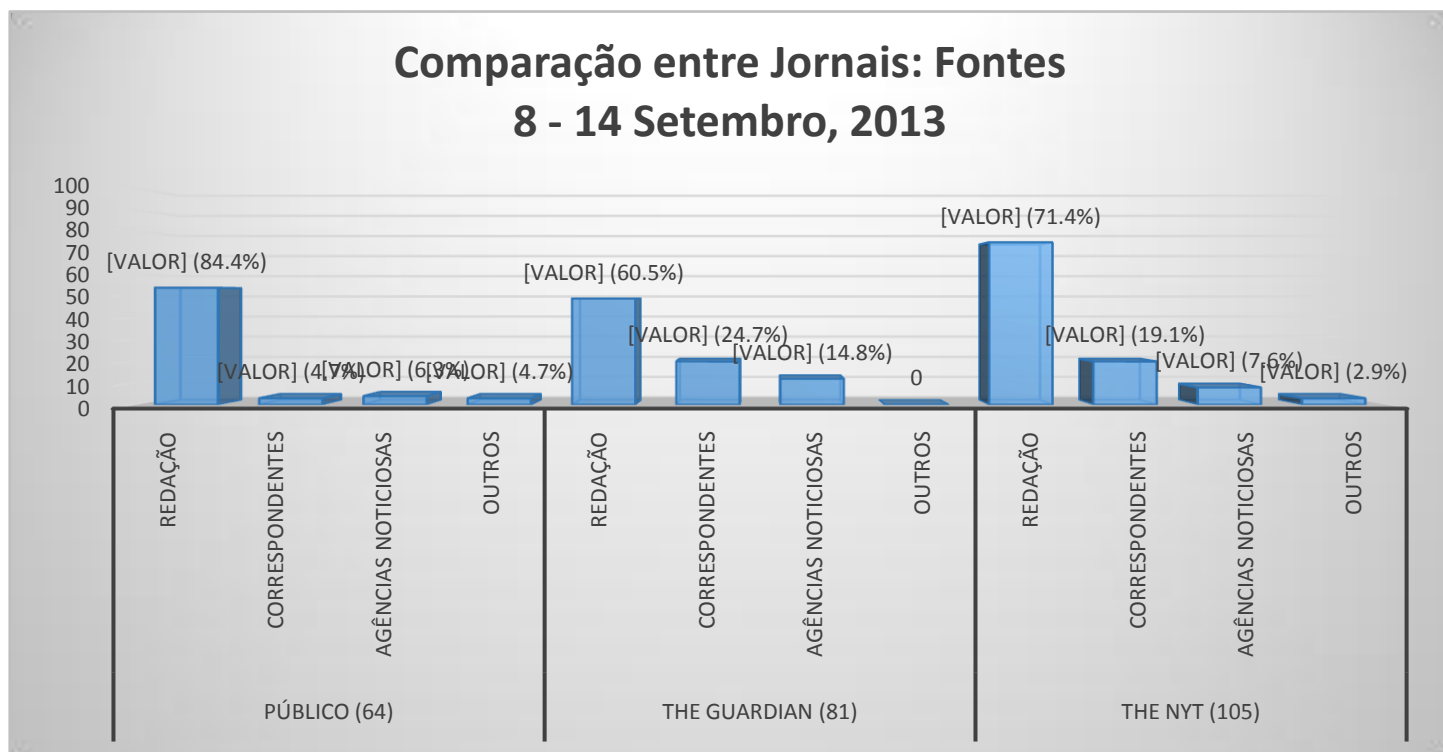


Gráfico 29 – Comparação entre Jornais: Número e Percentagem de Publicações por Fonte (8 – 14 de Setembro de 2013)

Comparação entre Jornais – Fontes

2ª Semana de Análise: 6 - 12 Setembro, 2015

<i>PÚBLICO</i> (50)	REDACÇÃO	42
	CORRESPONDENTES	1
	AGÊNCIAS NOTICIOSAS	6
	OUTROS	1
<i>THE GUARDIAN</i> (151)	REDACÇÃO	81
	CORRESPONDENTES	38
	AGÊNCIAS NOTICIOSAS	26
	OUTROS	7
<i>THE NYT</i> (86)	REDACÇÃO	36

	CORRESPONDENTES	25
	AGÊNCIAS NOTICIOSAS	25
	OUTROS	0

Tabela 30 – Comparação entre Jornais: Número de Publicações por Fontes (6 – 12 de Setembro de 2015)

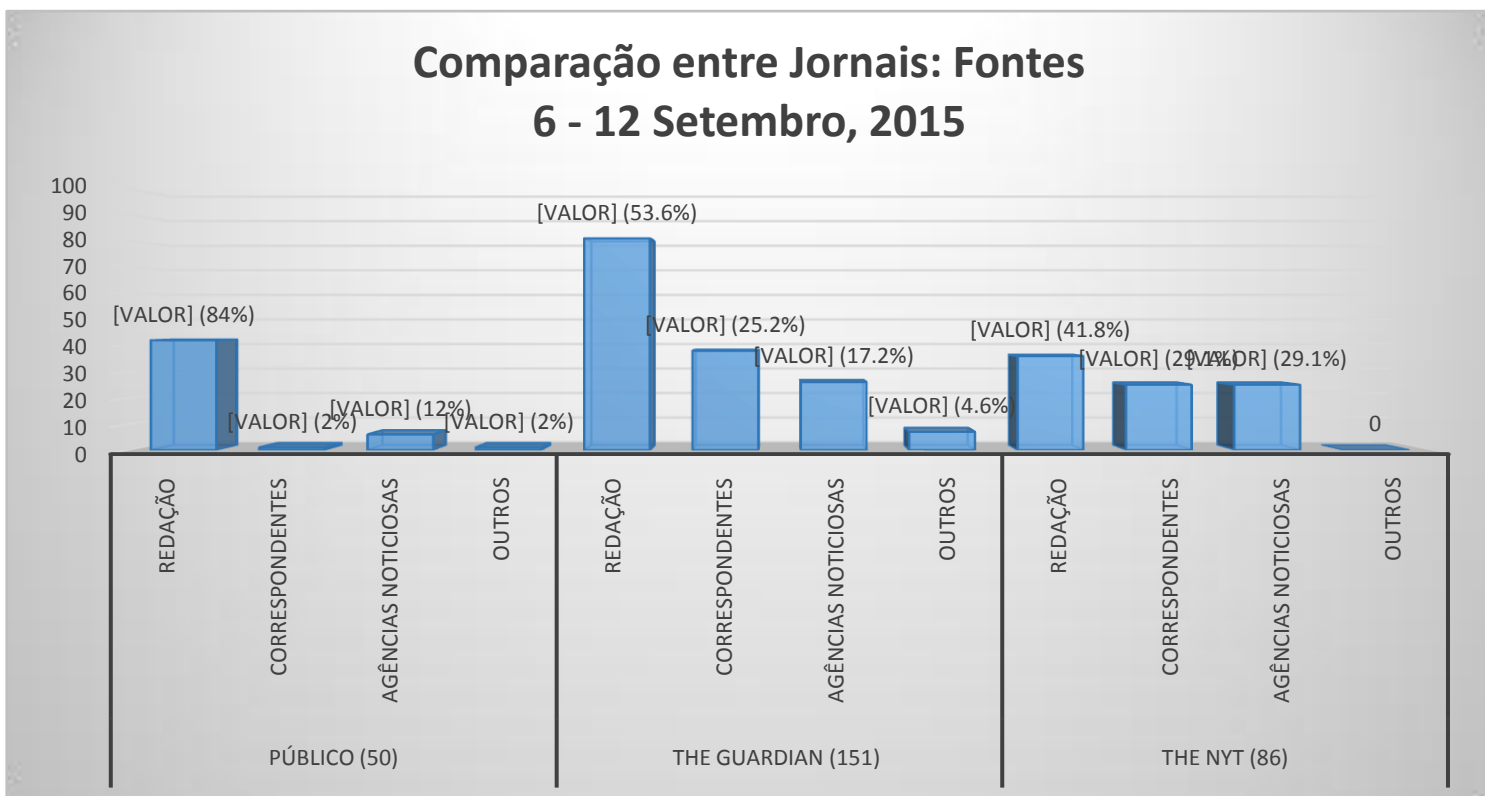


Gráfico 30 – Comparação entre Jornais: Número e Percentagem de Publicações por Fontes (6 – 12 de Setembro de 2015)

Comparação entre Jornais – Fontes

3ª Semana de Análise: 15 - 21 Março, 2016

<i>PÚBLICO</i> (17)	REDACÇÃO	13
	CORRESPONDENTES	0
	AGÊNCIAS NOTICIOSAS	4
	OUTROS	0
<i>THE GUARDIAN</i> (50)	REDACÇÃO	18
	CORRESPONDENTES	24
	AGÊNCIAS NOTICIOSAS	8
	OUTROS	0
<i>THE NYT</i> (40)	REDACÇÃO	18

	CORRESPONDENTES	17
	AGÊNCIAS NOTICIOSAS	5
	OUTROS	0

Tabela 31 – Comparação entre Jornais: Número de Publicações por Fontes (15 – 21 de Março de 2016)

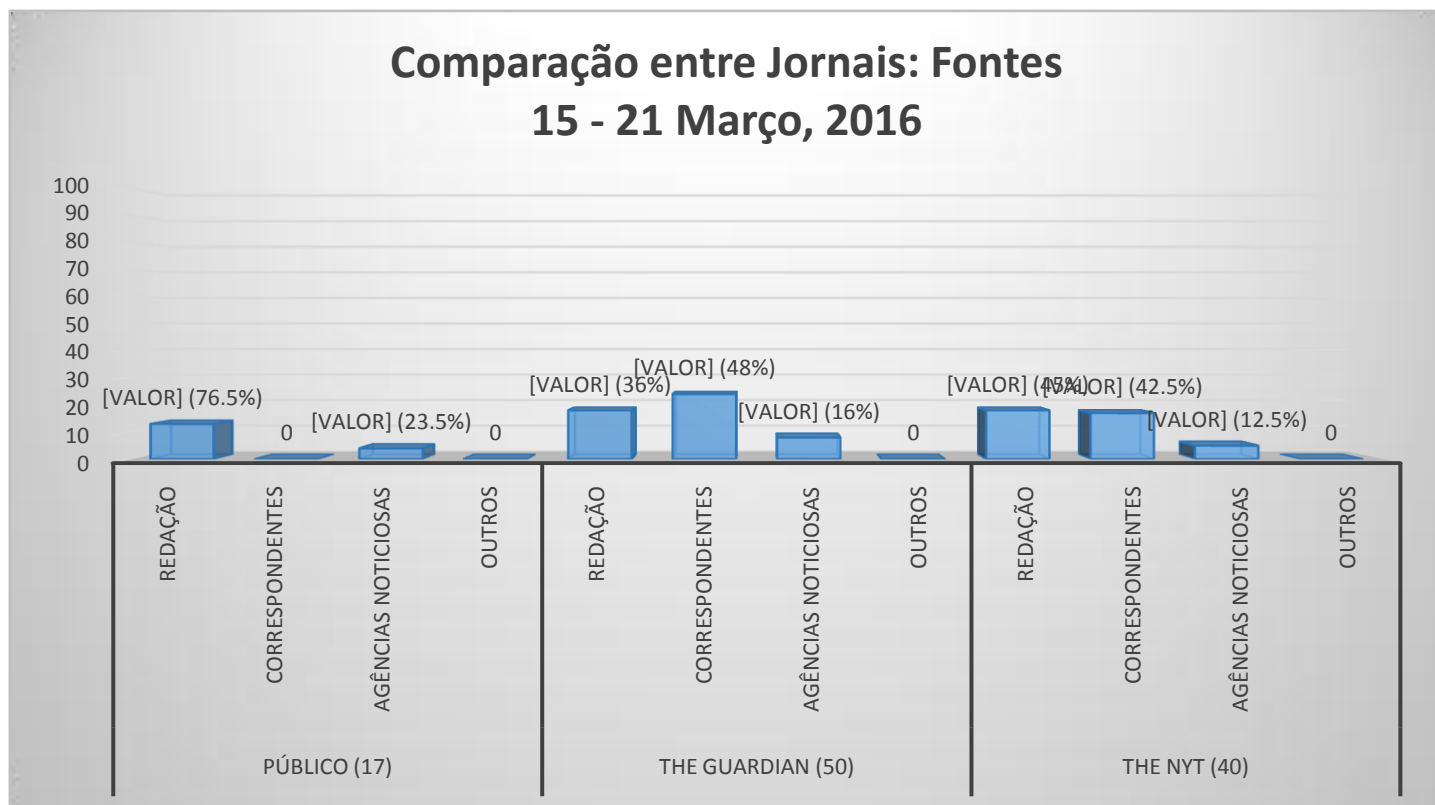


Gráfico 31 – Comparação entre Jornais: Número e Percentagem de Publicações por Fontes (15 – 21 de Março de 2016)

Comparação entre Jornais – Fontes

4ª Semana de Análise: 5 - 11 Setembro, 2016

<i>PÚBLICO</i> (16)	REDACÇÃO	15
	CORRESPONDENTES	0
	AGÊNCIAS NOTICIOSAS	1
	OUTROS	0
<i>THE GUARDIAN</i> (30)	REDACÇÃO	21
	CORRESPONDENTES	4
	AGÊNCIAS NOTICIOSAS	4
	OUTROS	1
<i>THE NYT</i> (15)	REDACÇÃO	6

CORRESPONDENTES	8
AGÊNCIAS NOTICIOSAS	1
OUTROS	0

Tabela 32 – Comparação entre Jornais: Número de Publicações por Fontes (5 – 11 de Setembro de 2016)

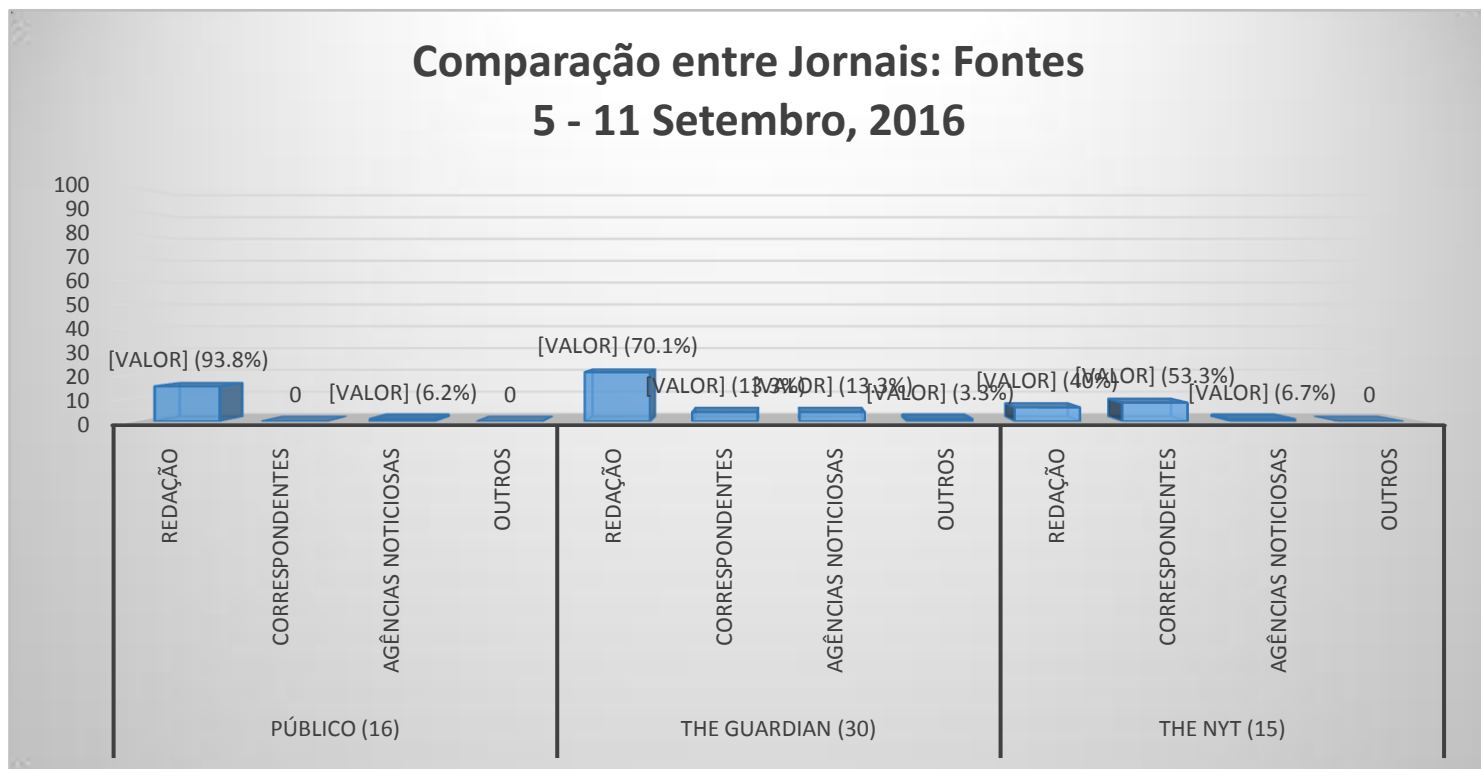


Gráfico 32 – Comparação entre Jornais: Número e Percentagem de Publicações por Fontes (5 – 11 de Setembro de 2016)